



EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Cidades enfrentam desafios na prevenção a desastres naturais

Apenas quatro municípios do estado atendem a todos os critérios de gestão de riscos do Governo Federal. **Página 5**



Foto: Edson Matos

Enquadrada na categoria B, João Pessoa cumpre grande parte dos parâmetros exigidos, mas precisa implementar outras ações para chegar ao nível A

Título do Brasileirão será definido, hoje, com grande chance para o Botafogo

Time alvinegro enfrenta o São Paulo, às 16h, no Estádio Nilton Santos, precisando apenas de um empate. Globo, SporTV e Premiere transmitirão o jogo.

Página 24

Prefeituras da PB e de PE inscrevem para 221 vagas em concurso público

Nazarezinho e Cedro abriam editais para diferentes níveis de escolaridade, com remunerações que variam de R\$ 1,4 mil a R\$ 6 mil.

Página 16

■ “A vida, mesmo na hora do recreio, era uma prescrição. Tantos dias, tantas doses, o horizonte da cura entrevisto ansiosamente em contagem regressiva”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Foto: Leonardo Ariel

Fim de ano estimula reformas

Venda de material para pintura e realização de pequenos serviços pode crescer até 20%. Procura por profissionais especializados também aumenta.

Página 17

■ “Solha, antes de ser o escritor que é, é um leitor. Um leitor sem medidas, um caçador de imagens, um rastreador de ideias, um colecionador de beleza”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Mulheres tabajaras lançam coleção de moda inspirada na cultura e ancestralidade

Peças voltadas aos públicos adulto e infantil buscam redefinir padrões de beleza e dar visibilidade à diversidade indígena.

Página 25



Foto: João Pedrosa

Fest Aruanda faz homenagens a Manoel Clemente e Vladimir Carvalho

Festival entrega troféus às famílias e exibe o filme “A Pedra da Riqueza”, de 1975, realizado por Carvalho e dirigido por Clemente. A partir das 15h, no Cinépolis do Manaira Shopping.

Página 9

Pobreza em queda

Há cerca de três anos, ficou nacionalmente famosa uma fila específica. Pessoas em situação de extrema pobreza organizavam-se, uma atrás da outra, para receber a doação de pedaços de ossos com farrapos de carne. Para muitos naquelas circunstâncias, aquela era a única alimentação diária. Naquele ano de 2021, mais de 19 milhões de brasileiros acordavam sem saber se naquele dia faria alguma alimentação. A insegurança alimentar chegou a níveis que fizeram o Brasil voltar ao mapa internacional da fome.

Além da emblemática cena da “fila do osso”, que virou referência para a situação de falta de comida que afetava a vida das pessoas no Brasil, tornaram-se cada vez mais comuns episódios como famílias inteiras nos sinais das maiores cidades, onde crianças e seus pais pediam aos que passavam alguma ajuda para comer. A imagem de um homem ostentando um cartaz no qual estava escrito “a fome dói” comovia e indignava a todos os cidadãos contrários às desigualdades sociais, e que se deixam afetar por elas, sobretudo as disparidades resultantes da falta de políticas sociais de redistribuição de renda.

A comprovação de que o cenário de falta de alimentação pelo qual uma parte considerável do povo brasileiro se dava muito em função da falta de iniciativas do Poder Público pode ser percebida por meio da última pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujo resultado demonstra a queda nos índices de pessoas nas linhas da pobreza e da extrema pobreza no país.

Entre 2022 e 2023, dois primeiros anos do Governo Federal atual, houve uma redução de mais de oito milhões de pessoas no estado de pobreza. Já no que diz respeito à extrema pobreza, mais de três milhões saíram dessa situação. Em dois anos, o Brasil saiu dos maiores índices desde que a série começou a ser contabilizada pelo IBGE, 36,7% de pobreza e 9% de extrema pobreza, para os menores, 27,4% de pobreza e 4,4% de extrema pobreza.

Apesar dos referenciais positivos, a sensação ainda é que muito trabalho precisa ser feito, sobretudo quando se analisam os resultados recortados a partir de critérios como cor e gênero. Há um desequilíbrio evidente quando os números de pessoas pretas e pardas em estado de pobreza e extrema pobreza são mais que o dobro do de pessoas brancas. A conta salta ainda mais aos olhos quando se fala de mulheres negras.

Mirar o futuro da nação, portanto, significa continuar combatendo esses problemas sociais. A construção de um país mais justo deve passar necessariamente pelo ataque direto aos desequilíbrios sociais, tanto de modo geral quanto no que diz respeito às suas particularidades, essas fruto, principalmente, de processos históricos seculares desiguais que precisam, absolutamente, ser equilibrados.

Artigo

Eu vivi a Ditadura Militar

Boa parte da sociedade brasileira que defendia, e continua defendendo, a intervenção militar não viveu a experiência de um governo ditatorial. Eu vivi. Neste livro a ser lançado no próximo dia 13, na Livraria A União, no Espaço Cultural, procuro relatar, na ordem cronológica dos acontecimentos, os momentos sombrios que todos nós enfrentamos durante o período conhecido como “anos de chumbo”. Fui protagonista e testemunha de fatos que marcaram os movimentos de resistência ao regime, pela militância estudantil, artistas e intelectuais. Sem dúvidas, foi um tempo muito tenebroso, com inúmeras perseguições e mortes.

No período de 1964 a 1985, pessoas das mais diferentes classes sociais, em todo o Brasil, enfrentaram consequências intensamente cruéis e desumanas, como torturas, prisões, desaparecimentos e assassinatos. Não há como apagar essa sombria página de nossa história. É preciso resgatar a memória dessa época, para que as gerações contemporâneas e futuras conheçam a magnitude das violações de direito promovidas pela Ditadura Militar, e assim reagir contra o “negacionismo histórico” que o governo passado tentou implementar, num esforço de absolver o Golpe de 64 e seus líderes. É necessário conhecer as verdades históricas desse período, por muitos, estrategicamente, ocultadas na educação das novas gerações. Com a compreensão crítica do processo histórico, podemos caminhar em direção a uma democracia social e participativa, que possibilite mudar as estruturas sociais brasileiras que geram a miséria, a pobreza, as desigualdades e a exclusão social.

Muitos brasileiros, dissidentes políticos perseguidos pelo Regime Militar, passaram a viver na clandestinidade. Fugiram para não morrer. A Comissão Nacional da Verdade é uma importante fonte documental do período, reunindo os relatórios sobre os diversos crimes praticados pela Ditadura. Neles encontramos depoimentos de estudantes, professores, militares, operários e integrantes de grupos da luta armada que se formaram principalmente após o endurecimento do Golpe, com o Ato Institucional nº 5.

A Ditadura deixou, pelo menos, 434 mortos e desaparecidos, usou técnicas como choques e pau de arara para torturar os que desafiavam o autoritarismo do governo instalado, instituiu a censura na imprensa e na arte, cassou políticos, au-

mentou a desigualdade social e cerceou a liberdade de expressão. Tentou calar opositores, censurando qualquer tipo de mensagem contrária aos seus interesses. A ruptura democrática ocorrida em março de 1964, originalmente chamada de “revolução”, por seus promotores, depois foi nomeada, acertadamente, como um “golpe civil-militar”.

A cultura autoritária legada pela Ditadura continua sendo exercida por alguns ocupantes de cargos eletivos, alinhados ideologicamente à extrema direita, embora vestidos de defensores da democracia. O historiador Paulo Ribeiro da Cunha, numa análise de trabalho realizado pela Comissão Nacional da Verdade, afirma que “a mídia contemporânea submetida aos interesses do capital manipula dados, distorce fatos e ainda cria versões da realidade segundo a ótica das elites”. E assim “garantindo a versão meritocrática do liberalismo, dando continuidade à concepção conservadora das elites brasileiras”.

Mas a propaganda procurava transmitir a imagem de um país que se desenvolvia. O Estado sempre utilizando o poder repressivo e o poder ideológico, sem qualquer escrúpulo. Era o império da força. A cultura do medo difundida com o propósito de erradicar a ameaça subversiva, por eles assim compreendida. Rever essa fase truculenta e traumática de nossa história é colaborar com o fortalecimento do processo democrático que esteve recentemente atacado. Ditadura nunca mais.

Muitos brasileiros, dissidentes políticos perseguidos pelo Regime Militar, passaram a viver na clandestinidade

Rui Leitão

Foto Legenda



Trabalho nas alturas

Gonzaga Rodrigues Recordações da ilha maldita

Não me lembrava mais desse título dado por Luiz Hugo Guimarães à sua experiência de encarcerado do regime de 1964 na ilha de Fernando de Noronha. Publicado há 36 anos, reencontrado por acaso entre meus livros injustamente fora da estante, por alguma razão me dá as caras.

Luiz Hugo não era comunista. Era líder sindical vinculado aos bancários, três ou mais vezes presidente do sindicato, participando como todos eles da frente ampla pelas chamadas reformas de base. Pagou caro entrando na primeira lista de cassações. Foi subtraído do trabalho, da família, do extremo cuidado materno de D. Alexina (de cuja pensão fui hóspede) e do convívio social de elite para o tratamento bestializado. O livro, como o de Jório Machado, devia voltar à leitura dos dias de hoje, já que não se reproduz apenas com resenhas ou meras referências. Precisa vir inteiro, sem revisão, ainda no calor da escrita. Se há Fundo Partidário com dinheiro do povo para vir às ruas pedir votos, por que não empregar uma fração mínima num programa editorial de reedição desses livros?

“E você, onde estava?”, os de hoje devem perguntar.

Eu tinha ficado para trás, interno num sanatório quatro meses antes do 31 de março. Por sorte, enfiaram-me num longo corredor sem saída a não ser da admissão às enfermarias, onde os dias e os meses não passavam de doses rigorosamente administradas. Rigorosas mas com afeto. A vida, mesmo na hora do recreio, era uma prescrição. Tantos dias, tantas doses, o horizonte da cura entrevisto ansiosamente em contagem regressiva.

Era proibido falar próximo ao semelhante, dar-se as mãos, pisar em área que não fosse contaminada. Jamais a rua, os amigos, a liberdade foram tão suplicados. Rua e amigos que chegavam a conta-gotas, via jornal e rádio, a tanta distância como se o Ponto de Cem Réis e as concentrações camponesas de Sapé transcorressem do outro lado do glo-

Luiz Hugo não era comunista. Era líder sindical vinculado aos bancários

Gonzaga Rodrigues

bo. Ainda bem que o rumor bem ritmado da escola de samba de Jaguaribe não era impedido de soar aos nossos ouvidos.

E foi nesse sonho em que se encaixava a esperança de alta e de ar livre que uma estação perdida, comunicando-se em apelos e dobrados, começa a lançar tanques e canhões por entre os reflexos de lua na cal do nosso teto. Concriz, vizinho de cama, aumenta o possível o volume do seu radiozinho de orelha. A enfermeira faz que não ouve. E nos chegam os arreganhos de farda esbravejando o silêncio das enfermarias. São exércitos que pegam o Brasil dormindo. A prisão de Luiz Hugo, em Recife, foi bem diferente.

Mas não se concentra ele apenas em si mesmo. Sem pretensões formais ou mesmo literárias, não sacrifica a sua verdade. De episódio em episódio, vai descobrindo a grandeza e dignidade de homens que, tendo merecimento para compor e fazer a Nova República, voltaram simplesmente à rotina do seu trabalho, à reconstrução da família, o que, desgraçadamente, não pôde ocorrer com muitos, a exemplo de Rubens Paiva, tão fortemente lembrado no filme de Walter Salles, “Ainda estou aqui”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Paulo H. Carvalho/Agência Brasília

Entre as metas da iniciativa, estão o incentivo à alimentação saudável, a prevenção da obesidade e a promoção de atividades físicas

POLÍTICA PÚBLICA

Apenas 31 cidades levam PSE a todas as escolas

Programa federal reconhece atividades que integram educação e saúde

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

Somente 31 prefeituras paraibanas conseguiram realizar ações do Programa Saúde na Escola (PSE) em todas as unidades educacionais de suas redes municipais. Isso corresponde a 16,7% do total de 186 localidades inscritas no ciclo 2023–2024 da iniciativa. Gerida pelo Governo Federal, a política pública visa à integração e à articulação permanente da educação e da saúde.

O Fundo Nacional de Saúde (FNS) distribuirá um total de R\$ 271.700 para os municípios que conseguiram realizar atividades em 100% de suas escolas, além dos R\$ 2.678.480 que serão repartidos entre os 186 municípios participantes do programa, devido ao alcan-

■ Por reconhecer o esforço das gestões, o FNS fará um repasse extra de R\$ 271,7 mil aos municípios

ce de metas em atividades prioritárias. Em alguns casos, o valor do incentivo adicional é maior que o repasse correspondente ao monitoramento das atividades prioritárias. Um exemplo disso é o município de Picuí, localizado na região da Borborema paraibana, que deve receber R\$ 16.176 pelo cumprimento das metas priori-

tárias e R\$ 18.639,50 por alcançar 100% de suas escolas com as ações, totalizando R\$ 34.812,53. Segundo o monitoramento do PSE, os municípios de Belém do Brejo do Cruz e Olho D’água tiveram os piores desempenhos quando se trata da realização das ações nas escolas pactuadas. Ambos só conseguiram realizar atividades em 27% das instituições des suas redes. Com isso, não receberão o incentivo extra, mas obterão o valor referente à execução de ações prioritárias: R\$ 8.540, cada um.

João Pessoa
De acordo com o Ministério da Saúde, a capital paraibana receberá R\$ 140.540,80, relativos ao cumprimento das metas prioritárias. No município, as ações do PSE

alcançaram 72,76% das escolas públicas e, por isso, não haverá repasse extra. **Campina Grande** Uma situação semelhante acontece em Campina Grande, que aplicou atividades em 85,84% de suas unidades educacionais. A Rainha da Borborema receberá R\$ 62.540,80 pelo cumprimento das ações prioritárias.



Pelo QR Code, confira os aportes do PSE para cada município paraibano



Foto: Julio Cezar Pires

O GALDINÃO

Na próxima terça-feira (10), a Prefeitura de Pocinhos vai inaugurar a reforma e ampliação do Complexo Esportivo O Galdinão. A data da inauguração coincide com a celebração dos 71 anos de Emancipação Política de Pocinhos. Segundo a prefeita Eliane Galdino, a obra tem parceria com o Governo do Estado, e a programação da entrega inclui jogos festivos envolvendo 10 equipes de futebol do município.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (1)

Na próxima terça-feira (10), o Ministério Público Federal (MPF), o Ministério Público do Estado da Paraíba (MPPB) e a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) assinarão as Recomendações nº 10/2024 e nº 11/2024, que visam a transformação das práticas de comunicação relacionadas à violência contra a mulher e à contratação de serviços de publicidade no estado.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (2)

Os documentos foram elaborados a partir do Guia de Enfrentamento da Violência contra as Mulheres, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, em parceria com o Intervozes e o Observatório Paraibano de Jornalismo. As recomendações destacam a importância da ética, da responsabilidade social e do combate ao sensacionalismo na cobertura midiática de casos de violência.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano está promovendo diversas atividades nos municípios que possuem equipamentos públicos de economia solidária para celebrar o dia Nacional da Economia Solidária, comemorado em 15 de dezembro. Na última quinta-feira (5), as ações foram realizadas nos municípios de Barra de Santa Rosa e Araruna

CAPITAL RECEBE SELO MÉRITO

A Prefeitura de João Pessoa recebeu o prêmio Selo Mérito pelo trabalho social na Comunidade Quilombola de Paratibe. A comenda foi entregue no encerramento do 71º Fórum Nacional de Habitação de Interesse Social, que ocorreu em Curitiba, no Paraná, na sexta-feira (6), e reuniu secretários de Habitação e representantes de companhias habitacionais de todo o Brasil.

PROGRAMA PARAÍBA SEM FRONTEIRAS CELEBRA A FORMATURA DE 18 ALUNOS

O Governo do Estado anunciou, na última semana, que mais 18 estudantes intercambistas do Programa Paraíba sem Fronteiras concluíram, com êxito, seus cursos no Reino Unido. A cerimônia de formatura aconteceu na Warwickshire College and University Centre, onde os alunos receberam seus diplomas em quatro áreas: Pedagogia, Administração e Gestão, Tecnologia Agrícola (Agri-Tech) e Cibersegurança.

Ranking de repasses a municípios que alcançaram 100% da rede

Município	Repasse referente ao monitoramento das ações prioritárias	Incentivo por alcançar 100% das escolas	Valor total
Picuí	R\$ 16.176,00	R\$ 18.636,53	R\$ 34.812,53
Catolé do Rocha	R\$ 17.176,00	R\$ 13.732,18	R\$ 30.908,18
Tacima	R\$ 14.076,00	R\$ 15.693,92	R\$ 29.769,92
Sobrado	R\$ 11.676,00	R\$ 16.674,79	R\$ 28.350,79
Sumé	R\$ 14.176,00	R\$ 11.770,44	R\$ 25.946,44

Mais de 680 mil estudantes são beneficiados

O Ministério da Saúde prevê que 685 mil estudantes da Paraíba sejam beneficiados no segundo ano do ciclo atual do PSE. As ações do programa abrangem as seguintes áreas: alimentação saudável; prevenção da obesidade; promoção da atividade física; saúde mental; prevenção de violências e acidentes; promoção da cultura de paz e dos direitos humanos; saúde sexual e reprodutiva; e prevenção de HIV e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) nas escolas. A coordenadora do PSE, Kátia Souto, destaca que as atividades ocorrem com o apoio das equipes de Atenção Básica à Saúde e com a participação da comunidade escolar. “Reconhecemos o am-

biente escolar como espaço de promoção da saúde, da cidadania e da participação social e, com isso, estamos construindo um futuro mais saudável, justo e inclusivo para nossas comunidades”, disse. A Portaria nº 5.608, que concede os recursos, foi publicada na edição do Diário Oficial da União (DOU) do dia 14 de novembro. No entanto, a data dos repasses financeiros não foi divulgada. A equipe de reportagem do Jornal A União perguntou ao Ministério da Saúde quando exatamente o dinheiro estaria disponível para os municípios, mas a pasta limitou-se a dizer que “o Fundo Nacional de Saúde realiza essa tarefa de acordo com seu fluxo interno e processo de trabalho”.

O dinheiro previsto poderá ser usado para a compra de material de consumo pelas instituições de ensino. **A iniciativa** Estratégia de integração permanente dos ministérios da Saúde e da Educação para o desenvolvimento da cidadania e da qualificação das políticas públicas brasileiras, o PSE leva a educação integral para estudantes da rede pública e promove ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Criado em 2007, o PSE funciona em ciclos. No atual, 2023–2024, houve adesão de 186 municípios paraibanos. No primeiro ano, foram distribuídos R\$ 3.123.948, conforme os critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Somados ao valor de

2024, o montante destinado pelo Governo Federal às prefeituras do estado chega a R\$ 5,8 milhões. **Reconhecemos o ambiente escolar como espaço de promoção da saúde, da cidadania e da participação social**

Kátia Souto



Foto: Leonardo Ariel

Késsia Cavalcanti

Superintendente do Procon-PB

“Endividamento é agravado por ofertas descontroladas”

Órgão estadual aposta em mutirões de negociação e em ações educativas para tirar consumidores do vermelho

Lilian Viana
lilian.vianacanauea@gmail.com

O superendividamento tem sido um dos maiores problemas enfrentados pelos consumidores brasileiros, especialmente após a pandemia. Em um cenário em que a educação financeira é crucial, é essencial que os cidadãos não apenas busquem aprender a gerenciar suas finanças, mas também denunciem abusos cometidos por instituições financeiras e comercial. O Procon Paraíba se destaca nesse contexto, oferecendo soluções práticas e orientações, com o objetivo de apoiar os consumidores em sua recuperação financeira. Existem diversas formas de lidar com as questões relacionadas ao direito do consumidor, e essas abordagens foram detalhadas pela superintendente do Procon-PB, Késsia Cavalcanti, em entrevista ao Jornal A União. Ela compartilhou as ações inovadoras do órgão, como os mutirões de negociação de dívidas, as parcerias com universidades e a atuação para combater abusos financeiros, visando sempre à proteção e ao empoderamento do consumidor.

Entrevista

■ O Procon-PB se destaca por ações inovadoras para ajudar o consumidor, especialmente os endividados. Como está o cenário atual?

Há alguns anos, as maiores reclamações eram relacionadas aos serviços de telefonia. Hoje, os serviços ligados à parte financeira, infelizmente, são a principal demanda. Por isso, temos realizado uma série de ações. A maior preocupação do Procon-PB é com o aumento da demanda dos consumidores em situação de endividamento. Antes da pandemia, já havia um crescimento significativo no número de consumidores com dívidas, e esse cenário se agravou após a pandemia. Atualmente, mais de 78 milhões de consumidores estão endividados, com um número crescente de superendividados. A Paraíba se destaca, no Brasil, como um dos estados com maior taxa de negociação. Nosso trabalho é auxiliar esses consumidores a sair da situação de endividamento, por meio dos mutirões de negociação, que já são referência no país. Realizamos mutirões presenciais e temos uma plataforma digital que permite aos consumidores negociações on-line, o consumidor.gov.br.

■ Sobre os mutirões de negociação, como eles funcionam?

Eles têm sido um grande sucesso. Só neste ano, por exemplo, realizaremos 21 mutirões estaduais e participaremos de dois nacionais, em parceria com a Federação Brasileira de Bancos. Durante esses eventos, os consumidores têm a oportunidade de negociar suas dívidas diretamente com empresas de setores como energia elétrica, telefonia e água. O diferencial é que esses acordos são homologados pelo Núcleo Permanente de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (Nupemec), o que garante segurança jurídica aos consumidores. Só no ano passado, 40% dos acordos do Tribunal de Justiça da Paraíba surgiram dessas negociações realizadas no Procon. Isso nos deixa felizes, porque nós entendemos que estamos fazendo o trabalho de auxiliar o consumidor a negociar, a resolver a sua problemática. Infelizmente, esses acordos só são homologados pelas empresas

que estão aqui fisicamente. Imagine se as instituições financeiras, que são as mais demandadas, participassem também? O número de negociações seria ainda mais alto. Para as instituições financeiras, nós temos um aplicativo (consumidor.gov.br) em que o consumidor pode fazer uma reclamação sem sair de casa, a qualquer hora do dia ou da noite. A empresa reclamada tem 10 dias para responder diretamente àquele consumidor. E aí o consumidor pode transacionar, reclamar, deixar um elogio, fazer um acordo. Qualquer empresa pode se cadastrar na plataforma e garantir um relacionamento mais próximo com seu cliente/consumidor. Estar dentro da plataforma consumidor.gov.br é sinônimo de respeito, porque quer dizer que aquela empresa se preocupou em estar próxima ao consumidor, entendendo suas necessidades e abrindo caminho para diálogos permanentes.

■ Você mencionou o apoio das universidades no trabalho do Procon-PB. Como essas parcerias funcionam?

As parcerias com as universidades são fundamentais para o trabalho do Procon-PB, pois possibilitam um atendimento mais especializado e holístico ao consumidor. Temos convênios com 14 universidades em diversas áreas, como Administração, Economia, Direito, Psicologia e Contabilidade, o que permite uma abordagem mais abrangente das questões financeiras e comportamentais dos consumidores. Por exemplo, em parceria com universidades como a Uniesp e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizamos diagnósticos financeiros e orientamos os consumidores sobre como renegociar dívidas, planejar orçamentos e melhorar sua saúde financeira. Além disso, o Procon-PB também se beneficia de serviços especializados oferecidos pelas universidades em áreas como Arquivologia e Proteção de Dados Pessoais. Em parceria com a UFPB e a Universidade Estadual, fomos pioneiros no estado, ao criar uma tabela de temporalidade para eliminação de documentos, o que ajuda a garantir a organização e a transparência no

manejo de arquivos públicos. Já com a Faculdade Internacional Cidade Viva, o Procon-PB desenvolve um núcleo de proteção de dados pessoais, no qual oferece suporte e orientações sobre vazamentos de dados e políticas de privacidade, ajudando os consumidores a proteger suas informações.

■ Quais são os maiores desafios para os consumidores que buscam ajuda no Procon-PB?

Os maiores desafios enfrentados pelos consumidores que buscam ajuda no Procon-PB estão relacionados, principalmente, à falta de consciência financeira e ao superendividamento. Muitos consumidores não possuem controle sobre suas finanças, o que leva a um endividamento crescente. Esse problema é agravado por ofertas de crédito descontroladas por parte das instituições financeiras. Além disso, fatores imprevistos, como a perda de emprego, problemas de saúde ou dificuldades familiares, também contribuem para o endividamento, muitas vezes gerando situações de superendividamento. O Procon-PB lida com esses desafios oferecendo serviços especializados, como o Núcleo de Apoio aos Superendividados, que, desde 2021, auxilia os consumidores a renegociar dívidas e elaborar planos de pagamento, com apoio de especialistas. Já a plataforma Meu Bolso em Dia, em parceria com a Câmara Municipal de João Pessoa, utiliza inteligência artificial para ajudar os consumidores a controlar suas finanças, fazer um planejamento orçamentário e identificar formas de sair do vermelho. De forma interativa, o consumidor informa suas características, salário, dinheiro extra, etc., e a plataforma vai montar uma trilha para que ele possa sair do vermelho, ou como economizar ou, ainda, como juntar um dinheiro extra e como aplicar. Além disso, o Procon-PB oferece um escritório virtual para atendimento personalizado, onde professores e especialistas auxiliam os consumidores em situação de superendividamento a entender suas finanças e a encontrar soluções viáveis.

■ Além da renegociação de dívidas, o Procon-PB realiza algum trabalho para evitar abusos por parte das instituições financeiras e golpes?

Sim, o Procon-PB se empenha em garantir que as instituições financeiras cumpram sua responsabilidade de oferecer crédito de forma consciente e informada. Isso inclui a exigência de que as próprias instituições financeiras forneçam educação financeira aos consumidores, ajudando-os a entender como gerenciar suas finanças e a identificar ofertas de crédito que podem ser prejudiciais. O Procon-PB também orienta os consumidores sobre como se proteger de fraudes e golpes, que, frequentemente, envolvem ofertas de empréstimos ou créditos falsos. Com o uso crescente da tecnologia, alertamos sobre os riscos associados a golpes on-line,

como empréstimos não solicitados que caem nas contas dos consumidores, deixando-os em uma situação financeira ainda mais vulnerável. Além disso, o Procon-PB, em parceria com outros órgãos de defesa do consumidor, como a Defensoria Pública e o Ministério Público, dedica-se a combater fraudes em diversas formas.

■ A Paraíba tem uma legislação forte em relação à proteção do consumidor. Como funciona a atuação do Procon-PB nesse sentido?

O Procon-PB atua de forma rigorosa para garantir a proteção do consumidor, respaldado por duas leis estaduais específicas. A primeira exige que os fornecedores publiquem, com antecedência, os preços antigos e os itens que estarão em promoção, permitindo que o consumidor compare e verifique se realmente está fazendo um bom negócio. A segunda lei obriga os estabelecimentos a manter as notas fiscais dos produtos vendidos por 90 dias, para que o Procon-PB possa verificar se os preços promocionais são, de fato, descontos reais ou se houve aumento nos preços antes da promoção. Realizamos um monitoramento constante de lojas físicas e virtuais. Quando detecta irregularidades, o Procon-PB aplica multas que podem ultrapassar os R\$ 65 mil. O monitoramento de lojas virtuais é particularmente minucioso, com registros detalhados dos preços antes e durante as promoções, o que permite ao Procon-PB identificar fraudes, como o aumento de preços para simular descontos que, na prática, não existem. Além disso, orientamos os consumidores a não se deixar levar apenas pelo preço baixo, incentivando a pesquisa e o planejamento antes das compras. O consumidor deve avaliar se o item é realmente necessário, evitando compras impulsivas de produtos que podem acabar sendo desnecessários. O objetivo do Procon-PB é garantir que as promoções sejam claras, precisas e não induzam o consumidor ao erro.

■ E com relação às compras on-line, principalmente por aplicativos e páginas informais? Como o consumidor pode se proteger?

O consumidor deve adotar uma série de precauções. Primeiramente, é essencial que toda a transação seja registrada. Seja em compras físicas ou virtuais, o consumidor deve sempre salvar *prints* de conversas, orçamentos, detalhes de preços e prazos. Isso garante que, caso haja algum problema com o produto ou serviço, ele tenha como exigir o cumprimento do que foi acordado. Além disso, é fundamental verificar a segurança da plataforma. O *site* deve apresentar um cadeado de segurança (SSL), indicando que as informações estão sendo protegidas. O consumidor também deve checar a reputação do *site*, procurar por avaliações de outros consumidores e garantir que ele não seja uma réplica de grandes empresas. Golpes, muitas vezes, en-

volvem *sites* falsificados, que imitam grandes marcas, mas com pequenas alterações no nome do domínio. Em compras feitas por meio de redes sociais, como o Instagram, o risco é ainda maior, pois muitas empresas não têm *site* oficial e são difíceis de verificar. Nesses casos, é recomendável tentar entrar em contato com a empresa por telefone e buscar referências de outros consumidores antes de realizar a compra.

■ O fim de ano traz a discussão sobre possíveis abusos das escolas, com material e matrícula...

O Procon-PB tem atuado firmemente para coibir práticas ilegais por parte das instituições de ensino, como a exigência de materiais que não são permitidos, como itens de uso coletivo (por exemplo, cola quente para crianças pequenas) e materiais para a escola (como EVA ou cartolina para decoração), que devem ser de responsabilidade da própria instituição. A legislação é clara: as escolas não podem cobrar por materiais de uso coletivo, apenas por aqueles que são de uso individual dos alunos. Caso os pais identifiquem cobranças indevidas, o Procon-PB orienta que eles registrem suas reclamações (ligando para o 151 ou pelo nosso WhatsApp: 83 98618-8330), garantindo anonimato e proteção contra represálias. A multa para escolas que desrespeitam essa normativa pode ser alta. Além disso, os pais devem ficar atentos a questões como a entrega de material escolar. Caso o aluno deixe a escola antes do término do ano letivo, a instituição deve devolver o material não utilizado de forma proporcional, seja em espécie ou em produtos. É importante destacar que as escolas não podem obrigar os pais a pagar taxas extras sem justificativa clara, como taxas para projetos ou outras despesas não previstas.

■ Quais são as perspectivas para o futuro das ações do Procon-PB?

Em 2025, continuaremos investindo na educação financeira, ajudando os consumidores a sair da situação de endividamento. O órgão planeja incorporar, também, mais tecnologias nos seus serviços, como a utilização de inteligência artificial, para tornar o atendimento mais ágil e eficiente. O objetivo é modernizar a estrutura do Procon-PB, com a criação de novos anexos e melhorias nos processos, garantindo maior acessibilidade aos consumidores. Também estamos focados na ampliação de parcerias com outras instituições, visando fortalecer suas ações e garantir que as empresas cumpram suas responsabilidades. Além disso, o órgão pretende ampliar sua equipe, com a realização de concursos públicos, possibilitando um atendimento mais abrangente. Essas ações visam proporcionar maior suporte, informações e empoderamento aos consumidores, ajudando-os a tomar decisões financeiras mais conscientes e a proteger seus direitos de maneira mais eficaz.

DESASTRES NATURAIS

Só quatro cidades têm estrutura para responder a riscos

Segundo o MIDR, Queimadas, Guarabira, Conde e Santa Helena organizaram-se para reagir às ocorrências

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Recentemente atualizados, os dados do Indicador de Capacidade Municipal (ICM), do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), mediram quais cidades têm melhor estrutura e organização para responder a situações de risco e desastres naturais, que podem se tornar mais comuns devido à emergência climática. O indicador classifica as cidades em quatro categorias: A, B, C e D, de acordo com 20 critérios. Aquelas na categoria A possuem melhor gestão de riscos, enquanto as incluídas na D são as menos preparadas. Na Paraíba, apesar de a maioria dos municípios estar na categoria D (99), seguidos pela C (81) e B (39), quatro alcançaram a melhor colocação.

Os municípios que estão no topo da classificação são: Queimadas, Guarabira, Conde e Santa Helena. Entre as ações que contribuíram para essa conquista estão à inclusão da Proteção e Defesa Civil no Plano Plurianual (PPA) dos municípios, mapeamento das áreas de risco, criação de uma coordenação e de um Conselho Municipal de Proteção e Defesa Civil, além da realização de campanhas educativas para conscientização da população.

Segundo os dados do MIDR, João Pessoa enquadra-se na categoria B, assim como as cidades de Campina Grande, Cajazeiras, Cabedelo, entre outras. Isso significa dizer que elas estão na fase intermediária avançada. Essas cidades, em sua maioria, já cumprem grande parte dos aspectos avaliados pelo ICM, mas devido ao seu porte e ao risco aumentado de situações de desastres naturais, há uma avaliação mais criteriosa e é preciso implementar outras ações. João Pessoa, por exemplo, já possui 15 dos 20 itens avaliados, porém, ainda é preciso investir em projetos como: a inclusão de Proteção e Defesa Civil em seu Plano Diretor, Plano Municipal de Redução de Riscos, criação de Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil, controle e fiscalização de edificações em áreas de risco, entre outras.

Ainda segundo o ICM, Bayeux e Santa Rita são alguns exemplos de cidades paraibanas enquadradas na categoria C. Na D, está a maioria dos municípios como Patos, Sapé, Baía da Traição, Lucena, Rio Tinto e outros 94.

A situação da Paraíba,



Foto: Leonardo Fial

É preciso uma conscientização de toda população sobre a importância da Defesa Civil

Márcia Andrade

que apresenta grande parte de suas prefeituras fora dos índices mais positivos do MIDR, reflete-se no contexto nacional. A maioria dos municípios brasileiros está na categoria C (39,19%), e quanto às regiões, Norte e Nordeste são as menos preparadas.

Conforme explicou a diretora executiva de Proteção e Defesa Civil do Estado da Paraíba, Márcia Ferreira de Andrade, esses números representam um grande desafio. “O ICM é composto por 20 critérios e para que os municípios melhorem nessa classificação é preciso que eles contemplem alguns deles”, afirma. Ela diz ainda que os municípios de pequeno porte têm de fazer mais de oito pontos para serem classificados com índice A, ou seja, precisam contemplar pelo menos oito critérios do Indicador de Capacidade Municipal. “Na Paraíba, possuímos quatro municípios com indicador A, por serem justamente de pequeno porte (menos de 100 mil habitantes). Com o indicador B temos 39 municípios, e é nessa lista que encontramos nossas maiores cidades, que, justamente, por terem maior população, precisam de uma pontuação mais alta”, afirmou a diretora.

Márcia Andrade ressaltou que a Defesa Civil Estadual busca, continuamente, orientar os gestores paraibanos para que criem suas Coordenadorias Municipais de Proteção e Defesa Civil, as Compdec's, seus Planos de Contingência, e que façam cursos no Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2iD), para se atualizarem. “É preciso uma conscientização de toda população sobre a importância da Defesa Ci-

vil e que compreendam que o sistema de Defesa Civil é de extrema importância para a melhoria da qualidade de vida da população, pois a prevenção é sempre o melhor caminho”, destacou.

Avaliação

Os critérios do ICM são avaliados considerando o quantitativo populacional do município e o perfil de risco que ele possui, que os divide em prioritários e não-prioritários, conforme Nota Técnica que apresenta as 1.972 cidades mais suscetíveis às ocorrências de deslizamentos e inundações. Tais fatores devem ser priorizados nas ações e políticas públicas para gestão de risco e de desastres.

Na Paraíba, aparecem 43 municípios na lista, sendo Alagoa Grande o que aparece primeiro, na 989ª posição geral. Já na 995ª posição está Bayeux, Cabedelo vem na 998ª, seguido de Campina Grande em 999ª. João



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Para classificar os municípios, o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional considera, como desastres, fenômenos naturais a exemplo das inundações e deslizamentos

Critérios

Para atingir a classificação máxima, gestores municipais têm de atender a 20 critérios estabelecidos pelo MIDR

Pessoa aparece na 1005ª posição, e o último município a aparecer é Sousa, em 1031ª.

Índice

Os índices do ICM são usados como principal indicador de monitoramento do Programa 2318 — Gestão de Riscos e Desastres, que consta no Plano Plurianual (PPA 2024-2027) do país. Por isso, pelos próximos quatro anos ele será considerado para mensurar a melhoria dessas capacidades junto

aos municípios. Os primeiros números do ICM foram registrados no início de 2024, atualizados em setembro, e devem ser novamente renovados no final deste ano, com o objetivo de acompanhar a oscilação desses índices. O objetivo do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil (Sinpdec) é que as cidades que estão nas categorias D e C possam melhor estruturar suas ações e passar as categorias B e A.



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

João Pessoa enquadra-se na classificação B, ou seja, fase intermediária, apresentando 15 dos 20 critérios exigidos pelo MIDR

Norte e Nordeste têm as piores avaliações

O MIDR considera, para o mapeamento dos municípios mais suscetíveis a riscos ou desastres naturais, a ocorrência de deslizamentos, enxurradas e inundações.

Entre as regiões do país, o Sul é onde há mais cidades bem avaliadas no ICM, com, aproximadamente, 14% dos municípios na categoria A. No Sudeste, o percentual é semelhante, com 12% das cidades com a avaliação mais

alta. Já no Centro-Oeste, esse índice cai para 6%, reduzindo ainda mais nas regiões Norte e Nordeste, com 4% cada uma.

No Nordeste, muitos municípios (42%) estão com a pior avaliação — a D — a qual representa que as cidades ainda estão em fase inicial quanto à execução de ações voltadas à gestão de riscos e de desastres. Na categoria C, estão 39% dos municípios, o que demons-

tra uma fase intermediária inicial. Já na B, em fase intermediária avançada, estão 15% das cidades nordestinas.

De modo geral, apenas 8,67% dos municípios brasileiros estão na categoria A, seguidos de 22,82% na categoria B, 39,19% classificados como C e 29,32% na última categoria, a D. Os dados mostram que a maioria dos municípios do país ainda está em fase inicial quanto

à implantação de ações para prevenir ou enfrentar situações extremas causadas por desastres naturais, que podem ser potencializados pela emergência climática. Um caso recente desses desastres foi o que ocorreu no Rio Grande do Sul, afetado por enchentes históricas, em maio deste ano. No mesmo período, cidades nordestinas, como Recife e Maceió, também foram atingidas por enchentes.

Confira alguns dos critérios adotados pelo ICM para classificar os municípios quanto à estrutura apresentada para responder aos desastres naturais:

■ Inclusão de aspectos ligados à Proteção e Defesa Civil no Plano Plurianual (PPA) e Plano Diretor dos municípios;

■ Mapeamento das áreas de risco, além do cadastro das famílias que vivem nessas regiões;

■ Plano de contingência;

■ Existência de um sistema ou conselho municipal de Proteção e Defesa Civil, além de uma coordenação local;

■ Número mínimo de pessoas capacitadas para atuar na área;

■ Controle e fiscalização de edificações em áreas de risco;

■ Programas de habitação de interesse social para realocar famílias;

■ Realização de campanhas educativas e outros.

FORMAS DE LUTO

Perda é vivenciada de forma diferente por cada pessoa

Experiência é inerente à própria existência e deve ser acompanhada de amparo e equilíbrio emocional

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Um sentimento universal, mas muito particular. O luto é uma jornada única de emoções, em que cada pessoa encontra sua própria maneira de lidar com a ausência. É um processo desafiador, enraizado na psique humana, que muitas vezes resgata dores e memórias guardadas no subconsciente, trazendo à tona não apenas saudade, mas muitos questionamentos. No entanto, por mais que o contexto emocional seja determinante, crianças e adultos não vivenciam o luto da mesma forma: e quanto mais jovem for o indivíduo, maior será a necessidade de acolhimento. É nessas diferenças que surgem os maiores desafios para entender e apoiar quem atravessa essa difícil jornada.

Embora seja frequentemente associado à perda de um ente querido, o luto pode ser desencadeado pelos mais variados motivos, desde a morte de um animal de estimação até a ausência de algo significativo. Independentemente da idade, perder algo



Foto: Arquivo pessoal

Quão bom seria se as famílias comesçassem a falar sobre isso desde cedo

Manuel Francisco

importante, como um emprego ou a convivência com um amigo na escola, pode provocar uma sensação de vazio e quebra de realidade que desestabiliza o equilíbrio emocional. Como bem resume o psicólogo Manuel Francisco, mestre em neurociências cog-

nitiva e de comportamento pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o luto nada mais é do que uma resposta emocional à perda, podendo surgir em diferentes contextos. “A mudança ou a ruptura desses laços emocionais pode ser tão dolorosa quanto a perda de um ente querido”, explica.

Em outras palavras, mudanças que demandem ajuste forçado a uma nova realidade podem desencadear esse sentimento de luto. Mais do que um processo relacionado apenas à morte, ele envolve a adaptação à ausência de algo que era significativo. “Muita gente experimenta luto pelas ambições ou pelas identidades associadas à profissão. É um ajuste à perda de sonhos, expectativas ou daquilo que parecia ser estável e seguro”, conclui o psicólogo.

Efeitos adversas

Mas as reações frente à perda não são como efeitos adversos descritos em bulas de remédio: cada pessoa encara o luto de maneira única,

influenciada por suas vivências. Uma frase da escritora Clarice Lispector traduz bem essa ideia: “cada pessoa é um mundo; cada pessoa tem sua própria chave e a dos outros nada resolve”. Não à toa, a psicóloga Clara Raíssa Fernandes de Melo, especialista em psicologia infantil, reforça que o luto é um processo individual e não existe um tempo certo para superar a perda. Além disso, somos influenciados também pela cultura e religião, que acabam moldando a forma como enxergamos a morte. “Algumas culturas são caracterizadas pela expressão dos sentimentos e outras pela repressão. Até a rede de apoio social pode influenciar como a pessoa enfrenta o

luto”, aponta Clara.

Porém, por mais dolorosa que seja a ausência, Manuel Francisco pontua que o luto faz parte da nossa experiência emocional e precisa ser compreendido dentro do contexto em que ocorre. “As emoções são para ser gerenciadas. Isso faz parte da nossa capacidade de autorregulação”, explica o especialista, destacando a importância da inteligência emocional nesse processo.

Contudo, nem sempre é fácil lidar com a perda — e para algumas pessoas, o processo pode se tornar devastador. “Alguns enfrentam o luto de forma prolongada, às vezes de maneira infantilizada, porque não conseguem lidar com a frustração

ou perda”, complementa Manuel. Isso acontece porque, muitas vezes, nos negamos a aceitar que todo ciclo tem um fim, alimentando continuamente a esperança de que o “felizes para sempre” possa ser real. Por isso, ele acredita que falar sobre o luto desde cedo pode ajudar as pessoas a enfrentarem esse processo de forma mais leve. O que também não significa ignorar ou reprimir as emoções, mas aprender a lidar com elas. “Quão bom seria se as famílias comesçassem a falar sobre isso desde cedo. Talvez, os sujeitos conseguissem se preparar melhor para experimentar esse momento, que é doloroso, mas faz parte da vida”, reflete o psicólogo.

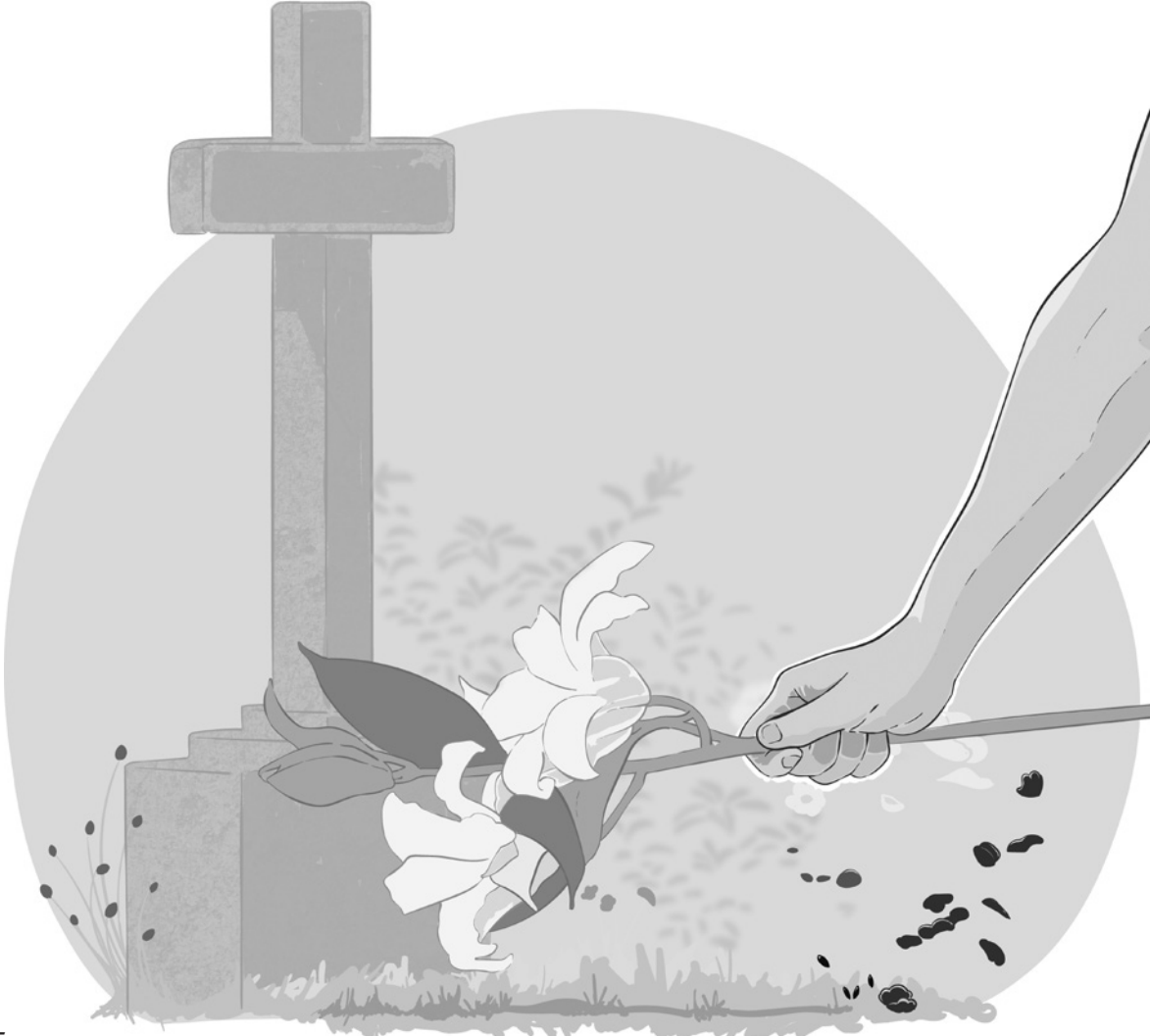


Ilustração: Bruno Chiossi

Crianças podem reagir com negação e choro

Enquanto a maioria dos adultos tenta racionalizar a ausência, preferindo o silêncio à multidão, as crianças se expressam com perguntas diretas e comportamentos inesperados. Mas, como essas diferenças manifestam-se na prática? Para responder à pergunta, nada mais poderoso do que mergulhar nos relatos de quem viveu o luto de formas distintas.

Para Paulo Agra, de 60 anos, o luto veio de forma avassaladora há 20 anos, quando perdeu a primeira esposa para um câncer de pulmão agressivo — mesmo ela nunca tendo fumado. O intervalo entre a primeira consulta e o óbito foi de apenas 30 dias, o que transformou drasticamente a rotina da família. “Foi muito rápido e impactante, principalmente para meu filho, que na época tinha dez anos e era cúmplice da mãe”, lembra. A dor não só o afastou da igreja, como também o levou a um quadro de depressão. Até seu comportamento mudou durante o luto: segundo ele, além de se isolar, ficou mal-humorado, mais frio e impaciente.

Mas a perda da esposa não foi uma dor que ele enfrentou sozinho. Seu filho, profundamente abalado, reagiu de forma diferente, recusando-se a falar sobre o que estava acontecendo. “Ele não se permitia sofrer, e isso foi complicando a nossa vida. Esse silêncio acabou nos afastando, ao invés de

nos aproximar”, relata Paulo. Apesar disso, foram os amigos mais próximos que ajudaram a reconectar pai e filho, além de incentivarem Paulo a buscar apoio profissional, o que só ocorreu mais de um ano após a perda. Hoje, ao refletir sobre o período, ele reconhece que teria sido melhor buscar suporte mais cedo. “Se eu pudesse voltar no tempo, teria feito diferente. Teria procurado ajuda psicológica logo no início.”

Irreversibilidade

Já Maria Elizabeth Costa, de 67 anos, enfrentou uma perda que, para muitos, poderia parecer menor, mas que representou um momento muito delicado, principalmente para a neta de cinco anos: a morte da cadelinha Barbie, que conviveu com a família por 14 anos. Mesmo sem entender o luto, a menina o vivenciou intensamente, como bem conta a avó. “Ela perguntou quando Barbie iria voltar e chorou muito. Ficou revoltada com Jesus.” A menina apresentou mudanças visíveis de comportamento, adoecendo duas vezes após a perda, e ainda permanece em processo de negação, questionando se a cadelinha irá voltar. “Respondo que ela sempre estará em nossos corações e nas lembranças que guardamos.”

Segundo a psicóloga Clara Fernandes, é fato que as crianças têm dificuldade em

compreender a irreversibilidade da morte, o que pode levar a regressões comportamentais, como voltar a molar a cama, ter maior apego aos pais ou alterações de humor. Para a especialista, uma comunicação clara e honesta é essencial para ajudá-las a atravessar o luto. No caso da neta de Maria Elizabeth, seu comportamento mostra como o processo de aceitação pode ser longo. Por isso, é sempre importante permitir que as crianças façam perguntas, validando seus sentimentos. “É fundamental que elas entendam que tristeza, raiva e confusão são normais nesse momento”, explica a psicóloga.

Já entre os adultos, o luto pode se manifestar de maneira mais silenciosa e prolongada, impactando não só a saúde emocional, mas a vida em todos os seus aspectos — social, financeiro e profissional. Em razão disso, é preciso ter atenção aos sinais de que pode estar se tornando um problema mais grave. Clara alerta para sintomas como isolamento social, perda de interesse por atividades antes prazerosas, alterações no apetite e no sono, além de dificuldades em aceitar a realidade. “Em adultos, os sinais podem incluir pensamentos suicidas, dificuldade em manter relacionamentos e problemas no trabalho”, sublinha.

Dor da ausência

Mas, engana-se quem

acredita que a dor sentida pela neta de Maria Elizabeth é “coisa de criança”. Adultos também podem vivenciar o luto por um companheiro de quatro patas de maneira semelhante. Foi o que aconteceu com a esteticista Patrícia Clementina de Melo, de 47 anos, que enfrentou um profundo sentimento de vazio após a morte de sua gata, há apenas três meses. Para a tutora, Eva não era apenas um animal de estimação, mas uma amiga. “Ela era muito parceira e dócil, me apoiava. Quando chegava gente em casa, ela recepcionava a visita comigo. A Eva convivia com todo mundo”, lembra.

Para quem nunca teve um vínculo desse tipo, o luto por um animal pode parecer um problema menor, mas para Patrícia — e muita gente por aí — representa perder uma parte importante da sua história. Não à toa, contar com uma rede de apoio ao longo desse processo faz toda a diferença para minimizar o peso da ausência. Patrícia encontrou conforto nos amigos, familiares e até na veterinária que acompanhava Eva desde filhote. “Recebi muita força das pessoas que gostam de mim, e que gostavam dela também”, conta. Segundo ela, tudo isso só reforçou o quanto a gatinha era especial e querida por todos, ajudando a transformar as memórias em uma fonte de conforto. “Ela me faz falta até hoje, não será esquecida.”

Animais são dotados de emoções e sentimentos

Quando falamos sobre luto, normalmente pensamos apenas nos seres humanos. Mas e os animais? Eles também sentem a dor da perda? De acordo com o psicólogo e adestrador Ivan Chitolina, que atua há 20 anos na área e é professor de pós-graduação em comportamento animal pela Sociedade Paulista de Medicina Veterinária, a resposta é um categórico sim. “Os animais são seres sencientes, ou seja, dotados de emoções e sentimentos, com similaridades neuroquímicas às nossas. Comportamentos de apego, coalização social, vínculo e cuidado são biológicos e formam laços afetivos”, explica.

A ciência já observou diversos casos que comprovam que o luto não é uma exclusividade humana. Segundo o especialista, pesquisas etológicas revelam que espécies como chimpanzés e elefantes demonstram comportamentos de tristeza e até realizam

rituais semelhantes a funerais após a perda de um ente querido. Contudo, ele alerta que, embora as reações sejam semelhantes, é importante ter cautela para não humanizar os animais.

Já entre cães e gatos, o luto pode ser facilmente identificado por mudanças comportamentais como apatia, alterações no apetite e perda de interesse em atividades corriqueiras. “Relatos de tutores mostram que os animais, após a perda de um companheiro humano ou de outra espécie, podem apresentar desânimo, olhar triste e falta de vontade para passear ou brincar, como uma espécie de depressão”, destaca. Além disso, em casos de luto prolongado, pode haver consequências clínicas mais graves. Por isso, o indicado é sempre procurar o veterinário para garantir que a saúde do animal não seja prejudicada — e a mesma dica vale para os tutores.



Foto: Arquivo pessoal

Ivan é psicólogo e adestrador; ele atua há 20 anos na área

CONTRA O RACISMO

Luta une apoio, justiça e educação

No combate à discriminação racial, órgãos públicos punem crimes, amparam vítimas e conscientizam a população

Sara Gomes
sara.gomesreporterauniao@gmail.com

A diversidade étnica, cultural e religiosa é um legado valioso da história do Brasil e da Paraíba e deveria inspirar respeito e valorização na sociedade. Contudo, a realidade revela, muitas vezes, o contrário disso, como evidenciam os crimes de racismo — caracterizados pela discriminação dirigida a uma coletividade, em virtude de raça, etnia, religião ou origem.

Registrado no início deste ano, um caso específico de intolerância na Paraíba destaca-se como emblemático, não só por chamar atenção para o racismo religioso — prática disseminada, principalmente, contra adeptos de religiões de matriz africana, discriminando tradições vinculadas a povos negros —, mas também por mostrar como o Poder Público tem reagido para combater e punir, judicialmente, atitudes criminosas desse tipo.

O episódio aconteceu no mês de fevereiro, quando a ialorixá Mãe Renilda Albuquerque chegava à Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), em João Pessoa, para participar de um evento sobre intolerância religiosa. Acompanhada de sua esposa e do babalorixá Elton Medeiros, ela conta ter sido abordada de maneira agressiva por uma mulher, em um elevador do local. “Ela disse para eu não ir à sessão [da ALPB], porque eu era ‘do demônio’”, relata Mãe Renilda, acrescentando que a agressora continuou proferindo ofensas em virtude de sua religião, o candomblé. “Você é macumbeira. Jesus não quer que você entre aí”, teria declarado a mulher, ao que a ialorixá afirma ter respondido: “Você não conhece Jesus. Se ele estivesse aqui, não faria isso”.

Deixando o elevador, Elton comunicou imediatamente

que a líder candomblecista havia acabado de ser alvo de racismo religioso. Entre os presentes no edifício, estavam representantes do Centro Estadual de Referência de Igualdade Racial João Balula, vinculado à Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba (Semdh-PB), e da Delegacia de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Racismo e Intolerância Religiosa. Diante da gravidade da situação, eles ofereceram apoio à vítima

e auxiliaram-nos nos procedimentos jurídicos necessários para registrar a ocorrência como crime de racismo. No primeiro dia útil após o episódio, conforme lembra Mãe Renilda, a mulher — que havia visitado a ALPB para deixar seu currículo

no gabinete de um dos deputados do estado — foi indiciada para prestar esclarecimentos sobre o caso.

Assistência
Apesar de dispor de advogados de sua confiança, a

ialorixá decidiu denunciar o crime junto à Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), alegando que, dessa maneira, mostraria que a Justiça é acessível a todos. “É preciso desmistificar a ideia de que só quem tem dinheiro pode colocar uma causa na Justiça. Afinal, muitas vítimas de racismo religioso deixam de denunciar por não terem recursos financeiros”, pontua Mãe Renilda, salientando a importância da

DPE-PB para assegurar assistência jurídica gratuita e de qualidade à população. “Eu fui bem assistida pelo Estado. É preciso garantir que todos tenham oportunidade de reivindicar seus direitos e buscar reparação por injustiças sociais sofridas”, enfatiza.

Finalmente, em agosto, o juiz responsável pelo caso condenou a acusada ao pagamento de uma indenização à líder candomblecista — pena alternativa a uma sentença de cinco anos de prisão. “Quando eu receber o dinheiro, vou destiná-lo a um projeto que assiste moradores de rua”, antecipa Mãe Renilda, que teve, como testemunhas do ocorrido, a funcionária do elevador da ALPB, a recepcionista e o cerimonialista do evento no local.



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Arquivo pessoal

É preciso garantir que todos tenham oportunidade de reivindicar seus direitos e buscar reparação por injustiças sociais

Mãe Renilda

Suporte psicológico e campanhas institucionais cooperam com a causa

Além de coibir e responsabilizar crimes de racismo, injúria racial e intolerância religiosa, órgãos do Poder Público oferecem atendimentos especializados a vítimas dessas práticas e promovem campanhas educativas de conscientização sobre o problema. Por meio do Centro de Referência João Balula, a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana do estado, por exemplo, dispõe de diversos serviços para atender, de maneira integral, a pessoas que tenham sofrido crimes do tipo.

Como ilustra o caso de Mãe Renilda, o Centro João Balula fornece orientação jurídica e realiza encaminhamentos de ocorrências para órgãos especializados. Além disso, conforme explica a secretária Lídia Moura, titular da Semdh-PB, a equipe multiprofissional que atua no espaço inclui não apenas advogados e assistentes sociais, mas também pedagogos e psicólogos. “Ao sofrer crime de racismo, a vítima pode ser acometida por adoecimentos emocionais, que afetam diversos aspectos de sua vida”,

observa a secretária.

Letramento

Junto à atuação de entidades como o Centro João Balula, o Estado tem buscado fomentar a equidade étnico-racial por meio de iniciativas do chamado letramento racial, a partir de capacitações e formações antirracistas em escolas, órgãos públicos e empresas privadas, entre outros espaços. De acordo com Lídia, o diálogo contínuo sobre crimes como racismo religioso é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva, na qual a religiosidade do outro seja respeitada não simplesmente porque a intolerância pode ser punida pela Justiça, mas porque a discriminação impacta a vida das vítimas, levando a situações de exclusão e sofrimento.

“Proferir ofensas ou agredir alguém, em virtude de sua religião ou qualquer outra discriminação, é muito ruim, porque a diversidade religiosa é uma das grandes riquezas da nossa sociedade, trazendo valores, tradições culturais e as formas de

cada indivíduo ver o mundo”, defende a titular da Semdh-PB.



Foto: Roberto Guedes

A diversidade religiosa é uma das grandes riquezas da nossa sociedade, trazendo valores e formas de ver o mundo

Lídia Moura

TJPB promove iniciativas por mais equidade e representatividade

Entre seus aliados na esfera judicial, a luta contra o racismo tem o apoio do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), que aderiu ao Pacto Nacional do Judiciário pela Equidade Racial. Elaborado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o documento incentiva a adoção de projetos para combater a discriminação e corrigir as desigualdades raciais no país, por meio de ações afirmativas, envolvendo todos os segmentos da Justiça e graus de jurisdição.

Segundo Jailson Shizue Suassuna, juiz titular da Vara Única da Comarca de Bananeiras e gestor do Pacto Nacional no TJPB, o órgão se comprometeu a executar medidas previstas pelo documento a curto, médio e longo prazos. “Entre as ações de curto prazo, o TJPB está realizando campanhas educativas e palestras voltadas à promoção da igualdade racial e de gênero”, afirma Jailson, complementando que, além de manter diálogo com movimentos sociais, o tribunal também

tem promovido capacitações sobre o tema, dedicadas a juízes e servidores.

Outro eixo de ação do Pacto Nacional visa fomentar a representatividade racial no Poder Judiciário. Nesse âmbito, o TJPB já conta com uma comissão de heteroidentificação para seus concursos de magistratura, assegurando o cumprimento dos critérios de cotas

tas e a prevenção de fraudes. Como define Jailson, o objetivo é construir uma política pública de equidade racial dentro do tribunal. “Estamos arrumando a ‘casa’, estabelecendo metas de curto a longo prazo. No futuro, queremos envolver outros órgãos, como a Justiça do Trabalho e a Justiça Federal, além do Governo da Paraíba”, conclui.

Saiba Mais

Racismo e injúria racial têm diferenças importantes. Em termos de definição, por exemplo, enquanto o racismo volta-se contra uma coletividade, a injúria racial é dirigida a uma pessoa em particular. Mas a promotora Liana Espínola, que coordena o Núcleo de Gênero, Diversidade e Igualdade Racial (Gedir) do Ministério Público

da Paraíba (MPPB), aponta que, com a Lei nº 14.532/2023, a injúria racial tornou-se uma modalidade de crime de racismo: “O Supremo Tribunal Federal equiparou, em gravidade, a injúria racial ao racismo, tornando-a imprescritível e inafiançável. E a pena, que era de um a três anos de prisão, aumentou para de dois a cinco anos”.

MERGULHO NO INTERIOR

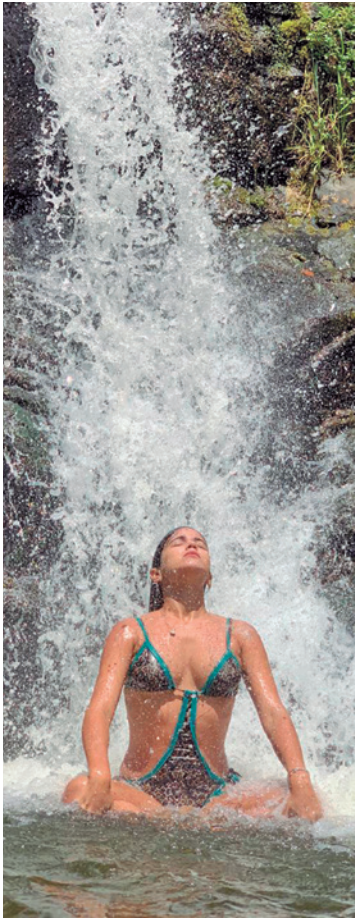
Banho de beleza nas águas do Brejo

Região abriga relaxantes quedas d’água e piscinas naturais em cenários exuberantes, atraindo turistas de todo o país

Teresa Duarte
teresaduarte2@gmail.com

Para quem não gosta da agitação dos centros urbanos ou das praias lotadas, não há nada melhor do que um bom banho de cachoeira para repor as energias, em perfeito contato com a natureza. E nem é preciso ir tão longe para desfrutar dessa experiência; diversos municípios do Brejo paraibano abrigam belíssimas quedas d’água, situadas em cenários de exuberantes vegetações, onde se pode vivenciar momentos de lazer e aventura.

Entre todas as cachoeiras do estado, duas merecem destaque especial. Na cidade de Pilões, encontra-se a Cachoeira de Ouricuri, uma das mais lindas da região, por estar rodeada de montanhas e oferecer várias alternativas de trilhas ecológicas, dentro de uma floresta da Mata Atlântica. Já a Cachoeira do Roncador, muito frequentada por amantes da natureza da Paraíba e de estados vizinhos, fica entre os municípios de Bananeiras e Pirpi-



Locais propiciam lazer e descanso

rituba, chamando atenção por suas piscinas naturais e variedades de fauna e flora.

Ambas são exemplos de destinos turísticos perfeitos para viajantes que procuram escapar do frenesi das grandes cidades, descansando e reenergizando os sentidos em paisagens paradisíacas.

Roncador

O acesso à Cachoeira do Roncador é feito por meio de uma trilha ecológica, que deve ser percorrida a partir de um restaurante, situado a cerca de 6 km do Centro de Bananeiras. Os visitantes estacionam seus veículos no estabelecimento e cumprem a caminhada a pé, chegando à base da cachoeira.

O lugar, localizado no Sítio Angelim, chega a atrair cerca de 400 visitantes por dia, durante a alta temporada, e faz parte dos 6.113 hectares que compõem a Área de Preservação Ambiental (APA) Roncador, criada pelo Decreto Estadual nº 27.204, de junho de 2006.

Encravada na escarpa do Planalto da Borborema, a cachoeira deve esse nome curioso ao ruído característico, semelhante a um ronco, que suas correntes produzem, junto aos ventos, enquanto desabam de uma altura de 45 m, formando mais de 10 pequenas quedas d’água entre as pedras do Rio Bananeiras. E engana-se quem pensa que essa vista encantadora perde seu apelo quando passa o verão; o conjunto de relaxantes piscinas naturais da área torna-se ainda mais atraente durante o inverno, quando aumentam o volume e a intensidade das águas.

Há também uma trilha que leva o público à parte superior da cachoeira. Ao longo do percurso, que é muito bem sinalizado, é possível flagrar saguis e várias espécies de pássaros típicos dos biomas da Mata Atlântica e da Caatinga. Por falar em biodiversidade, em toda a extensão da APA Roncador encontram-se, ainda, espécies variadas de árvores, como angelins, juremas, mandacarus, sucupiras, paus-d’arco, sapucaias e piruás.

Cachoeira de Ouricuri conta com banheiros e ambiente para camping

Localizada no Engenho Nossa Senhora da Penha, a pouco mais de 5 km do Centro de Pilões, na PB-077, a Cachoeira de Ouricuri é de acesso mais difícil, por conta de uma trilha íngreme que completa a rota, após o trecho que pode ser percorrido por automóvel.

Mas o esforço é logo recompensado aos visitantes do lugar; não há quem resista ao esplendor esculpido pelas águas do Rio Araçagi, que correm por entre árvores e rochedos, criando uma série de cascatas e corredeiras de beleza inconteste. A força das correntes ainda produz um fenômeno interessante nas fendas das rochas que ficam no leito do rio, onde se pode mergulhar em um ponto e emergir em outro (mais um atrativo especial do local).

A queda d’água não é muito alta e a superfície é bem rasa, permitindo um banho seguro e tranquilo, inclusive, para crianças. Além disso, embora seja turva, a água tem pureza comprovada, já que não há nenhuma aglomeração humana a montante do Rio Araçagi.

Manutenção

Para ter acesso à Cachoeira de Ouricuri, os visitantes precisam pagar taxas para a equipe de administração e de manutenção do espaço, liderada por Mailson Pontes de Oliveira, proprietário do Engenho

■ Mantida por proprietário de engenho, infraestrutura da área ainda dispõe de quiosque e equipes de segurança

Nossa Senhora da Penha.

A entrada unitária custa R\$ 3 (sendo isentas crianças de até 10 anos de idade), mas grupos reunidos para acampamento ou prática de rapel devem combinar valores com o próprio Mailson. Já quanto aos veículos usados pelos visitantes, são cobrados: R\$ 5 para bicicleta; R\$ 10 para motocicleta; R\$ 20 para quadriciclo; R\$ 20 para automóvel pequeno; R\$ 25 para automóvel grande; R\$ 30 para van; e R\$ 60 para ônibus. De acordo com Mailson, toda a quantia arrecadada com os ingressos é utilizada para manter e aprimorar a infraestrutura do lugar, que inclui recursos como área de *camping*, estacionamento, banheiros e lixeiras, entre outros.

Carta à Minha Mãe, Passinha Agra



Amada Mãe,

A senhora foi uma extraordinária memorialista, e com seu exemplo aprendi a amar a História desde os tempos de criança. Ainda na adolescência, eu já sabia o caminho que trilharia na vida adulta, pois presenciei, quase todas as semanas, como a senhora recebia em casa aqueles que a procuravam para entrevistas, reportagens e pesquisas sobre a História de Campina Grande, da Paraíba, do Nordeste e, claro, de nossa própria família.

Muito depois, já casada e mãe de três filhos, decidi me profissionalizar nesta ciência que tanto amo, cursando História para me tornar professora. A senhora, querida Mãe, partiu para outro plano há dezessete anos, indo fazer companhia ao meu amado e querido Dr. Amorim. Durante esses anos de sua ausência, sonhei poucas vezes com a senhora. Contudo, ao iniciar este mês de novembro de 2024, tive um sonho marcante, que compartilho agora.

Naquela noite, adormeci como de costume às 21h30 e, em sono profundo, sonhei com a senhora. Seus belos olhos azuis estavam marejados de lágrimas, algo que muito me surpreendeu. Naquele instante, eu me admirava, pasma, porque só me lembrava de seu choro na partida de Selma e Marcos, mas não entendia o motivo para um novo lamento. Então, no sonho, eu perguntava:

– Por que a senhora está chorando, Mãe? O que lhe aflige? A senhora, uma Mulher magnífica, tão forte, tão destemida, tão guerreira! Sempre autônoma e inabalável, defensora incansável de sua família e dos nove filhos que criou com tanto amor. Por que chorar agora?

D. Passinha, profundamente entristecida, me respondia no sonho:

– Porque, minha filha, sinto-me profundamente melindrada. Há algo errado na Cidade ou em nossa família, algo injusto e doloroso. Quero que você, como historiadora da Casa, descubra o que está acontecendo. Nem a Cidade merece ser julgada, nem nossa família deve ser vítima de mentiras tão cruéis.

Acordei sobressaltada, perturbada por suas palavras. Pela manhã, compartilhei o sonho com minhas irmãs, que asseguraram que tudo parecia estar em paz, com a graça de Deus.

No entanto, por volta das 10 horas, recebi telefonemas de três amigas leais, que me alertaram sobre um artigo publicado em um jornal local, no qual um antepassado nosso era alvo de insultos terríveis. Pedi imediatamente uma cópia a cada uma delas e fui atendida. Assim que as recebi, agradei, entrei em casa e sentei-me para ler.

Ao abrir o jornal e me deparar com o texto, senti meu coração apertar. Li, reli, e, a cada nova leitura, a incredulidade aumentava. Quando terminei, estava em lágrimas, profundamente abalada.

Dedicado à memória de Afonso Campos, e à força de todas as mães que nos ensinam a lutar por justiça.

Naquele momento, compreendi que o sonho com a senhora foi um aviso. Ele antecipava o impacto devastador das palavras que eu acabara de ler, palavras que expuseram a maldade humana, os falsos amigos, e uma tentativa deliberada de destruir a verdade histórica.

Ah, minha Mãe, como a senhora sempre dizia: “Nenhuma pessoa, nenhum historiador tem o direito de insultar os mortos.” Mas foi exatamente isso que ocorreu. O artigo não só desrespeitou a história de nosso antepassado, mas também feriu profundamente os familiares que ainda preservam sua memória.

O título do texto era ultrajante: “Afonso Campos: um mito forjado”. Mas, não contente com isso, o difamador da Memória, o detrator da História, avança ainda mais em sua insolência. Ao final do primeiro parágrafo, no qual começa a desfilar suas injúrias, atreve-se a anotar: “A única coisa relevante na vida de Afonso Campos foi morrer!”

Como se não bastasse, prosseguia com afirmações absurdas, como: “A trajetória nua e crua da morte, como se vê, nada excepcional.” E seguia com críticas implacáveis, atacando até mesmo o filho de Afonso, Aluizio Campos, e menosprezando as homenagens realizadas por ocasião do Centenário de Afonso.

O autor, em sua arrogância, teve o desplante de sugerir que Afonso foi “idealizado, com assento no patamar dos mitos paraibanos, junto a grandes nomes de real merecimento e outros heróis fake de semelhante promoção.”

Meu Deus, meu Cristo Redentor! Ao ler tais palavras, senti como se tivesse sido transportada para o fim do mundo, ou confrontada com uma piada de mau, de péssimo gosto — perversa, cruel e destinada a ferir profundamente o que há de mais sagrado: a dignidade da memória.

Minha Mãe, tais palavras não apenas desrespeitam a memória de nosso antepassado, mas demonstram uma total ausência de ética e humanidade. Foi uma leitura que ofendeu todo o meu ser e que certamente ofende a qualquer pessoa de bom caráter, ligada ou não à História.

O sonho que tive

com D. Passinha se realizou. O ar me faltou por um instante, minha saúde se alterou e meu espírito, tão alinhado à História, sofreu imensamente com os insultos descabidos e mal-intencionados de alguém que, infelizmente, se diz Historiador.

Com o coração pesado, a alma ferida pelo que li e desencantada pelo lido, despeço-me, Mãe, tentando encontrar consolo na certeza de que a verdade, por mais atacada que seja, jamais se apaga.

Com mágoa profunda, mas também com a força que a senhora me transmitiu,

Léa Amorim
Historiadora e Professora Aposentada de História – UFCG e UEPB



Foto: Arquivo pessoal

A Força do Legado

(A Minha Mãe, Léa Amorim)

Por Melanie Amorim

Mamãe, não chore, guarde suas lágrimas, pois delas brotam a força que você sempre nos ensinou. Seus olhos, tão marcados pela História, não merecem a dor de palavras vazias, escritas por mãos que não sabem sentir.

Eles não conhecem a verdade, não sabem o peso do nome que carregamos. Ignoram o sangue que nos une e o legado que defendemos. Mas nós sabemos, Mamãe. Sabemos que a verdade não se apaga, nem com tinta de jornal, nem com a língua amarga de quem escolheu a maldade.

Mamãe, seus olhos já viram o mundo de tantas formas, seus passos já trilharam caminhos que eles jamais alcançarão. Não se deixe abalar por quem grita, mas não escuta, por quem escreve, mas não sente.

Somos filhas da memória, somos tecelãs do passado. E, como dizia sua Mãe, minha Avó: “Os mortos têm a força do silêncio, e é no silêncio que a verdade repousa.”

Afonso não está sozinho. Ele tem você, que carrega sua história com dignidade. Ele tem a mim, que herdei de você a coragem e da minha Avó, Passinha Agra, a fé inabalável no tempo, que cura e que revela.

Mamãe, deixe que falem. Deixe que apontem dedos frágeis, porque a verdade é um rio profundo que não se contamina com a lama da superfície.

Segure minha mão. Não estamos sozinhas. Somos herdeiras de uma força ancestral, somos guardiãs de uma memória viva. E, juntas, faremos com que a História, a verdadeira História, aquela com H maiúsculo, seja sempre ouvida, sempre respeitada, sempre lembrada.

Dedicado a você, Minha Léa, que me ensinou a lutar com palavras e com Amor.

CINEMA

Machismo espelhado

Um dia num country club começa com demonstrações de poder e termina com onças à solta



Fotos: Divulgação/Vitrine Filmes

A diretora Anna Muylaert fala sobre “O Clube das Mulheres de Negócios”, em cartaz em João Pessoa



Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Dois jornalistas vão até um *country club* para entrevistar um grupo de mulheres poderosas. Elas são grosseiras e assediadoras; eles, vestindo *cropped* e saias, são frágeis e oprimidos por elas. Os estereótipos de gênero invertidos são um dos toques surrealistas em *O Clube das Mulheres de Negócios*, filme de Anna Muylaert que está em cartaz, em João Pessoa: suas próximas exposições são amanhã, no Cine Bangüê (Espaço Cultural), e terça (10), no Cinépolis (Manaiara Shopping).

Essa inversão de papéis de uma sociedade machista foi a maneira que a diretora de *Que Horas Ela Volta?* (2016) buscou para trazer os espectadores homens para essa conversa. “O filme partiu da idéia da inversão, justamente para estabelecer

um diálogo com os homens a partir do espelhamento”, afirma ela, em conversa com **A União**. “Comportamentos que são normalizados nos homens se tornam terríveis quando feitos por corpos femininos”.

No ambiente luxuoso e isolado em que se passa a história, o jovem repórter, vivido por Rafael Vitti, e o veterano fotógrafo, interpretado por Luís Miranda, começam a perceber as fissuras na imagem perfeita dessas mulheres e descobrem que as onças que ficavam engaioladas no local estão à solta — e já fazendo vítimas. Acontece uma espécie de revolta da natureza, que tem suas alegorias possíveis.

“O filme começa propondo uma inversão de gêneros para falar das estruturas de poder e de suas aberrações”, conta Muylaert. “A figura da onça entra como uma metá-

fora que pode ter várias interpretações, mas para mim a principal delas é falar de um escopo de poder no qual o ser humano tem algum domínio, mas nunca terá todo o domínio: a natureza”.

As onças são CGI, uma experiência desafiadora para a diretora. “Sim, foi uma experiência nova e muito complicada, além de cara”, conta. “É um processo muito técnico, são tantas etapas que, para mim, foi bem difícil de compreender”.

O elenco feminino naturalmente é muito forte: Cristina Pereira, Ítala Nandi, Irene Ravache, Grace Gianoukas, Louise Cardoso e Katiúscia Canoro lideram o time.

“Ninguém estava pensando desde o começo. Tive a parceria da produtora de elenco Alê Tosi, que tem uma memória e uma sensibilidade gigantesca”, explica a diretora. “Ela foi sugerin-

do os nomes para cada personagem de acordo com a energia das atrizes e fomos escolhendo, encaixando. As primeiras a serem escolhidas foram a Ítala Nandi, que mesmo sendo octogenária logo topou fazer uma cena de suruba e a outra foi a Grace Gianoukas que fez um teste genial logo de cara”.

No final, a imagem de uma nota de R\$ 50, com uma onça estampada e coberta de sangue também tem seus simbolismos. Seria o capitalismo se voltando contra os capitalistas?

“Acho que tem muitos significados. Um deles é esse que você cita”, diz a diretora. “O capitalismo está destruindo o planeta e as consequências são e serão para todos. Outra interpretação que gosto é ver o sangue de uma ferida oriunda de um ataque da onça real escorrendo sobre o simulacro do animal”.

Imagem: Divulgação/Vitrine Filmes.



O CLUBE DAS MULHERES DE NEGÓCIOS

■ Brasil, 2024. Dir.: Anna Muylaert. Elenco: Rafael Vitti, Luís Miranda, Cristina Pereira, Grace Gianoukas, Louise Cardoso, Katiúscia Canoro, Irene Ravache, Ítala Nandi, André Abujamra, Maria Bopp

■ Em cartaz em João Pessoa

■ Veja locais e horários no Em Cartaz, na página 12

FESTIVAL

Aruanda homenageia Manoel Clemente e Vladimir Carvalho

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O destaque do dia no Fest Aruanda é a homenagem ao fotógrafo paraibano Manuel Clemente. Na ocasião, será exibido o filme *A Pedra da Riqueza*, realizado por Vladimir Carvalho, em 1975, e que conta com a participação de Clemente, como diretor de fotografia. Em seguida, a família receberá, por

ele, um troféu. O evento será a partir das 15h, no Cinépolis do Manaiara Shopping. A 19ª edição do festival continua neste domingo, com outras exposições, como a do longa *Baby*, com entrada franca (veja a programação do dia no quadro).

Nascido em João Pessoa, Manoel Clemente iniciou sua carreira como fotógrafo oficial no Governo do Estado. Seu trabalho foi notado por

Vladimir Carvalho, que o convidou para trabalhar no primeiro longa de ambos — *O País de São Saruê*, lançado em 1971. Carvalho também será homenageado hoje, com a exibição de *Rock Brasília*, na mesma sessão.

No mesmo ano, Clemente integrou outro *set* importante para o audiovisual da Paraíba — *O Salário da Morte*, de Linduarte Noronha, primei-

ro longa-metragem de ficção filmado no estado. Nos anos 1980, ingressou como docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), compartilhando seus conhecimentos para diversas gerações de alunos do curso de Comunicação Social.

Fotógrafo e professor da UFPB, Matheus Andrade confidencia que em determinado momento de seus estudos na área, pesquisou por Clemente no Google e não obteve nenhum resultado relevante. Ele celebra o tributo que o Fest Aruanda presta ao artista, de quem foi aluno.

“Clemente viveu certo esquecimento na memória da direção de fotografia no Brasil. Publiquei alguns textos sobre ele e estou com um projeto de fazer um livro de memórias em sua homenagem”, revelou Matheus.



Foto: Divulgação

O longa “Baby” é atração hoje na mostra competitiva nacional do Fest Aruanda

PROGRAMAÇÃO/ HOJE

11h – Cine Aruandinha: Exibição de filme infantojuvenil [Cinépolis Manaiara 9]

15h – Sessão Energisa: Homenagem a Manoel Clemente, com exibição de *A Pedra da Riqueza* (1975), de Vladimir Carvalho; premiação de *Flora*, a *Mãe de Rei*, de Geostenys Melo, como curta mais assistido da plataforma Aruandaplay; homenagem a Vladimir Carvalho com a exibição de *Rock Brasília – Era de Ouro* [Cinépolis Manaiara 9]

18h – Mostra competitiva Sob o Céu

Nordestino: *Rita Não Anda Só*, de Ary Régis Lima (15 min, 12 anos); *Nua*, de Fabi Melo (15 min, 12 anos); *Ainda Não é Amanhã*, de Milena Times (1h16, 16 anos) [Cinépolis Manaiara 9]

21h30 – Mostra competitiva nacional: *Pássaro Memória*, de Leonardo Martinelli (15 min, livre); *Movimentos Migratórios*, de Rogério Cathalá (14 min, livre); *Baby*, de Marcelo Caetano (1h46, 16 anos) [Cinépolis Manaiara 9]

■ Entrada franca

■ Cinépolis Manaiara (Manaiara Shopping, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, 220, Lot. Oceania II, João Pessoa)

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Jens Beckert e ordem temporal do capitalismo

O capitalismo começou a se formar no século 15, na Europa, consolidando-se aproximadamente 400 anos depois. Ele produziu um aumento da riqueza nunca visto antes, ao mesmo tempo em que gerou desigualdades e crises econômicas cíclicas. De que maneira poderíamos explicar a dinâmica das economias capitalistas?

Muitos pesquisadores, entre eles sociólogos, economistas e historiadores, tentaram dar conta dessa questão. Alguns enfatizaram o papel da divisão social do trabalho, outros a sofisticação tecnológica, o aumento populacional ou a produção em escala. Para o sociólogo Jens Beckert, porém, o cerne do problema estaria na mudança que o capitalismo provocou na ordem temporal. Ele entende por ordem temporal “a orientação cognitiva prevalecente entre os atores em relação ao horizonte de suas atividades econômicas”.

Na perspectiva adotada por Beckert, no mundo moderno, as nossas ações são orientadas para um futuro que é encarado como aberto e imprevisível. É uma maneira bem diferente daquela que prevalecia na Idade Média europeia. A visão de futuro medieval tinha um caráter teleológico. Em outras palavras, acreditava-se que a história rumava para um final apocalítico tal qual profetizado na bíblia. A maneira como vemos o tempo muda com o processo histórico e é fundamentalmente influenciada pela cultura e pela forma como organizamos a vida material.

O fato de na modernidade o futuro ser visto como processo que estaria em aberto tem como influência uma concepção linear do tempo que está baseada na ideia de progresso. A física que nasceu com Galileu e que alcançou o seu apogeu com Newton, uma ciência cada vez mais matematizada e probabilística, desempenhou papel importantíssimo. O pensamento iluminista também foi decisivo nessa mudança, seja criando metanarrativas históricas ou estabelecendo um entrelaçamento entre cálculo e prognósticos políticos para o futuro.

Em sociedades tradicionais, passado, presente e futuro se confundem. É como se os indivíduos vivessem em um presente eterno. Na ordem temporal inaugurada pelo capitalismo, a ideia de futuro aberto está associada à sensação de perda de controle. O risco, portanto, é palavra fundamental do léxico da modernidade. Com um detalhe: ele deixa de estar ligado a eventos naturais para ser tratado exclusivamente como efeito das ações humanas. Não se trata mais do destino ou de alguma determinação metafísica, mas de opções que tomamos e suas consequências. Decisões que, por mais que estejam baseadas no cálculo racional, podem produzir situações desastrosas e inimagináveis, que escapam ao nosso controle. Como certa vez disse Edward Lorenz, “o bater das asas de uma borboleta num extremo do globo terrestre pode provocar uma tormenta no outro extremo no espaço de tempo de semanas”.

Jens Beckert atribui importância cen-

tral a duas mudanças que a economia capitalista produziu, como fatores determinantes para mudança da ordem temporal: o dinheiro como meio de troca e a criação de mercados competitivos. A adoção do dinheiro como meio de troca e unidade, diz Beckert, é o que permite que categorizemos bens em termos estritamente econômicos, rompendo com a economia da dádiva e da solidariedade. Em sociedades tradicionais, como as estudadas pelo antropólogo Pierre Clastres, trocas econômicas são desconhecidas. A produção é simples, voltada para criação de bens diretos. A mudança em relação à dinâmica tradicionalista tem como resultado uma alteração na concepção temporal. O dinheiro permite operações mais abstratas baseadas no cálculo e o acúmulo indefinido de riquezas. O dinheiro é também, como observou Karl Marx, o melhor representante do capital.

Para fechar o argumento, mercados competitivos capitalistas são apontados por Jens Beckert como outra força radical de mudança. A competitividade é o que ajudaria a manter os atores econômicos sempre alertas e voltados para o futuro. O mercado competitivo estimularia atitudes mais racionais, a busca pela inovação e geraria uma luta encarniçada pela sobrevivência. Todos estaríamos sujeitos a ser suplantados por novas tecnologias ou processos produtivos mais eficientes.

Como já havia observado Schumpeter, a partir de uma leitura de Marx, “a destruição criativa é o fato essencial do capitalismo”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Música e historicidade

Enrico Fubini, musicólogo italiano nascido em 1935, em seu livro *Estética da Música*, publicado em 2019, sustenta a tese: “O modo de sentir e fazer música se modifica ao longo da história” (2015, p. 16-17). Para o autor, a atividade do músico exige anos de aperfeiçoamento com o objetivo de adquirir a técnica precisa de interpretação, capaz de impactar o senso crítico e estimular a sensibilidade no comportamento humano. A partir dessa perspectiva, ele reflete sobre a linguagem musical em determinada situação histórica por meio de sua relação com as ciências humanas, como a filosofia, a sociologia e outras disciplinas afins. Fubini defende que articular a funcionalidade da música com outros campos do saber é essencial para fomentar reflexões sobre a violência e contribuir para o desembrutecimento humano. Por exemplo, nos escritos dos filósofos gregos Platão (428 a.C.-347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), a música é abordada como parte do processo de formação das virtudes éticas dos cidadãos, especialmente no âmbito político (2015, p. 19). Já na sociedade medieval, a noção de música estava centrada no ensino de canções religiosas, que, juntamente com o desenvolvimento da linguagem escrita, desempenharam uma funcionalidade determinante para que os documentos musicais expressassem uma intensa espiritualidade. O musicólogo ressalta que a música, assim como outras formas de arte, é movida por conhecimentos, experiências e sentimentos únicos do artista, os quais refletem a diversidade e a complexidade da condição humana.

A relação entre a música e os discursos religiosos das sociedades antiga e medieval, de acordo com o pensamento de Fubini (2015, p. 85), revela que o elemento musical da harmonia era vivenciado pelos eclesásticos como um gerador do equilíbrio universal. Essa tese era influenciada pelo pensamento do filósofo e matemático grego Pitágoras de Samos (570 a.C.-495 a.C.) sobre a música. As leis científicas e matemáticas relacionadas



Fubini, autor de “Estética da Música”

às propriedades do som, nas quais se baseou o desenvolvimento da teoria musical, especialmente em termos de exatidão numérica, deram origem a abordagens que identificavam vínculos entre a estrutura musical e os fenômenos da natureza e do cosmos (2015, p. 27). Assim, desde os tempos antigos, há o aspecto subjetivo na música. Diante disso, as discussões sobre o tema são historicamente antagônicas: ou se reconhece um apelo emocional intrínseco à música, ou se defende a existência da obra como algo autônomo, independente de emoções. A articulação entre o musical e o plano das emoções é analisada desde a Antiguidade e pode ser fundamentada na distinção entre as linguagens. Sob essa perspectiva, enquanto as palavras existem independentemente dos sentimentos, os sons os carregam em sua essência.

A ideia dos processos curativos atribuídos à música remonta aos povos mais arcaicos. Aristóteles, por exemplo, considerava essa arte um recurso constituído de muitos benefícios pedagógicos, terapêuticos e outros. O filósofo também estava convencido de que diferentes organizações de melodias, ritmos e harmonias provocam reações distintas ao corpo humano. Nesse sentido, Vincenzo Galilei (1520–1591), lutenista, compositor e teórico musical italiano, afirma: “Cada intervalo é responsável por determinadas sensações” (2015, p. 104). De forma contrária, Eduard Hanslick (1825–1904), escritor e crítico musical,

em seu livro *O Belo da Música*, publicado em 1854, é citado por Fubini ao defender a ideia de que a música é uma representação simbólica das emoções humanas. Isso significa que o material musical não contém sentimentos intrínsecos, mas simboliza, por meio de sua dinâmica, os movimentos emotivos do ouvinte (2015, p. 130). Já Susanne Langer (1895–1985), filósofa e escritora norte-americana, compara a linguagem discursiva à linguagem musical. Ela considera o elemento figurativo presente na música como uma forma de arte intraduzível. Dessa maneira, os efeitos do fenômeno musical podem ser compreendidos como resultados de expectativas particulares, visto que a interação com a música está associada à busca por sublimação emocional.

A tese principal de Enrico Fubini, em *Estética da Música*, é defender que a arte dos sons se perpetua na história ao refletir um momento histórico em sua execução, especialmente pela qualidade da transcrição de seu conteúdo. Para os historiadores, a música reflete valores, crenças e tradições de diferentes comunidades desde as origens das civilizações. Os argumentos apresentados pelo musicólogo reforçam a ideia de que a linguagem musical, enquanto atividade de grande impacto pessoal, social e obra artística, ocorre, porque a experiência musical está conectada ao instante em que é concretizada, o que, até hoje, influencia a preservação da música e historicidade dos povos.

Sinta-se convidado à audição do 498º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 8, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre as contribuições históricas e revolucionárias do pensamento musical do compositor e pianista austríaco Johann Nepomuk Hummel (1778 – 1837).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

A vírgula

Precisamos de vírgulas agora mais do que nunca. Vírgulas são necessárias, elas definem o texto. Precisamos porque a pontuação está desaparecendo. Basta olhar nas postagens dos textos nas redes sociais. Não é porque precisamos de uma pausa. Uma pausa já é uma vírgula.

A beleza da vírgula é que ela nos oferece outra pausa, que nos insere no espaço da gramática, mas não está fácil. Perderemos toda a beleza do texto, a nuance e sutileza na comunicação, e gritaremos com alguém, por causa da vírgula. Por causa da vírgula? Acho que não, brigamos porque não suportamos a autonomia do outro, vírgula.

Discutir vírgulas agita os ânimos e, desde a época de São Jerônimo — no século 5 d.C., concebeu o primeiro sistema de divisão de textos, *per cola et commata* um mundo enfim ordenado — que nos coloca diante de pausas e hesitações públicas.

Saramago não seria possível sem a vírgula, já Proust... O fundador da *New Yorker*, Harold Ross, colocou uma vírgula na linha “Depois do jantar, os homens foram para a sala de estar” para que os homens pudessem ter tempo de empurrar as cadeiras para trás, levantar-se e depois ir para a sala de estar”. Entenderam?

Vamos aos exemplos mais banais? Não. A triste ironia da frase inicial de desgraça, de J.M. Coetzee, e do seu protagonista frio, cauteloso e emocionalmente distante, não existiria se não fosse a vírgula: “Para um homem da sua idade, 52 anos, divorciado, ele em sua opinião, resolveu muito bem o problema do sexo. ‘Sexo é bom, né?’”. Olha a vírgula.

Pico Iyer, autor de *Arte da Quietude*, escreveu um artigo para a revista *Time* no qual afirmava que discutir vírgulas é como discutir amor e oferece exemplos. Mas amor é latifúndio, sexo é invasão, já dizia Rita Lee. “No amor, as menores coisas importam desesperadamente, e é por isso que os amantes prestam tanta atenção às menores marcas na página”, escreveu Pico Iyer.

Sabe aquela carta da canção de Nando Reis, do cara que carimba postais e por descuido abriu a carta que voltou? A carta veio para o substantivo, mas ninguém examina uma carta tão de perto quanto um amante, procurando letras pequenas, esforçando-se para ouvir nuances, suspiros e hesitações, debruçado sobre as mensagens secretas que engolem todas as vírgulas. Há uma cena no filme *Her*, de Spike Jonze, sobre amor e vírgulas. Depois eu conto. Não, conto logo — a história se passa em algum momento no futuro, quando Theodore (Joaquim Phoenix) se apaixona por um sistema operacional, Samantha (interpretada por Scarlett Johansson, a robô mais bela, que fala com uma voz rouca e sensual).

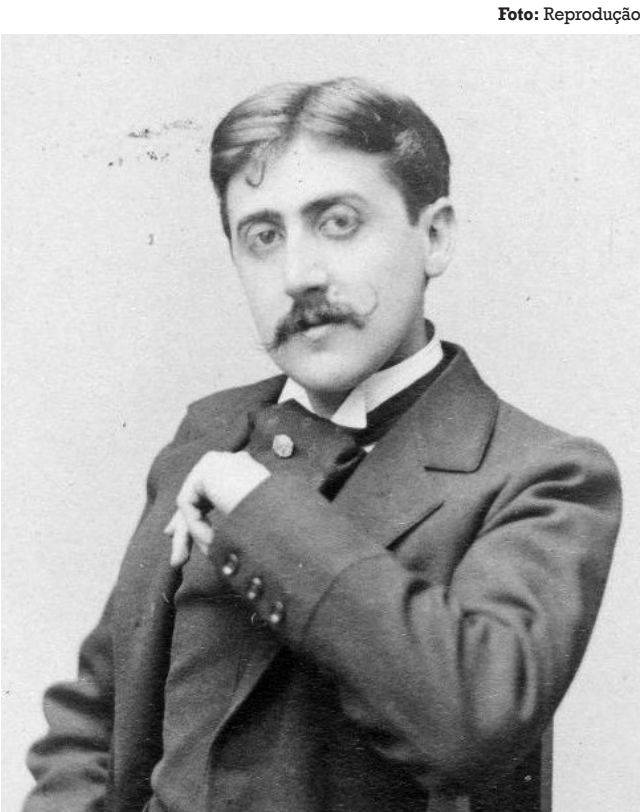
Na cena, o casal discute e, durante a briga, Theodore pergunta com raiva à namorada robô por que ela suspirou enquanto falava. “Por que você faz isso? Não é como se você precisasse de oxigênio ou algo assim”.

A propósito da vírgula, Oscar Wilde escreveu: “De manhã tirei uma vírgula, mas após uma reflexão madura, coloquei-a de volta”.

São tantas histórias sobre as vírgulas que falam, determinam a oração e não pausam e engolem o sentido da frase, mas não é sobre isso que eu queria escrever, aliás, quem nasceu primeiro, a vírgula ou a dúvida?

Kapetadas

- 1 - Tudo tem um lado bom, alguns colchões têm até dois.
- 2 - Quer saber a distância mais curta entre dois pontos erógenos? Arreta.
- 3 - “Tudo que foi prazer torna-se um fardo quando não mais o desejamos”, uma frase sem vírgula de Proust.



“Saramago não seria possível sem a vírgula, já Proust [acima]...”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

As mútuas (intrigantes) contribuições tecnológicas

Nunca deveríamos ignorar o que se entende por “mútuas contribuições”, como possibilidades formais numa inovação mais efetiva entre o cinema, o vídeo e a televisão, especialmente no uso das atuais tecnologias de produção, de registros e de composição dessas imagens. A computação gráfica e demais artifícios do passado, hoje, dão respaldo à inteligência artificial (IA).

Contemporizando essa questão, já que nos referimos a ela numa outra ocasião (em tese de mestrado para a UnB), e trazendo-a a um viés mais atual de complexidade, afirmo que as relações entre as formas audiovisuais estão mais difíceis. Sobre tudo, em termos espaciais e de mercado, ficaram as tais “contribuições” apenas no plano tecnológico. O cinema ganhou qualidade nas suas imagens, mais definição imagética, coisa que não mostrava no passado.

No primeiro momento, se analisa essa questão do cinema *versus* televisão, pura e simplesmente, não só por esse prisma da confrontação, certamente, teríamos que enveredar pelas trilhas do eufemismo. Contudo, não vimos encontrando sobre essa tão preconizada “interação”, questionamentos mais objetivos,

Identidade

Se a TV não tivesse absorvido as formas visuais do cinema, então, como seria realmente essa televisão? De que maneira esse veículo haveria de construir seus “símbolos visuais”?

do tipo: se a TV não tivesse absorvido tão rapidamente as formas visuais do cinema, então, como seria realmente essa televisão? Isto é, de que maneira esse veículo (televisão) haveria de construir seus “símbolos visuais”, a sua própria identidade linguística?

Levando-se em consideração esse raciocínio, seriam igualmente avaliadas as

possibilidades referenciais, ou de pontos sincrônicos que possam existir entre os discursos construídos, cinematográfico e televisivo, entendendo-se, a priori, a natureza singular de contemporaneidade entre a arte-do-filme e a interatividade televisiva. Aceitaríamos, ainda, a hipóteses de que, se a tal interação entre cinema e televisão seria de fato bom ou mau negócio para ambos os media, indagando-se ainda se a mídia eletrônica teria um perfil narrativo próprio ou, originariamente, uma maneira de informar, além do modelo já amplamente standardizado pelo cinema? É mais: se excluirmos do seu discurso todos os elementos considerados “gramaticais”, de conteúdos formais e cinematográficos, como planos, ângulos, movimentos de câmera, além de significação própria da imagem, o que restaria, então, à “telinha” como proposta de linguagem, sobretudo, visual?

É possível haver algum tipo de “antropofagia cultural”, na hipótese de que a televisão se apropriou — substancial e formalmente — dos ícones e moldes estéticos e linguísticos do cinema? Esse é um tema, sobretudo, pelas evidências de mercado, a se pensar bem... — Mais *Coisas de Cinema*, acesse: www.alexssantos.com.br



APC reúne diretoria e programa fim de ano

Reunida na quinta-feira passada, pela manhã, a diretoria da Academia Paraibana de Cinema discutiu e aprovou a programação de final de ano, para celebrar o Dia Mundial do Cinema. O encontro aconteceu na nova sede, em Tambaú, foi coordenado pelo presidente da entidade, professor João de Lima Gomes, com a participação de integrantes da instituição.

Para 28 de dezembro próximo, Dia Mundial do Cinema, a agenda prevê homenagens aos acadêmicos recentemente falecidos, bem como, lançamento de livro sobre o cinema paraibano. Nesse dia, também serão lançados editais para preenchimento das novas vagas da APL.

RÁDIO

Parahyba FM estreia novo *talk show* amanhã

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A rádio Parahyba 103.9 FM estreia amanhã, a partir das 20h, o programa *E Com Vocês...*, buscando uma proposta inovadora para sua programação. Apresentado por Alex Carvalho, o programa se diferencia dos demais da grade de programação (como os *talk shows* *Pincel e Lápis*, *Ouçá um Filme* e *História do Disco*, que abordam temas específicos relacionados a obras culturais), concentrando-se em explorar histórias de vida por meio de entrevistas com artistas convidados que compartilham marcos pessoais e suas respectivas conexões com a música.

Na semana seguinte à transmissão, cada um dos episódios, que irão ao ar sempre às segundas-feiras, ficará disponível nas plataformas de *podcast*. O endereço pode ser acessado na bio do perfil @parahyba-fm103.9 no Instagram.

“Não queríamos que a pessoa chegasse aqui e eu dissesse assim: ‘Como começou sua carreira?’, porque essa é a pergunta mais generalista que existe. Queria que fosse um programa em que pessoas importantes para a cena cultural, a arte e a educação paraibanas tivessem ótimas histórias de vida para contar”, explica André Cananéia, idealizador do programa.

O diferencial está justamente em detalhar momentos da vida que fogem



Foto: Divulgação/Parahyba FM

Charles Gavin na Parahyba FM: lembranças musicais

do comum, revelando aspectos menos conhecidos dos convidados ao público. “Para isso, criamos uma dinâmica em que cada um escolhe cinco músicas que marcaram sua infância, adolescência, vida adulta, além de canções que evocam lembranças felizes e tristes”, detalha.

O programa de amanhã contará com a participação de Charles Gavin, ex-baterista da banda Titãs, que compartilha momentos significativos de sua

vida enquanto pesquisador de música, tratando acerca da história fonográfica brasileira, com revelações surpreendentes. Entre outras canções do *top five* de Gavin, “Festa de arromba” (Erasmus Carlos) é tomada como lembrança de infância; “A peleja do Diabo com o dono do Céu” (Zé Ramalho), marca sua idade adulta; e “Epitáfio” (Titãs) como ativadora de memórias tristes, diante do contexto da morte do guitarrista Marcelo Fromer

— embora a mesma estivesse pronta antes do fatídico acidente do músico.

Ao longo da primeira temporada, com previsão de 12 a 15 episódios, outros nomes de destaque também marcarão presença. Entre os convidados já confirmados estão a escritora Maria Valéria Rezende (dia 16), o quadrinista Mike Deodato (dia 23), além do poeta Sérgio de Castro Pinto, Lukete, Cristiano Aguiar, Olga Costa, Fuba e Mestra Doci.

“As entrevistas têm sido momentos emocionantes, como no caso do Deodato, em que a conversa revelou facetas muito humanas e tocantes de sua trajetória. A ideia do programa, como tudo o que sempre fazemos aqui na Parahyba FM, é pensar fora da caixa”, ressalta André.

Em dezembro, a rádio estreia a nova temporada dos *talk shows* das 18h. Com a proposta de unir música e histórias pessoais, *E Com Vocês...* pretende conquistar a audiência ao oferecer uma experiência intimista e cultural.

■ O convidado escolhe cinco músicas que marcaram infância, adolescência, vida adulta, e que evocam lembranças felizes e tristes

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Solha, poema, meditação

Porque precisa de um poema novo, W. J. Solha, desta feita, se imiscui na pele e no olhar de outros para, a eles incorporado, fazer um audacioso balancete da trajetória existencial de si e da cultura, das ideias, das artes e dos inventos.

Preciso de um Poema Novo (Cajazeiras, PB: Arribo, 2024), eis o seu vasto e poliédrico poema que dá sequência a títulos anteriores, demarcados pelo mesmo diapasão em que a hipermediação intertextual, tão cara ao relativismo pós-moderno, constitui, talvez, a ossatura mais característica e o traço mais revelador de uma escrita culta e conceitual que se prefigura totalizante e meditativa.

Essa viagem semântica, povoada de questionamentos e perplexidades, como que se inicia, pelo menos na cadência do verso, com *Trigal com Corvos*, continua com *Marco do Mundo*, *Esse É o Homem*, *Vida Aberta* e outros, para culminar nesse poema que me parece, sem demérito da grandeza dos que o precedem, consolidar o *phatos* estético que tanto tem inquietado W. J. Solha, ao longo de sua persistente e multifária aventura criativa.

Leio e releio Solha, faz tempo. Cheguei a escrever algumas notas analíticas acerca de seus escritos, quer no verso, quer na prosa, e sempre me vi diante de um autor que traz o selo agônico do pensamento crítico, o calor filosófico dos debates essenciais, as labaredas afetivas que maculam a paisagem humana nos seus conflitos existências e, sobretudo, a vivência e o espanto dos signos culturais que parecem não dizer tudo do mistério da vida e que, na sua metodologia individual de iluminado criador, se estilhaçam nos movimentos surpreendentes de uma rica poética da leitura.

Solha, antes de ser o escritor que é, é, especialmente, um leitor. Um leitor sem medidas, um caçador de imagens, um rastreador de ideias, um colecionador de beleza. Como aquele viajante que sabe renovar os caminhos percorridos na viagem de volta, Solha, o leitor, reescreve sob as luzes de focos imprevistos, a história e a geografia da humanidade, por meio da fala multivocal de seus personagens e dos episódios singulares por eles vividos.

Shakespeare é um desses protagonistas cuja voz ecoa na musicalidade de alguns versos, como já o fez, de maneira decisiva, na sua prosa romanesca. Como um Harold Bloom, um Paulo Roberto Cannizzaro, um Ivo Barroso, uma Vitória Lima, Solha possui um coração shakespeariano.

E, nesse novo livro não se faz diferente. Os artifícios retóricos, as referências medulares, o mosaico de citações, os giros metalinguísticos, um que outro exercício experimental de ordem icônica, tudo serve para articular a dinâmica nervosa da longa meditação que se cristaliza no crescendo do texto.

Meditação que traz à tona as preocupações do eu poético, nas suas narrativas em meio aos espasmos da história cultural, sem elidir, contudo, ao face a face com a sua solidão e a sua subjetividade diante da vida e da morte.

Depois de refletir acerca de tantos fatos, obras, olhares, ações na trama da história, enuncia, à página 71: “Na Verdade me sinto como num trem numa ponte em busca / do norte, / com o rio / embaixo, / a caminho da foz, / eu, / da morte”.

Mas, o vírus dessa fatalidade não chega a imprimir, no tecido poético, as cores sombrias do pessimismo ou da amargura. Mesmo que haja fracassos, crueldades, derrotas, na cena histórica, Solha parece acreditar na viabilidade humana, sobretudo, porque só o humano consegue elaborar a expressão artística. Por isso, o poema se fecha com estes versos: “e é assim que a Terra chegará a Marte / e - mais do que nunca - criará as novas ciências / e obras de arte”.

Sem dúvida, é preciso, mais do que nunca, escrever um poema novo. Não um novo poema. Fazer deste verso, “Preciso de um poema novo”, um refrão que recorra sempre na pauta da invenção e da criatividade. Algo a se repetir, numa poderosa percussão, como as notas de uma sinfonia inacabada e atemporal. Afinal, a arte, como ensina Ezra Pound, “é novidade que é sempre novidade”.

MÚSICA

Dora Morelenbaum traz ao Varadouro o show *Pique*

Apresentação de hoje, na Vila do Porto, tem canções do primeiro disco solo

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Após se destacar como integrante do grupo Bala Desejo, a cantora e compositora carioca Dora Morelenbaum se apresenta, pela primeira vez, em João Pessoa, para lançar seu álbum solo de estreia — *Pique* (Coala Records, 2024) — gravado entre abril e dezembro de 2023, no Wolf Studio (RJ). O show acontece hoje, a partir das 18h, no Vila do Porto (Varadouro, JP). Os ingressos podem ser adquiridos pelo *site* Sympla, no valor de R\$ 50.

Com um trabalho que une técnica e sensibilidade, transitando entre variados estilos da música universal, a cantora dá início a uma nova fase da carreira, despontando como uma promissora voz da cena musical contemporânea no Brasil. Ela aponta que o trabalho resulta de um esforço para expandir as possibilidades musicais, explorando referências que vão de Erykah Badu e Sade a João Donato e Cassiano.

“Minha vontade com esse álbum era sair desse lugar cru da matéria-prima da música e olhar para outros parâmetros de som e espacialidade”, comenta. A diversidade das influências reflete-se na combinação de texturas e gêneros que dão corpo às canções.



Dora Morelenbaum foi integrante do grupo Bala Desejo

Seu legado familiar também aparece como uma influência importante. Filha do violoncelista e arranjador Jaques Morelenbaum e da cantora Paula Morelenbaum, a artista reconhece a relevância dessa herança na sua formação musical. “Com eles, aprendi essa língua mãe universal que é a música e acho que, entre nós, ela existe a princípio mais em um lugar amoroso do que do entendimento profissional da coisa”, explica.

Além disso, ela encara o sobrenome como uma responsabilidade, escolhendo honrar a sorte de ter crescido em um ambiente onde a música sempre esteve presente.

No pique desejado

Lançado em 18 de outubro deste ano, *Pique* parte ainda de uma busca por uma es-

tética sonora específica, antes mesmo da concepção poética. Segundo a cantora, a definição das 11 faixas que compõem o trabalho foi guiada por essa visão inicial. “Chamei Ana Frango Elétrico para produzir comigo e isso foi decisivo para chegar nessa tal textura esperada”, explica.

A base do álbum foi gravada em uma semana, em abril de 2023, e as etapas de finalização, como vozes, cordas e mixagem, ocorreram de forma intercalada com a agenda de shows do Bala Desejo, o que contribuiu para amadurecer o projeto. “Acabou que foi importante para as ideias irem assentando, a gente poder pensar com calma nessas finalizações”, diz.

Sua transição da Bala Desejo para a carreira solo foi entrecortada por desafios e aprendizados, mas também

pela formação de um estilo próprio. “Gravei *Pique* entre viagens e os shows do *Sim Sim Sim*, do Bala, e isso já foi determinante para a sensação do álbum para mim. Ele fala sobre essa transitoriedade, também a partir dessa compreensão do que é meu e do que é do todo, essa imposição de limites”, afirma.

Ela considera ainda que o disco representa um marco na sua trajetória, permitindo maior autonomia criativa e a exploração de novos caminhos musicais.

A apresentação em João Pessoa é um momento que ela aguarda com expectativa. “Primeira vez em João Pessoa, muito animada para tocar essas músicas por aí, conhecer a galera e um pouco da cidade! Cada show do lançamento tem sido muito especial a sua forma e tenho certeza que leva-lo para João Pessoa vai ser ainda mais!”, conclui.

DORA MORELENBAUM

■ Hoje, às 20h.

■ Na Vila do Porto (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro, João Pessoa).

■ Ingressos: R\$ 50 (segundo lote), antecipados na plataforma Sympla.

SUCESSOS

Dire Straits Legacy faz show em João Pessoa

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

O grupo Dire Straits oficialmente acabou há quase 30 anos, em 1995, após o vocalista e guitarrista Mark Knopfler deixar o time. Mas os órfãos da banda de sucessos como “Money for nothing” terão a oportunidade de conferir uma apresentação de quem esteve lá, tocando com o escocês. Não é a Dire Straits, mas é a Dire Straits Legacy, banda que reúne alguns ex-integrantes da banda com novos músicos e que faz show em João Pessoa hoje, na Celebration (Portal do Sol), às 21h.

A Legacy foi formada em 2012 e conta com o tecladista Alan Clark, que foi do Dire Straits entre 1980 e 1995. Os demais membros estiveram com o grupo tocando em sessões de gravação ou turnês, sem serem formalmente do grupo. É o caso do vocalista e guitarrista Phil Palmer, de 1990 a 1992; o saxofonista Mel Collins, em 1982 e 1983; e o percussionista e vocalista Danny Cummings, de 1990 a 1992. A eles se juntam o baixista Trevor Horn; o vocalista e guitarrista Marco Caviglia; o tecladista Primiano Dibiasi; e o baterista Andy Treacey.

No repertório, os grandes clássicos da banda londrina:

“Sultans of swing” (do disco *Dire Straits*, de 1978), “So far away”, “Money for nothing”, “Walk of life” e “Brothers in arms” (as quatro do disco *Brothers in Arms*, 1985) e “Calling Elvis” (do disco *On Every Street*, de 1991).

E Mark Knopfler? Ele segue sua carreira como artista solo: lançou em abril o disco *One Deep River* e reuniu um supergrupo para uma gravação benéfica.

DIRE STRAITS LEGACY

■ Hoje, às 21h

■ Na Celebration (R. Orlando Falcone de Oliveira, Portal do Sol, João Pessoa)

■ Ingressos: de R\$ 120 (meia/ pista) a R\$ 8.000 (lounge), antecipados na plataforma Blue Ticket.



Através do QR Code, acesse o site de venda de ingressos

Foto: Divulgação



Grupo reúne músicos que tocaram com a banda britânica

Em Cartaz



Cinema

Programação de 5 a 11 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, ainda não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

O CONDE DE MONTE CRISTO (*Le Comte de Monte-Cristo*). França/ Bélgica, 2024. Dir.: Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte. Elenco: Pierre Niney, Bastien Bouillon, Anaïs Demoustier. Drama. Vitima de uma conspiração, o jovem Edmond Dantès é preso no dia de seu casamento por um crime que não cometeu. Após quatorze anos de detenção no castelo de If, ele consegue escapar. Tomando-se imensamente rico, retorna sob a identidade do conde de Monte-Cristo ara se vingar dos três homens que o traíram. 2h58. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 21h.

INEXPLICÁVEL. Brasil, 2024. Dir.: Fabrício Bittar. Elenco: Letícia Spiller, Eriberto Leão, Miguel Venerabile, André Ramiro, Moacyr Franco. Drama. Casal tenta de tudo para salvar o filho, que apresenta um caso grave de saúde. 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 15h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a seg.: 16h50. CINESERCLA TAMBIA 3: 17h50, 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h30, 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h20, 21h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: 14h40, 20h; seg. a qua.: 20h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 18h.

O SENHOR DOS ANÉIS – A GUERRA DOS ROHIRRIM (*The Lord of the Rings – The War of the Rohirrim*). Japão/ EUA/ Nova Zelândia, 2024. Dir.: Kenji Kamiyama. Aventura/ animação. Na Terra-Média, povo de um reino tenta resistir ao ataque de outro, cujo líder quer vingar a morte do pai. 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h, 15h45; leg.: 18h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h15, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h30, 18h05, 20h40. **Campina Gran-**

de: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h30, 18h05, 20h40. **Patos:** MULTICINE PATOS 1: dub.: 14h50, 17h50, 20h35.

STING – ARANHA ASSASSINA (*Sting*). Austrália/ EUA, 2024. Dir.: Kiah Roache-Turner. Elenco: Noni Hazlehurst, Jermaine Fowler. Horror/ ficção científica. Garota adota aranha como bicho de estimação, mas, à medida que cresce, o animal se mostra um assassino. 1h32. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h45; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: qui. a seg.: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 21h.

ESPECIAL

FEST ARUANDA. Festival com curtas e longas-metragens. Sexta: Sessão Cine Aruandinha (11h); homenagens a Manoel Clemente e Vladimir Carvalho (15h); Mostra competitiva Sob o Céu Nordestino (18h); Mostra competitiva nacional (21h30). Entrada franca.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 9.

NCT DREAM MYSTERY LAB – DREAMSCAPE IN CINEMAS (*NCT Dream Mystery Lab – Dreamscape in Cinemas*). Coreia do Sul, 2024. Direção não divulgada. Documentário/ show. Registro da turnê da banda sul-coreana. 2h18. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: leg.: 18h.

SOLO LEVELING – SEGUNDO DESPERTAR (*Solo Leveling – ReAwakening*). Coreia do Sul/ Japão, 2024. Dir.: Shunsuke Nakashige. Aventura/ animação. Em um mundo onde pessoas superpoderosas enfrentam monstros, simples caçador é recrutado para perigosa missão. 2h01. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: ter. e qua.: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a seg.: 22h; ter. e qua.: 19h20, 22h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/ França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama. Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da Ditadura. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11

(VIP): 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h15, 16h15, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 17h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: 18h30, 21h. MULTICINE PATOS 3: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 15h30, 20h20. **Remígio:** CINE RT: seg. e qua.: 20h15.

ANTES QUE ME ESQUEÇAM, MEU NOME É EDY STAR. Brasil, 2024. Dir.: Fernando Moraes. Documentário. A trajetória do cantor, compositor, ator e artista plástico baiano. 1h20. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom. 08/12: 17h; ter. 10/12: 20h30. Próximas semanas: sáb. 14/12: 15h; seg. 16/12: 20h30; sáb. 21/12: 17h; dom. 22/12: 19h.

O CLUBE DAS MULHERES DE NEGÓCIOS. Brasil, 2024. Dir.: Anna Muylaert. Elenco: Rafael Vitti, Luis Miranda, Cristina Pereira, Grace Gianoukas, Louise Cardoso, Katiuscia Canoro, Irene Ravache, Ítala Nandi, André Abujamra, Maria Bopp, Verônica Debon. Comédia/ drama/ suspense. Em um mundo onde os estereótipos de gênero são invertidos, dois jornalistas homens entrevistam mulheres poderosas num *country club* onde animais selvagens estão à solta. 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg. 09/12: 18h30. Próximas semanas: qui. 12/12: 20h30; dom. 15/12: 19h; qua.: 18/12: 20h30; sáb. 21/12: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 19h.

CORPO PRESENTE. Brasil, 2024. Dir.: Leonardo Barcelos. Documentário. As possibilidades de expressão do corpo. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom. 08/12: 15h; ter. 10/12: 18h30. Próximas semanas: qui. 12/12: 18h30; sab. 14/12: 19h; seg. 16/12: 18h30; qui. 19/12: 20h30; dom. 22/12: 17h.

GLADIADOR II (*Gladiator II*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Paul Mescal, Connie Nielsen, Pedro Pascal, Denzel Washington. Aventura. Após ter sua casa tomada pela tirania de Roma, gladiador entra na arena para resgatar a honra do império. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 15h, 18h, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h30. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 17h20.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira:

Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/ musical/ animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 2D: 13h40, 20h30; 3D: 16h, 18h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h40, 17h, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h30, 17h, 19h30, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h, 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 2D: 13h, 16h; 3D: 15h30, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 15h; 2D: 17h, 19h, 20h55. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h, 19h, 20h55. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 3D: 14h15; 2D: 16h15, 18h15, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h30, 19h30. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h50, 16h50, 18h50; 2D: 20h50. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 14h20, 16h40; 2D: 19h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 15h10, 20h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h20, 16h20, 18h25, 20h30; seg. a qua.: 16h20, 18h25, 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 16h, 18h20.

OPERAÇÃO NATAL (*Red One*). EUA, 2024. Dir.: Jake Kasdan. Elenco: Dwayne Johnson, Chris Evans, Lucy Liu, J.K. Simmons, Bonnie Hunt. Aventura. Quando Papai Noel é sequestrado, segurança do Polo Norte se une a caçador de recompensas para salvar o Natal. 2h03. 12 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h10.

TODAS AS ESTRADAS DE TERRA TÊM GOSTO DE SAL (*All Dirt Roads Taste of Salt*). Estados Unidos, 2024. Dir.: Raven Jackson. Elenco: Moses Ingram, Shiela Atim. Drama. A vida de uma mulher através das décadas no Mississippi. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom. 08/12: 19h; qua. 11/12: 20h30. Próximas semanas: sab. 14/12: 17h; ter. 17/12: 18h30; dom. 22/12: 15h.

171. Brasil, 2024. Dir.: Rodrigo Siqueira. Documentário. Seis presidiários condenados por estelionato contam suas histórias. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg. 09/12:

20h30. Próximas semanas: dom. 15/12: 17h; ter. 17/12: 20h30; qui.: 19/12: 18h30; sáb. 21/12: 15h.

WICKED (*Wicked – Part 1*). EUA, 2024. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Michelle Yeoh, Jeff Goldblum. Musical/ drama. Amigas em universidade de bruxas se tornam rivais após encontro com o Mágico de Oz. 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h15; leg.: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 17h. **Remígio:** CINE RT: dom.: dub.: 20h15.

Teatro

HOJE

RÉQUIEM PARA GERALDA. Texto: Ana Marinho. Direção: Duílio Cinha. Elenco: Ana Marinho. 18 anos.

João Pessoa: MERCADO PÚBLICO DO CASTELO BRANCO (Box 54, Praça Abdon Milanez, Castelo Branco I). Domingo, 17h30. Entrada franca.

Música

HOJE

DIRE STRAITS LEGACY. Banda formada por integrantes de diferentes fases do Dire Straits apresenta show da *For You South America Tour 2024*.

João Pessoa: CELEBRATION (R. Orlando Falcone de Oliveira, Portal do Sol). Domingo, 21h. Ingressos: de R\$ 120 (meia/pista) e R\$ 8.000 (lounge), antecipados na plataforma Blue Ticket.

DORA MORELENBAUM. Show da cantora da nova cena musical carioca.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 20h. Ingressos: R\$ 50 (segundo local) e R\$ 30 (promocional), antecipados na plataforma Sympla.

A OITO DIAS DA DIPLOMAÇÃO

TRE-PB ainda tem ações a julgar

Desafio é concluir a apreciação dos processos de registro de candidatura e de prestação de contas da campanha

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A oito dias da diplomação das candidaturas eleitas na última eleição, a Justiça Eleitoral enfrenta o desafio de concluir os processos eleitorais pendentes até a diplomação dos candidatos. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), até o dia 28 de novembro, a Paraíba tinha 28.932 processos autuados, com 45,28% (13.100) deles tramitando e 54,51% (15.770) baixados.

Os processos de registro de candidaturas e prestação de contas eleitorais representam a maior parte, totalizando 80,36% dos processos. Já os processos ligados às candidaturas para o cargo de vereador tem predominância,

“

Na prática, quando se fala em processo baixado é porque o processo teve o seu término, sua decisão, e aí vai para o arquivo

Ricardo Sérvulo



Tribunal Regional Eleitoral tem quase 29 mil processos autuados

com 9.337 autuados, sendo 152 tramitando e 9.185 baixados. Para o cargo de prefeito, foram 556 autuados, com 19 processos tramitando e 547 baixados.

O advogado Ricardo Sérvulo, especialista em Direito Eleitoral, explica que um processo baixado, normalmente, significa que ele foi arquivado, mas também pode indicar que ele foi baixado para uma diligência. “Ou seja, para buscar alguma prova, fazer algu-

ma perícia, para ser melhor esmiuçado, [...] mas existe geralmente, na prática, quando se fala em processo baixado é porque o processo teve o seu término, sua decisão e aí vai para o arquivo”.

De acordo com Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, a diplomação ocorrerá na data prevista, nos respectivos municípios, “uma vez que serão diplomados os candidatos eleitos com as contas aprovadas”.



Ricardo Sérvulo: Ação de Investigação pode atingir o candidato, mesmo após a diplomação

Em João Pessoa, diplomação está marcada para o dia 16

Em João Pessoa, a diplomação das candidaturas eleitas será realizada no dia 16 de dezembro, no Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), e será conduzida pela juíza da Junta Eleitoral, Maria de Fátima Lúcia Ramalho. Ao todo, 73 pessoas serão diplomadas, sendo 29 vereadoras e vereadores, 42 suplentes, além do prefeito e do vice-prefeito.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a diplomação é o ato pelo qual a Justiça Eleitoral atesta que

■ Segundo o TSE, o município com mais Ações de Investigação no estado é Patos, com 13

a candidatura foi efetivamente eleita, estando apta a tomar posse no cargo. A entrega dos diplomas ocor-

re após o término do pleito, a apuração dos votos e após os prazos de questionamento e de processamento do resultado das eleições.

Conforme Thiciane Carneiro, advogada de Direito Eleitoral, para ser diplomado, os candidatos necessitam realizar a entrega da prestação de contas, mas não precisam ter suas contas aprovadas. A advogada explica que “o que poderia atrapalhar a diplomação seria realmente a não prestação de contas. A não apresentação das suas contas,

seja pelo julgamento, aprovação ou desaprovação, não impede a diplomação do candidato que obteve êxito nas eleições”.

O advogado Ricardo Sérvulo enfatiza que, além da prestação de contas, existem outros processos que implicam na diplomação das candidaturas eleitas, como a Ação de Im-

pugnação de Mandato Eletivo (AIME) e a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), que apura abuso de poder político ou econômico, uso indevido da mídia e outros atos que comprometem a igualdade no pleito. “O que pode acontecer é que haja uma ação futura, uma Ação de Investigação Judicial Eleitoral ou uma

AIME, que pode também atingir o candidato, mesmo após a diplomação e sofrer a derrubada do mandato”, argumentou o advogado.

Segundo o TSE, o município com mais Ações de Investigação Judicial Eleitoral, na Paraíba, é Patos, com 13 processos autuados, nove tramitando e quatro baixados.

TRE avalia que as Eleições 2024 tiveram intercorrências mínimas

A presidência do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) avalia como positiva as eleições municipais, sendo realizada com “intercorrências mínimas”. “No primeiro turno, os números reforçaram o êxito das eleições, com 10.234 registros de candidaturas apreciados pela Justiça Eleitoral e mais de 230 recursos julgados”, destacou a presidência.

Para a advogada Thiciane Carneiro, a Justiça Eleitoral tem se comportado “de forma rápida, dando uma resposta à sociedade dentro do que lhe foi questionado e apresentado como problema ou questionamento”. A especialista salientou ainda que

os trabalhos da Justiça Eleitoral não são encerrados na diplomação das candidaturas eleitas.

Para ela, “esta é a função da Justiça Eleitoral, elucidar as dúvidas que ocorrem durante a campanha não só até a data do pleito, mas sim enquanto perdurarem. Eu costumo dizer que a eleição não acaba quando ela termina”.

Até o dia 28 de novembro, o TRE-PB tinha 11.544 processos autuados de prestação de contas, com 11.146 tramitando e 398 baixados. O número de processos tramitando é expressivo quando pensamos no prazo para a realização da diplomação dos candidatos eleitos. Con-

tudo, a advogada salienta que não existe a necessidade de aprovação dessas contas para a diplomação das candidaturas.

A advogada Laura Veras avalia que o julgamento dos processos de prestação de contas das eleições deste ano estão “dentro do esperado”. Conforme Veras, “é priorizada as prestações de contas dos candidatos eleitos e de seus primeiros suplentes, que serão os candidatos diplomados. O restante das prestações de contas costumam ser conferidas posteriormente às candidaturas que tiveram êxito, quer dizer os candidatos eleitos, no caso, ou seus primeiros suplentes”.



Laura Veras: julgamentos dos processos de prestação de contas estão dentro do esperado

AGENDA DEMOCRÁTICA

Iniciativa visa à igualdade racial em órgãos públicos

Plano recebeu mais de 400 contribuições de movimentos sociais e especialistas

Da Redação
Com Agência Gov

O Governo Federal lançou, na última semana, o Plano de Comunicação pela Igualdade Racial (Pcír) na administração pública federal. O objetivo é promover a igualdade racial e combater o racismo na comunicação de órgãos e entidades. A iniciativa, inédita no âmbito federal, marca o compromisso com a agenda democrática do Brasil e promove a garantia do direito a uma comunicação plural, inclusiva e diversa.

A proposta inclui uma série de medidas, como ações de sensibilização e capacitação de servidores, com foco na preparação permanente de todos os níveis da administração pública para lidar com questões raciais que permeiam a comunicação de maneira adequada e sensível.

“Pela primeira vez, o governo lança uma política pública que visualiza a comunicação da administração pública com meios fundamentais para enfrentar o racismo, promover igualdade e combater preconceitos”, comemorou a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco.

A gestora ressaltou que, além de servir para a administração pública, o novo plano atende toda a sociedade. De acordo com Anielle Franco, já estão em desenvolvimento: ações voltadas ao diálogo e ao fomento à mídia negra; criação de prêmios; e ações de combate ao racismo e aos discursos de ódio nas plataformas digitais.

“Eu acredito muito na comunicação que atue para



Foto: Divulgação/Secom-PR

Ministros Anielle Franco e Paulo Pimenta destacaram esforço do governo no combate ao racismo

mostrar a realidade do nosso país, a diversidade; uma comunicação que lute contra o racismo, os estereótipos e as violências; uma comunicação pública com amplo diálogo com as mídias negras, para que elas possam atuar e fazer seu trabalho sem barreiras, e que promova o letramento de quem atua na área”, afirmou a ministra.

Esforço coletivo

Elaborado em conjunto pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR) e a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom-PR), o plano foi construído a partir de consulta pública e das contribuições de movimentos sociais, mídias negras, especialistas. Entre os destaques, estão 19 ações que sintetizam as prioridades apontadas na escuta coletiva.

Foram mapeadas mais de

120 propostas específicas, que resultaram em cinco recomendações.

Responsabilidade

Para o ministro da Secom, Paulo Pimenta, o lançamento do plano expressa a responsabilidade do Governo Federal com a promoção da igualdade racial no Brasil.

“Esse plano representa o compromisso do governo do presidente Lula com uma comunicação que seja um instrumento para fortalecer a democracia, desenvolvendo práticas de respeito às diversidades étnica e racial dos brasileiros e brasileiras e que tenham a equidade como premissa de cidadania”, destacou o gestor.

O ministro também afirmou que haverá um diálogo permanente com todos os setores da administração pública federal. A troca de ideias

será acompanhada pela sociedade civil.

“Para que todas essas propostas saiam do papel e se transformem em ações, vamos construir, sob a coordenação do MRI e da Secom, um diálogo permanente com todos os demais setores da administração pública federal, ministérios e estatais e, sempre que necessário, serão montados grupos de trabalho específicos para dividir tarefas entre cada uma das propostas”, ressaltou Pimenta.

■ **Proposta é vista como um marco histórico na comunicação institucional do país**

População negra luta contra vulnerabilidades

A população negra constitui cerca de 56% dos habitantes da nação, mas está sujeita aos piores índices de vulnerabilidades socioeconômicas. O secretário de Comunicação Institucional, Laércio Portela, destacou que o tema da igualdade racial estará em todos os aspectos da comunicação do governo. “A partir de agora, haverá uma formação continuada de gestores públicos federais, dos prestadores de serviço na área de comunicação, mas também em outras áreas afins, para a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo. Isso é uma política estruturante da comunicação de governo”, afirmou o secretário.

Formulado em torno dos princípios de enfrentamen-

to do racismo, incentivo à diversidade étnico-racial nas políticas de comunicação governamentais e direito à igualdade e não discriminação, o plano traz ações como: criação de manual para promover a diversidade e o pluralismo; geração de dados e informações de políticas públicas com recorte étnico-racial; ações de fomento às mídias negras; criação e manutenção de banco público de imagens que destaque a diversidade étnico-racial e territorial da população brasileira; incentivo à maior representatividade na publicidade de governo; e combate às formas de racismo e ao discurso de ódio nas plataformas digitais.

Outro objetivo importante é refletir, na comuni-

cação pública, a diversidade étnico-racial e territorial do Brasil. Isso significa representar a realidade populacional de maneira justa e equilibrada em todas as peças e produtos construídos e distribuídos pela comunicação oficial, combatendo estereótipos e promovendo a valorização de todas as identidades raciais e territoriais.

■ **Plano foi formulado em torno de princípios de enfrentamento do racismo em todo o território brasileiro**



Foto: Lucas Leffa/Secom-PR

A partir de agora, haverá uma formação continuada de gestores. Isso é uma política estruturante de governo

Laércio Portela

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Cordel da “raizeira” paraibana

Eu, com a desenvoltura de um *kid* preto numa aula de democracia, lancei meu folheto “Raízes da cura — Neves Oliveira e o legado da fitoterapia ancestral”, sobre o curta-metragem do mesmo nome, produzido por Dalmo Oliveira. Foi na Fundação Casa de José Américo, na quinta-feira (28), onde se deu o *avant-première* do filme. Devo dizer que estava pouco à vontade, porque sempre acho que passo ridículo ao me apresentar em público. Sofro de fobia social.

O filme correspondeu às expectativas. O meu cordel também foi recebido com misericórdia e alguns louvores. Tomei o chá verde da Tia Neves e botei um pano na frente do espelho para Dalmo tomar seu uísque. Ele não gosta de se ver enquanto bebe. Depois do primeiro gole, prometeu continuar sua nova vida de cineasta, assessorado pelo *web designer* Sérgio Ricardo de Todos os Santos. Quem fez a coprodução foi Jonathan Dias, um rapaz que vale o quanto pesa em talento. O palestrante foi o ator e influenciador das baratas Edilson Dias, que conseguiu mais uma vez irritar a plateia e ser original. Parabéns aos envolvidos! Em dado momento, uma senhora pediu: “Edilson, não me torture, por favor! Já sou tão infeliz!”. No que Dias retrucou: “Gosto de fazer a plateia sofrer. Já fui plateia e também já padeci”.

Na animação, o *showman* Merlanio Maia, autointitulado Senhor Cordel. Ele pratica os princípios nos quais acredita. Faz arte genuína e ajuda a humanidade. Eu admiro gente assim, que reflete, nas suas vidas, suas concepções de mundo. Vejam o caso do senhor ex-presidente Jair. Toda vez que ele tenta praticar aquilo em que acredita, vem a lei e o impede. Se bem que não tenho certeza de que se apropriar de bens públicos, usar a máquina pública em seu favor, cogitar matar adversários políticos e tentar estuprar a Constituição sejam realmente convicções de gente normal.

Voltando ao filme da Tia Neves, aconteceu ao evento um bocado de gente de sua geração em Guarabira, companheiros e companheiras de sua jornada no mundo da religiosidade em contextos médico-populares, sob a liderança do bispo Dom Marcelo Pinto Carvalheira, sempre lembrado com saudade e respeito. Na Igreja de Guarabira, Neves começou a difundir suas terapias com remédios do mato, a dimensionar o papel das plantas medicinais nos conjuntos ritualísticos de cura. Entre essas pessoas, tive o contentamento, junto com a surpresa, de rever professor Mendes, meu mestre em Itabaiana nos anos 70. No filme, depoimentos de pessoas como a professora Margaret Diniz, reconhecendo o discernimento de Tia Neves, fundamentado no saber empírico acumulado, saberes firmados em ideais e valores inspirados pelo consciente coletivo.

No fim, uma mesa de frios com tomate recheado, cuscuz de banana, farofa de soja, grão-de-bico, torta de brócolis, farofa de soja e bolo de macaxeira com suco de abacaxi com hortelã, maracujá, melancia e cajá. Fui servido de suco verde para desintoxicar e não esquecer minhas altas taxas. E, para acalmar os nervos, ter tranquilidade quando as pessoas me acham insuportável, manter o autocontrole e relevar aborrecimentos provenientes de minhas impertinências. Por exemplo, o poeta Zuma Nunes, senhor amável e atencioso, indagou-me: “Como vão as coisas?”. “As coisas vão”, respondi, no modo neutral.

Como epílogo do meu folheto sobre o filme de Tia Neves, arrematei assim:

O filme tem como tema
A figura de uma tia,
Tia Neves Oliveira
Repleta de sinergia,
Conhecedora das plantas
E da fitoterapia.

Filha de Alagoa Grande,
Na encosta da Borborema
No Brejo da Paraíba
Em meio ao ecossistema,
O saber tradicional
Foi da sua vida o tema.

Agradeço a atenção
Por fim, prezado leitor.
Eu sou o Fábio Mozart
Sempre ao inteiro dispor,
Com cotação no mercado
Pelo correto lavor,

Criando literatura
De xarope milagreiro.
Levanto um brinde do chá
Da rama do cajueiro.
Salve a fitoterapia!
Viva o cordel brasileiro!

POVOS ORIGINÁRIOS

Segurança alimentar é pauta urgente

Indígenas reivindicam a preservação de suas culturas e da liberdade de plantar e pescar os próprios alimentos

Da Redação
Com Agência Senado

A garantia do acesso à terra, o mapeamento de territórios e o reconhecimento de todos os povos originários que vivem e desenvolvem suas atividades no Brasil são algumas das frentes para se combater a insegurança alimentar dessa população. É o que defendem os representantes dos povos tradicionais, gestores e especialistas que participaram de audiência pública sobre o tema na Comissão de Direitos Humanos (CDH), na última semana. A reunião foi conduzida pelo presidente da CDH, o senador Paulo Paim (PT-RS). Na avaliação dele, investir em segurança alimentar, principalmente nos territórios tradicionais, não é apenas uma questão de justiça: é construir uma sociedade “mais igual e resiliente”, onde ninguém seja privado das suas necessidades mais básicas.

“A segurança alimentar é um direito fundamental que ultrapassa as questões econômicas e sociais, sendo fundamental à dignidade humana. Garantir que todas as pessoas tenham acesso regular e permanente a alimentos e em quantidade e qualidade suficientes é um passo indispensável para combater a fome, reduzir desigualdades e promover a saúde pública”, sustentou.

A diretora de Reconheci-



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostra que a vulnerabilidade entre a população indígena está no mesmo patamar desde 2004

mento e Proteção dos Povos Tradicionais do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Isabela Cruz, disse que a pasta tem trabalhado para oferecer mecanismos que agilizem o reconhecimento desses territórios pelo Estado, a partir da titulação de terras e da garantia da propriedade coletiva. Para ela, é fundamental ouvir, por meio de consulta pública, como esses povos desejam vi-

ver e discutir políticas públicas voltadas à agricultura familiar dentro do modo de plantio, colheita e de convivência desses povos. Isso impactaria, diretamente, na segurança alimentar e nutricional da população.

“Quem alimenta o país são os pequenos agricultores familiares, os povos das comunidades tradicionais, por meio das suas roças tradicionais, do seu manejo tradicional, da agroecologia da floresta. Precisamos garantir a vida dessas pessoas, que têm sofrido, imensamente, com grandes impactos, desde grandes empreendimentos [imobiliários] a conflitos no campo. Trabalhamos na linha da proteção do território, mas entendendo que esse território é composto por pessoas, por memórias, por vivências dos que estão e dos que já não estão lá”, argumentou.

colgia da floresta. Precisamos garantir a vida dessas pessoas, que têm sofrido, imensamente, com grandes impactos, desde grandes empreendimentos [imobiliários] a conflitos no campo. Trabalhamos na linha da proteção do território, mas entendendo que esse território é composto por pessoas, por memórias, por vivências dos que estão e dos que já não estão lá”, argumentou.

Saiba Mais

Os povos e as comunidades tradicionais (PCTs) são entendidos como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais. Eles possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. As mais conhecidas são as quilombolas e as indígenas, mas, no Brasil, outros 26 segmentos de PCTs já são reconhecidos pelo Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), a exemplo de ribeirinhos, ciganos, extrativistas, quebradeiras de coco de babaçu, pescadores artesanais, entre outros.

Direitos à terra e à vida estão conectados

Os representantes dos povos originários reforçaram a defesa da regularização de suas terras e territórios. Segundo eles, essa garantia assegurará a preservação das suas culturas, da produção de alimentos diversificada e saudável e a preservação do meio ambiente. Adriana Lima, representante da Coordenação Nacional das Comunidades Tradicionais Caiçaras no Conselho Nacional dos PCTs, denunciou invasões e expulsões dos povos originários de suas terras, ocorrências que impactam consideravelmente as atividades produtivas e a qualidade da alimentação dessas comunidades. Para ela, interferir na alimentação tradicional é uma forma de violência existencial contra os PCTs.

“Impedir a comunidade de pescar seu alimento é uma forma de calar a comunidade politicamente, de acabar com a comunidade. No Brasil, essa é uma problemática que temos. Vão tirando nosso direito à terra e introduzindo um outro tipo de alimento na nossa vida. Passamos a deixar de consumir alimento saudável, diverso, porque, quando a gente tem a terra, a gente planta em diversidade, isso é o que garante uma alimentação saudável”, diz.

Os representantes também defenderam o reconhe-



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Políticos e ativistas discutiram assunto na Comissão de Direitos Humanos do Senado

cimento, pela Constituição, de todas as 28 autoafirmações de povos e comunidades tradicionais. Atualmente, apenas os indígenas e quilombolas têm esse status. Os demais, por não terem reconhecimento constitucional, não estão no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). Quem levantou esse ponto foi Débora Stefany Epifânia de Oliveira, integrante da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (Conaq).

“[Estar no CadÚnico] é um dos marcos que defendemos, porque vamos conseguir acessar todas as políticas públicas. Vamos conseguir acessar o PAA [Programa de Aquisição de

Alimentos], vamos poder acessar não apenas o Bolsa Família como outros programas sociais do governo”, explicou.

Programas

A secretária nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social, Lilian dos Santos Rahal, reconheceu a importância do fortalecimento do PAA. Por meio do programa, o Governo Federal compra alimentos provenientes da agricultura familiar para abastecer a rede de assistência social. A iniciativa tem vertentes específicas para os indígenas e quilombolas, com o objetivo de desburocratizar o processo de compra e também de agilizar a entrega de ali-

mentos para essas mesmas populações. Com a flexibilização, explicou a secretária, 15,25% dos participantes do programa, hoje, são indígenas e quilombolas.

“Em ambos os casos, nós flexibilizamos os documentos de entrada, para permitir a participação dos povos indígenas e quilombolas, e também as exigências sanitárias, para que a compra e a doação de alimentos se dê dentro dos próprios territórios, de forma que a gente venha a reforçar essa necessidade de autoconsumo. Se as famílias consomem aqueles alimentos, por que a gente tem que tirá-lo do território e introduzir de novo, passando aí por outros procedimentos que não são necessários?”, questiona Lilian.

Grupos buscam identificar demandas da população

Segundo o último Censo, mais de três milhões de pessoas se autodeclararam quilombolas ou indígenas no Brasil. Eles representam cerca de 1,5% da população brasileira. A grande maioria está concentrada nos estados do Amazonas, da Bahia e de Roraima. A insegurança alimentar grave entre a população indígena do país se mantém no mesmo patamar desde 2004, segundo a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia), estudo também feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A secretária de Articulação Institucional da Defensoria Pública da União (DPU), Charlene Borges, informou que o órgão tem formado grupos de trabalho para visitar comunidades tradicionais e identificar carências e problemas. Ela citou como exemplos da iniciativa visitas à Terra Indígena Yanomami, na Região Norte, atingida por vários problemas humanitários desde 2019; e ao Rio Grande do Sul, para verificar a situação dos povos indígenas afetados pelas enchentes do primeiro semestre deste ano.

De acordo com a secretária, o maior gargalo identificado foi a falta de mapeamento específico que ofereça direcionamentos para a execução de ações. “Em algumas visitas, percebemos que estava ocor-

rendo uma ação de invisibilidade desses povos tradicionais, e isso afeta a segurança alimentar. A dificuldade de acompanhamento e de entrega efetiva de políticas públicas para esse público envolve a ausência de mapeamento. Não temos levantamento de dados para o mapeamento de povos e comunidades tradicionais atingidos pela tragédia climática e [para identificar] quais as demandas que precisavam ser acolhidas”, lamenta.

A coordenadora de Promoção ao Etnodesenvolvimento do Ministério dos Povos Indígenas, Lina Apuriná, também alertou para a ausência de dados e estudos que auxiliem no desenvolvimento das políticas públicas. “Existem dados, mas a gente não consegue visualizar quais os territórios são mais afetados, inclusive para conseguirmos lançar algum tipo de programa ou fortalecimento emergencial para que não haja o que aconteceu com os ianomâmis”, aponta. Para Lina Apuriná, a insegurança alimentar das comunidades tradicionais se deve à falta de acesso a direitos básicos, como água, luz, moradia e regularização fundiária, e a outros fatores, como as contaminações por mercúrio resultantes do garimpo, a produção predatória e a crise climática.

NAZAREZINHO E CEDRO

Prefeituras na PB e em PE inscrevem para 221 vagas

Remunerações ofertadas nos editais variam de R\$ 1,4 mil a R\$ 6 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Dezembro chegou com ótimas notícias para quem deseja começar 2025 com estabilidade e novos desafios profissionais. As prefeituras de Nazarezinho, na Paraíba, e Cedro, em Pernambuco, abriram editais que somam 221 vagas para diferentes níveis de escolaridade e áreas de atuação. Os salários oferecidos podem chegar a R\$ 6 mil, dependendo do cargo, com jornadas de trabalho que variam de 20 a 40 horas semanais.

No município de Nazarezinho, o edital conta com 58 vagas para candidatos de níveis fundamental, médio/técnico e superior, com salários de R\$ 1.412 a R\$ 4.122,50 e carga horária de 30 a 40 horas por semana. As oportunidades incluem cargos como motorista e professor passarão por etapas adicionais, incluindo provas práticas e análise de títulos, respectivamente. Todas as avaliações, independentemente da fase, terão caráter eliminatório e classificatório. De acordo com o cronograma, a publicação do resultado definitivo está prevista para 30 de abril.

Estado vizinho

Em Cedro, no Sertão pernambucano, a prefeitura oferece 164 vagas imediatas, com salários que variam de R\$ 1,3 mil a R\$ 6 mil, abrangendo cargos em diversas



Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos específicos serão cobrados nos dois certames

por questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos específicos. Além disso, candidatos a cargos como motorista e professor passarão por etapas adicionais, incluindo provas práticas e análise de títulos, respectivamente. Todas as avaliações, independentemente da fase, terão caráter eliminatório e classificatório. De acordo com o cronograma, a publicação do resultado definitivo está prevista para 30 de abril.

Estado vizinho

Em Cedro, no Sertão pernambucano, a prefeitura oferece 164 vagas imediatas, com salários que variam de R\$ 1,3 mil a R\$ 6 mil, abrangendo cargos em diversas

áreas. O concurso contempla as secretarias de Planejamento e Administração (Seplad), Saúde (Sesa), Educação (Seduc), Assistência Social e Cidadania (Seasc), Obras e Infraestrutura (Secoinf) e Finanças (Sefin), além de oportunidades no gabinete do prefeito. Há vagas para profissionais de níveis fundamental, médio/técnico e superior, como motorista, agente administrativo, auxiliar de sala, técnico de Enfermagem, fonoaudiólogo, arquiteto e urbanista, enfermeiro, médico plantonista, contador, engenheiro civil e gari, entre outros.

As inscrições seguem abertas até 17 de dezembro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site do Ins-

tituto Consulpam, mediante pagamento de taxa, que custa entre R\$ 60 e R\$ 130. O processo seletivo contará com prova objetiva, marcada para 30 de março de 2025, composta por 40 questões sobre Língua Portuguesa, Matemática, conhecimentos específicos, Noções de Informática, Legislação, Didática e Legislação, dependendo do cargo. Para funções específicas, como motorista, o edital prevê a aplicação de prova prática, em 15 de junho. Os candidatos aos cargos de nível superior serão submetidos à análise de títulos, enquanto os inscritos para o cargo de assessor jurídico farão uma prova discursiva. O resultado definitivo do certame sairá no dia 25 de junho.

Arquitetos unem técnica à criatividade

Poucas profissões combinam tão bem técnica e criatividade quanto à de arquiteto e urbanista. Ao mesmo tempo em que exige precisão nos cálculos e conhecimento de materiais, a carreira também pede um olhar sensível para criar ambientes que sejam não só funcionais e tecnicamente impecáveis, mas também inspiradores, confortáveis e sustentáveis. “Uma particularidade da profissão é a capacidade de transformar necessidades em realidade concreta”, define o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB). É esse equilíbrio que, segundo ele, torna possível tanto a construção de uma casa quanto a concepção de uma cidade inteira.

A graduação em Arquitetura e Urbanismo já dá uma prévia desse desafio. Ricardo conta que a formação exige dedicação e versatilidade para lidar com disciplinas tão distintas, que vão desde História da Arte até Planejamento Urbano e Técnicas Construtivas. “É um curso que demanda criatividade, organização e resiliência para li-

dar com críticas construtivas”, observa. Essa base mais ampla é fundamental para preparar o arquiteto para um mercado bastante dinâmico, no qual não só os materiais, as técnicas e as tendências estéticas mudam, mas também as expectativas dos clientes.

Por isso, mais do que conhecimento técnico e habilidades como gestão de tempo, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas são indispensáveis para se dar bem na profissão, tendo em vista a complexidade dos projetos e os imprevistos que surgem no caminho. “Eles saem prontos para lidar com situações reais”, crava o presidente do CAU-PB.

Muito além do desenho

Além de criar desenhos realistas e plantas milimetricamente precisas, o trabalho de um arquiteto envolve a missão diária de transformar necessidades em espaços reais. Mas sua rotina, embora seja bastante dinâmica, varia conforme seu campo de atuação. Segundo Ricardo Vidal, em projetos residenciais, o foco está em criar espaços que atendam

às necessidades e ao estilo de vida do cliente; já no planejamento urbano, o desafio é pensar em mobilidade, inclusão e qualidade de vida. E quando o assunto é sustentabilidade, a busca por materiais inovadores e tecnologias que reduzam impactos ambientais se torna indispensável.

Contudo, independentemente de qual for a proposta, a rotina desse profissional é marcada, quase sempre, pela alternância entre visitas a obras, reuniões com clientes, desenvolvimento de projetos e estudos técnicos. Na prática, Ricardo explica que a dinâmica envolve conceber, planejar e acompanhar a execução de projetos diversos, porém, quando se trata de planejamento urbano, os aspectos sociais, culturais e ambientais também entram na equação.

Presente e futuro

Com a demanda crescente por soluções sustentáveis e cada vez mais tecnológicas, o arquiteto é mais um profissional que não pode se dar ao luxo de ficar parado no tempo: ele precisa se reinventar constantemente.

Não à toa, o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal sublinha que se manter atualizado é indispensável. Isso inclui o domínio de *softwares* avançados, participação em cursos e *workshops*, estudo sobre novos materiais e técnicas, além do engajamento em redes e eventos específicos. Segundo ele, é dessa forma que o profissional permanece pronto para atender às exigências do mercado.

Se você já atua na área e procura por novas oportunidades, o concurso público da Prefeitura de Cedro, em Pernambuco, pode ser uma excelente porta de entrada. O edital oferece uma vaga para arquiteto e urbanista, com salário inicial de R\$ 3.532,48 e jornada de 40 horas semanais. Para concorrer, é necessário ter curso superior de Arquitetura e Urbanismo, devidamente reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Em Cedro, o profissional será responsável por desenvolver e elaborar projetos para obras públicas, realizar estudos, acompanhar e fiscalizar equipes, além de contribuir para a construção de políticas públicas no município, entre outras funções.

Carreiras

Bruno Cunha
brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Descubra se a empresa pode controlar suas redes sociais

As redes sociais tornaram-se uma extensão da identidade pessoal de milhões de profissionais. No entanto, o que é postado nesses espaços pode gerar repercussões inesperadas no ambiente de trabalho. Muitas empresas consideram as ações on-line de seus colaboradores como reflexos diretos de sua reputação. Mas até que ponto o empregador pode interferir no que você compartilha na internet?

Liberdade e controle: o que diz a lei

A liberdade de expressão, garantida pela Constituição Federal, não é absoluta. Quando publicações são consideradas prejudiciais à imagem da empresa, os funcionários podem enfrentar consequências. Além disso, contratos de trabalho frequentemente incluem políticas internas que limitam o comportamento on-line dos empregados, criando uma linha tênue entre o direito individual e as expectativas corporativas.

Casos recentes mostram decisões judiciais tanto a favor de empregados, por garantirem sua liberdade de expressão, quanto de empresas, que alegaram prejuízos causados por postagens de colaboradores. Esse cenário destaca a importância de equilibrar autenticidade e responsabilidade para evitar conflitos.

Impacto emocional e profissional

Sentir-se controlado no ambiente digital pode gerar frustração, sensação de invasão de privacidade e dúvidas sobre autonomia. É como andar na corda bamba entre quem você é e quem esperam que você seja. Esse dilema pode afetar a autoestima, a criatividade e até o prazer em usar redes sociais, tornando cada publicação uma decisão estratégica, em vez de uma expressão genuína.

Como lidar com o dilema

Informação é poder. Entender os limites e as expectativas pode ajudar a construir uma relação saudável com o empregador e evitar mal-entendidos. Entre as estratégias práticas para os profissionais gerenciarem essa relação, estão:

- Conhecer as políticas da empresa sobre conduta on-line;
- Refletir antes de postar, considerando possíveis interpretações;
- Usar as redes sociais como ferramenta para fortalecer a marca pessoal, alinhando autenticidade e profissionalismo;
- Dialogar com o RH ou gestores em caso de dúvidas ou pressões.

Quando o controle vira parceria

Embora a interferência possa parecer limitadora, algumas empresas enxergam a presença digital dos funcionários como oportunidade. Colaboradores que se destacam on-line podem ser vistos como embaixadores da marca, promovendo benefícios mútuos. A chave para isso? Transparência e alinhamento.



Mau uso das redes sociais pode causar prejuízos

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 6 de novembro de 2024					IPCA do IBGE (em %)	
11,25%	R\$ 1.412	+ 1,00%	+ 0,72%	+ 0,99%	Outubro/2024 0,56	
		R\$ 6,071	R\$ 6,409	R\$ 7,740	Setembro/2024 0,44	
					Agosto/2024 -0,02	
					Julho/2024 0,38	
					Junho/2024 0,21	
						126.144 pts
						-1,34%

CASAS RENOVADAS

Fim de ano impulsiona setor de reforma e pintura

Vendas de material de construção aumentam cerca de 20%, segundo gerente

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com a chegada do fim do ano, chega também a vontade de arrumar a casa, impulsionada pelas visitas familiares e festividades e possibilitada pela chegada do 13º salário. Nesse período, a busca por materiais de construção e pintura e pelos serviços de pequenas reformas aumenta muito. De acordo com o gerente-geral da loja Ferreira Costa em João Pessoa, César Oliveira, as vendas aumentam cerca de 20%.

Segundo ele, as tintas e os pisos são os itens mais procurados nessa época. “A maior parte das pessoas quer pintar a casa, mas os pisos também são bem procurados. Tem gente que guarda dinheiro o ano todo e junta com o 13º nessa época, para trocar o piso, porque é o item com maior valor agregado na casa”, comentou o gerente.

Para César Oliveira, além da economia mais aquecida nessa época do ano, pelo fato de haver mais dinheiro cir-

culando, outro fator que faz com que as vendas aumentem é que se trata de uma época em que ocorrem muitas festas e visitas familiares. Além disso, quem estava construindo ou reformando para alugar procura concluir a obra.

É o caso do aposentado João de Deus Barros, que estava na loja comprando materiais para manutenção de uma quitinete que possui para locação. “Saiu uma pessoa de lá agora e vimos que está precisando pintar”, disse ele.

O gerente César Oliveira destacou que os setores de mobiliário e decoração também acabam tendo crescimento, seguindo essa tendência de arrumar a casa. “As vezes, a pessoa quer combinar a pintura nova com a decoração”, ressaltou.

“As pessoas estão preparando a casa para receber seus familiares e amigos com mais conforto, com a casa bonita. Então sentimos tanto uma procura maior quanto um desejo de agilidade para comprar, porque é um prazo curto para deixar a casa pron-

ta e os profissionais que trabalham com esse tipo de serviço já ficam assoberbados nessa época do ano”, avaliou o gerente.

O profissional autônomo Fábio (que não quis revelar o sobrenome) que o diga. Ele, que atua como pedreiro e pintor, contou que tem trabalhado todos os dias nesse período. De segunda a sexta-feira, ele está fazendo a reforma de uma residência na capital paraibana, enquanto, nos sábados e domingos, realiza a pintura de uma escola.

Ele contou que 90% da procura nesse período é por serviços de pintura, enquanto os 10% restantes ficam com as pequenas reformas de manutenção e ampliação de residências. “A intenção é deixar bonito para o fim do ano”, disse.

Já Francisco de Assis contou que trabalhava como porteiro, mas agora atua como faz-tudo e está bem ocupado nesse fim de ano. “Aparece serviço demais nessa época, desde outubro, novembro, dezembro. A maioria é pintura.

O pessoal sempre deixa um dinheirinho para arrumar a casa”, comentou.



As pessoas estão preparando tudo para receber seus familiares e amigos com mais conforto, com a casa bonita

César Oliveira



Setores de mobiliário e decoração também acabam tendo crescimento, seguindo essa tendência de arrumar a casa

MOEDAS GLOBAIS

Dólar opera em alta ante maioria das moedas

O dólar operou em alta, ante a maioria das moedas, em sessão marcada pela publicação do payroll de novembro nos Estados Unidos, que mostrou um quadro sólido, mas não mudou a aposta, já precificada, de alívio da taxa de juros pelo Federal Reserve (Fed, o Banco Central americano) em dezembro. No caso do euro, o mercado seguia na expectativa sobre o anúncio do sucessor do ex-primeiro-ministro francês Michel Barnier

após sua renúncia nesta semana. Já o iene teve uma leve alta diante da possibilidade reforçada de uma elevação de taxas pelo Banco do Japão (BoJ, na sigla em inglês) em dezembro.

O índice DXY, que mede a variação da moeda americana, ante uma cesta de pares fortes, fechou em alta de 0,32%, a 106,05 pontos. Perto do fechamento de Nova York, o dólar recuava a 150,01 ienes, a libra tinha queda a US\$ 1,27 e o

euro recuava a US\$ 1,05.

Depois dos números inesperados em outubro, os dados de novembro mostram que o mercado de trabalho nos EUA retomou uma trajetória mais normalizada, deixando a culpa da fraqueza momentânea para os furacões e greve no período. Nas quadras de Wall Street, o relatório payroll fez disparar as expectativas de um novo corte de juros na reunião do Fed deste mês.

No Japão, o crescimento salarial programado, menos volátil para trabalhadores em tempo integral, ficou um pouco abaixo do esperado, aponta o BBH.

O dólar paralelo na Argentina, conhecido como blue, caiu por mais uma sessão consecutiva e já quase não registra diferença com relação à cotação oficial. A diferença entre as cotações é conhecida localmente como “brecha” e chegou a seu menor nível em sete anos.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

O impacto do dólar a R\$ 6 na economia e no brasileiro

A recente valorização do dólar, atingindo a marca histórica de R\$ 6, tem desencadeado uma nova onda de reajustes de preços na indústria de consumo. Este cenário ocorre devido à pressão cambial sobre os custos de insumos, matéria-prima e logística, especialmente para empresas que dependem de componentes importados. Essa valorização cambial reflete tanto a instabilidade no mercado interno quanto o impacto de fatores internacionais, como as políticas protecionistas do governo dos Estados Unidos.

A alta do dólar afeta diretamente o custo de produção em diversos setores, como alimentos, higiene, beleza, eletrodomésticos e eletrônicos. Grandes empresas, incluindo multinacionais, já estão negociando reajustes de 5% a 10% com o varejo, que deverão ser repassados ao consumidor final já a partir de janeiro. Este movimento pode reduzir o poder de compra da população, impactando diretamente a inflação, que tende a ser mais resistente diante desse cenário.

Para a economia, o aumento do dólar pressiona o Índice de Preços ao Consumidor (IPCA), dificultando a queda da inflação. Isso força o Banco Central a manter ou até elevar a taxa de juros para conter o impacto inflacionário. Por consequência, o custo do crédito aumenta, reduzindo os investimentos empresariais e o consumo familiar, o que

pode desacelerar o crescimento econômico.

Além disso, o fortalecimento do dólar prejudica o saldo comercial, já que encarece a importação de bens e insumos necessários para a produção nacional. Por outro lado, setores exportadores, como o agronegócio, podem se beneficiar da valorização cambial, aumentando sua competitividade no

mercado externo.

Para o cidadão, o efeito mais direto é a alta nos preços de produtos e serviços. Os reajustes atingem desde itens essenciais, como alimentos, até bens duráveis, como eletrodomésticos e eletrônicos. Famílias de renda média e baixa sentem ainda mais esse impacto, já que grande parte de sua renda é destinada a produtos de consumo básico.

Ademais, o aumento do dólar influencia o preço dos combustíveis, impactando os custos de transporte e logística, o que pode elevar os preços de outros produtos e serviços. Em um efeito cascata, o custo de vida se torna mais alto, reduzindo a capacidade de poupança e investimentos pessoais.

Para enfrentar esse desafio, o governo e o setor produtivo devem trabalhar em políticas que reduzam a dependência de insumos importados e estimulem a produção local. Investimentos em infraestrutura, desburocratização e incentivos fiscais podem fortalecer a competitividade das empresas nacionais, mitigando os efeitos da volatilidade cambial.

Para o cidadão, é essencial planejar melhor as finanças, priorizar gastos e buscar alternativas de consumo mais econômicas enquanto o cenário não se estabiliza. Embora o impacto do dólar alto seja imediato e desafiador, medidas de médio e longo prazo podem ajudar a amenizar suas consequências na economia e no dia a dia dos brasileiros.

DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO

A importância dos bancos públicos

Financeiras atuam em agricultura, habitação, infraestrutura, reindustrialização e crédito civilizado

Agência Gov

Regina é feirante, em Fortaleza, no Ceará, e trabalhava de empregada doméstica. Para abrir seu próprio negócio, começou a pegar empréstimos no Banco do Nordeste. O primeiro deles foi de R\$ 100. Depois, fez novas contratações e ainda recebeu capacitações do banco. Atualmente, ela tem seis pontos de venda de calcinhas na feira e vende também para outros estados e países.

O BNB é um dos bancos públicos brasileiros e a maior instituição financeira de desenvolvimento regional da América Latina. Com 294 agências, está presente em mais de dois mil municípios, nos nove estados nordestinos e, ainda, em parte de Minas Gerais e do Espírito Santo.

O Brasil tem outros quatro bancos públicos federais. Caixa, Banco do Brasil, BNDES e Banco da Amazônia. Eles existem, principalmente, para promover políticas públicas e sociais. Por isso, além daquelas funções básicas de qualquer banco, eles têm papel fundamental na promoção do desenvolvimento econômico e social do país.

O financiamento de grandes obras — como de infraestrutura —, a abertura de contas em larga escala e tarifas reduzidas são exemplos da atuação dessas instituições. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), criado em 1952, é o principal instrumento do Governo Federal para financiamento de longo prazo e investimento nos diversos segmentos da economia brasileira. Atua em todo o país e, neste ano, alcançou a maior carteira de crédito desde 2017,



Fotos: Divulgação/Agência Brasil

Instituições financeiras são instrumentos do crescimento sustentável com inclusão social e presença de grandes obras em todas as regiões do Brasil

com R\$ 550 bilhões.

Com 216 anos de fundação, o Banco do Brasil (BB) é o mais antigo do país. E seu papel tem sido essencial ao longo da história para a economia brasileira. A atuação do BB se dá em várias frentes, impulsionando os diversos setores da economia, em especial o agronegócio e a agricultura familiar. Líder no setor, o banco desembolsou para a safra 2024/2025 o maior valor da história R\$ 260 bilhões.

Até outubro, foram desembolsados R\$ 81 bilhões, em 225 mil operações de crédito, superando a safra anterior. As taxas de juros competitivas va-

riam de 0,5% a 6,0%, ao ano, para a agricultura familiar; de 7,5% a 10,5%, ao ano, para médios produtores rurais; de 7% a 12%, ao ano, para os demais produtores.

O Banco do Brasil apoia a recuperação e o crescimento sustentável dos pequenos negócios no país. E tem sido um dos principais parceiros do Programa Acredita, que já apoiou mais de 92 mil micros e pequenas empresas, além de microempreendedores individuais.

A Caixa Federal está presente em mais de 99% dos municípios brasileiros. É a maior instituição financeira do país,

em número de usuários, com 150 milhões de clientes e 84 mil empregados. E também o maior agente nacional de financiamento da casa própria e financiadora do desenvolvimento urbano, principalmente saneamento básico. A instituição detém o monopólio das loterias federais e administra o FGTS e outros fundos do Sistema Financeiro de Habitação.

O crédito imobiliário da Caixa é o mais representativo na composição do crédito total do banco, com 67% de participação e saldo de R\$ 812 bilhões em setembro de 2024, crescimento de 14,7% em comparação a setembro de 2023. No acumu-

lado dos nove primeiros meses deste ano, as contratações habitacionais totalizaram 176 bilhões de reais, um aumento de 28,6% em relação ao mesmo período de 2023. O banco é o principal financiador do Minha Casa, Minha Vida, que, ao longo de 15 anos, possibilitou a contratação de 7,7 milhões de moradias, em todo o país.

O lucro líquido da Caixa, nos nove primeiros meses de 2024, atingiu R\$ 9,4 bilhões, quase 22% superior ao do ano passado. A Caixa é também um dos principais instrumentos de acesso da população aos mais diversos programas sociais.

Federais

O Brasil tem outros quatro bancos públicos federais: Caixa Econômica, Banco do Brasil, BNDES e Banco da Amazônia

CRÉDITO

Medidas de autorregulação sobem para 1.378 em novembro

Os bancos aplicaram, em novembro, cinco novas medidas administrativas a correspondentes bancários por descumprimento das normas da Autorregulação para o Consignado. No mês, 10 agentes de crédito foram pontuados por irregularidades.

Com isso, sobe para 1.378 o total de medidas desde o início das normas, em 2020. No período, 642 empresas foram advertidas, 683 foram suspensas temporariamente e 53 empresas cometeram irregularidades e estão impedidas de atuar em nome das instituições financeiras autorreguladas.

As ações também se estendem aos agentes de crédito. Desde o início do monitoramento a esses profissionais, em julho de 2023, até novembro de 2024, 233 agentes foram pontuados em razão das reclamações de clientes. Cento e oitenta e seis atingiram cinco pontos; 30 profissionais, 10 pontos; 11 agentes, 15 pontos; e seis atingiram a pontuação máxima, de 20 pontos, e estão suspensos de atuar com as instituições financeiras autorreguladas por 12 meses.

Participam da Autorregulação 69 instituições finance-

ras que representam cerca de 99% do volume total da carteira de crédito consignado no país. As regras se aplicam ao empréstimo e ao cartão consignado e visam à proteção dos direitos dos consumidores.

O acompanhamento e a aferição das ações irregulares são feitos por várias fontes de informação, que refletem as reclamações dos consumidores. As infrações às regras podem acarretar às institui-

ções financeiras multas que variam de R\$ 45 mil a R\$ 1 milhão. Os valores arrecadados são destinados a projetos de educação financeira.

“Os bancos seguem atuantes no combate às más práticas que lesam o consumidor. O consignado tem papel muito relevante para as famílias, e os bancos têm o papel de coibir irregularidades, banir o assédio aos consumidores e suspender a atuação dos maus profissio-

nais para garantir que a contratação do crédito consignado ocorra de maneira ética, responsável e transparente”, afirma Isaac Sidney, presidente da Febraban.

“A Autorregulação é uma iniciativa fundamental para preservar e fortalecer a sólida confiança entre instituições financeiras e consumidores, promovendo práticas cada vez mais transparentes e responsáveis. Nosso compromisso é assegurar que o

crédito consignado permaneça uma opção segura e vantajosa para a população”, destaca Sílvia Scorsato, presidente da ABBC.

Além da quantidade de reclamações procedentes registradas nos canais internos dos bancos ou recebidas pelos Procons, pelo Banco Central ou por intermédio da plataforma Consumidor.gov.br, são avaliados as ações judiciais e os indicadores de conformidade de uma consulto-

ria independente, que leva em conta questões de governança, política de relacionamento com o consumidor e gestão de dados.

O consumidor também pode verificar se o correspondente é certificado e está apto a oferecer crédito consignado em nome dos bancos. A consulta é realizada por meio do CPF do profissional na base de dados da Central de Registros de Certificados Profissionais.



Fotos: Divulgação/Febraban

Participam do monitoramento 69 instituições financeiras que representam cerca de 99% do volume total da carteira de consignados no Brasil

EDUCAÇÃO

Feira de Ciências reúne talentos

Professores e estudantes da rede pública mostram que é possível divulgar conhecimentos de forma simples e didática

Ascom Secties

Astronomia, Mecânica, Robótica e até Literatura. Os estudantes apresentaram um pouco de tudo durante a 1ª Feira de Ciências dos Municípios da Paraíba (Fecim). Quinze cidades, por meio da educação, mostraram que é possível divulgar e popularizar a ciência de maneira simples e didática.

Realizada pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), a primeira fase da Fecim aconteceu de 18 a 22 de novembro, nos municípios de Baía da Traição, Camalaú, Coremas, Dona Inês, Gurinhém, Ingá, Livramento, Manaíra, Marcação, Mataraca, Nova Palmeira, São João do Tigre, Santa Luzia, Serra Redonda e Tavares. De 110 projetos apresentados, 52 foram selecionados para a etapa estadual, que acontecerá na próxima quarta-feira (11), em João Pessoa.

Durante a etapa municipal, os estudantes do Ensino Médio da rede estadual

apresentaram o resultado do desenvolvimento dos projetos pensados ao longo do ano — com temas relacionados a inclusão, saúde, acessibilidade, sustentabilidade e meio ambiente — e promoveram discussões relevantes sobre combate ao racismo, valorização dos povos tradicionais e igualdade de gênero.

A coordenadora-geral da 1ª Fecim, Amana Fagundes, destacou que cada cidade abordou temas alinhados a suas realidades locais. Para ela, a etapa municipal da feira de ciências revelou que cada município possui sua própria complexidade, gerando questionamentos científicos.

“Municípios em regiões com pouca chuva, clima semiárido e vegetação de Catinga buscaram formas de mitigar os efeitos das mudanças climáticas e de fornecer água tratada para a população. Outros municípios se concentraram em energias renováveis e na reciclagem de lixo para reduzir o impacto ambiental. Mu-



Realizado em 15 municípios do estado, evento reuniu projetos de diversas áreas — como saúde, acessibilidade e sustentabilidade — e atraiu cerca de quatro mil visitantes

nicípios com pouca distribuição de renda e acesso limitado ao desenvolvimento tecnológico direcionaram seus projetos para esses debates”, exemplificou.

A ciência foi a protagonista para trazer todos esses assuntos à tona. “Um consenso prevaleceu em todas as feiras: a pesquisa científica deve servir à população e ao desenvolvimento regional, promovendo um consumo consciente e sustentável dos recursos naturais disponíveis. Além disso, o respeito às culturas indígena e quilombola como preservadoras da natureza e o resgate das tradições desses grupos, para a utilização de seus conhecimentos em contextos científicos, estiveram presen-

“

A feira permite que as escolas e os nossos jovens possam conhecer um pouco sobre o que é ciência e o que é metodologia científica

Rivete Lima

tes nas pesquisas. A diversidade e a tolerância entre grupos sociais vinculados à proteção do meio ambiente eram visíveis”, apontou Amana Fagundes.

A Secties atuou diretamente no evento, por meio de um circuito de visitação e de acompanhamento dos projetos em cada município. De acordo com o professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Rivete Lima, que participou do circuito, a feira tem um papel fundamental de fazer a divulgação científica.

“Ela permite que as escolas e, principalmente, os nossos jovens possam levar o que aprenderam na sala de aula ao público, além de conhecer um pouco sobre o

que é ciência e o que é metodologia científica”, argumentou.

Ao todo, 550 professores e estudantes submeteram projetos ao edital e cerca de quatro mil pessoas visitaram a Fecim. Cristiane Aparecida, gestora da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Dom Adauto, localizada em Serra Redonda, comentou o processo de acompanhar a evolução dos estudantes na elaboração dos projetos. Segundo ela, o evento gerou um aprendizado que eles levarão para toda a vida acadêmica. “A Fecim contribuiu muito para a vida acadêmica deles. Essa é a nossa primeira experiência, e foi fantástico vê-los dedicados à pesquisa e evoluindo”, relatou.



Primeira fase da Fecim aconteceu de 18 a 22 de novembro

Espírito de inovação e inclusão move alunos do Ensino Médio

Estudantes da Ecit Pedro Bezerra Filho, em Camalaú, decidiram falar sobre acessibilidade, com o projeto “Liberdade sobre rodas: uma tecnologia assistiva a serviço da mobilidade dos cadeirantes”. Eles venceram a competição entre alunos do primeiro ano do Ensino Médio e agora disputarão a etapa estadual.

Os alunos construíram uma bicicleta adaptada, pensando na inclusão e na acessibilidade das pessoas com deficiência (PCD). Maria Emília Chaves, uma das integrantes da equipe, explicou que a ideia surgiu a partir da necessidade de um dos professores da escola.

“Nós tínhamos uma outra ideia de projeto, mas, conversando com o nosso professor, que tem deficiência nos membros superiores, vimos a necessidade de acessibilidade dessas pessoas, então a gente decidiu olhar para a realidade dessas pessoas, para o quanto é ruim a locomoção delas. Então, decidimos promover uma melhoria, por meio dessa bicicleta adaptada”, contou a estudante.

Já os estudantes da Ecit João Ribeiro, em Gurinhém, tive-

ram a ideia de valorizar a cultura africana. Eles contaram que se inspiraram no tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e decidiram elaborar jogos africanos para fazê-los mais conhecidos. “Esse trabalho mostra para as pessoas que é possível estudar Matemática com a cultura africana, além de ensinar sobre as nossas origens, pois muita gente, no Brasil, não sabe sobre as nossas raízes africanas”, contou Lucas Nascimento, estudante do segundo ano do Ensino Médio.

A professora orientadora do grupo, Bruna Alves, explicou que sempre teve o desejo de trabalhar com a herança cultural, mas, só agora, na Fecim, conseguiu unir a disciplina de Matemática com a história e estimular os alunos a elaborar os jogos.

“Eles gostaram de jogar, de aprender, porque, realmente, se você parar para analisar, todo mundo conhece o jogo da velha, todo mundo conhece o jogo da dama. Mas não conhece os jogos africanos, que relacionam as mesmas estratégias desses outros jogos mais conhecidos. Foi sensacional, uti-

lizamos bastante a Matemática. Foi um processo maravilhoso acompanhar os meus alunos e ver a evolução deles”, contou a educadora.

Etapa estadual

Na segunda etapa da Fecim, cinco projetos serão premiados, divididos nas seguintes categorias: 1º lugar do primeiro ano do Ensino Médio, 1º lugar do segundo ano do Ensino Médio, 1º lugar do terceiro ano do Ensino Médio e 2º e 3º lugar geral (independentemente do ano letivo). Além de receber certificado e uma medalha, os estudantes ganharão uma bolsa de Iniciação Científica Júnior (ICJ), por quatro meses, para desenvolver seus projetos, com acompanhamento de um graduando, que também receberá incentivo financeiro.

A feira é realizada com recursos oriundos da Secties, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Projetos desenvolvidos por alunos do Ensino Médio buscam melhorar qualidade de vida de PCD e aplicar herança africana à Matemática



Futuro

Vencedores da etapa estadual da Fecim, que acontece nesta semana, receberão bolsa de Iniciação Científica Júnior (ICJ) por quatro meses, além de certificado e medalhas



Foto: Camila Galheigo Coelho/PNAS

Cientistas da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Durham (Reino Unido) descobrem que grupos da espécie criam uma dinâmica para compartilhar novos comportamentos

MACACOS-PREGO

Bichos transmitem tradições entre si

Animais que vivem no Parque Nacional Serra da Capivara têm um sistema propício para a evolução cultural

Tabita Said
Jornal da USP

Uma grande caixa de acrílico repleta de comida chamou a atenção de macacos-prego que vivem no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, Nordeste do Brasil. O dispositivo foi colocado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Durham (Reino Unido) em uma área frequentemente usada pelos macacos. A ideia era descobrir como solucionariam o mistério da caixa, que

contava com dois mecanismos de abertura: puxar uma pequena alça verde ou levantar uma placa retangular azul. O que os cientistas observaram revelou mais do que a simples busca por recompensa. Os animais mostraram uma dinâmica rede de disseminação de novos comportamentos, na qual a tolerância mútua desempenha um papel central em um cenário altamente competitivo, como a procura por alimentos. “A tolerância social em macacos-prego [acontece] quando

os indivíduos toleram uns aos outros em sua proximidade. Uma maior tolerância social entre os indivíduos pode ser indicada por eles se alimentando ou se limpando juntos”, explica Rachel Kendal ao Jornal da USP. A professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Durham foi uma das supervisoras da pesquisa. “O estudo indica que os macacos-prego provavelmente têm uma estratégia de aprendizagem social de copiar machos bem-sucedidos no contexto desta tarefa de forra-

geamento extrativo”, diz. Os experimentos foram feitos entre 2012 e 2013, observando duas populações diferentes de macacos-prego, 40 indivíduos do grupo Jurubeba e 30 da Pedra Furada. Para desempenhar a tarefa de abrir a caixa e conseguir comida, os pesquisadores treinaram um indivíduo de cada grupo, que serviram de modelo de resolução do problema. Quando conseguiram, uma bandeja era servida, contendo uma mistura de milho, amendoim e passas. Os macacos-prego conse-

guiram abrir a caixa mais de oito mil vezes, sendo que, em 92% delas, o sucesso foi obtido por meio da observação direta. O experimento mostrou que conexões sociais mais fortes possibilitam oportunidades de observação, sugerindo que a tolerância social aumenta a probabilidade de aprendizado e facilita a disseminação da informação. “A possibilidade de haver tradições comportamentais depende do bicho deixar outros chegarem perto. A gente já sabia que tolerância com filhotes

é total, mas, aqui, a gente instanciou o fato concreto de que as relações sociais mediam o caminho da transmissão. Ou seja, não era uma competência individual, mas algo se propagando por meio do contato e aprendizado mútuo”, destaca Eduardo Ottoni, coordenador do Laboratório de Etologia Cognitiva do Instituto de Psicologia (IP) da USP e também supervisor da pesquisa. Os resultados foram publicados, neste mês, na revista Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS).

Evidências apontam sucesso no modelo de resolução de tarefas

Utilizando uma análise de difusão baseada em rede (NBDA, na sigla em inglês), os cientistas puderam desenvolver uma modelagem matemática na qual um *software* era alimentado com informações precisas das conexões sociais de cada macaco-prego em diferentes contextos — brincando, limpando-se, comendo ou apenas observando quem conseguia tirar comida da caixa. Dados como identidade, distância da caixa, método escolhido para abertura e tempo de resolução também foram registrados. “A análise envolveu Camila [primeira autora do artigo] coletando muitos dados sobre quem andava com quem durante suas atividades diárias. Ela poderia, então, criar uma rede social de quem tinha conexões mais fortes com quem em diferentes situações”, explica Rachel. Ela se refere à Camila Galheigo, doutora em Psicologia pela USP, que fez as coletas durante seu estágio de pesquisa na Universidade de Durham. O NBDA foi utilizado para compreender como uma informação ou um comportamento é espalhado em um grupo. “Essa modelagem matemática compara as redes de relações dos bichos, que podem ser di-

retamente no ato da observação da tarefa, ou mediadas em outros contextos, como quem faz ‘catação’ do outro, quem brinca mais com o outro. Então, esses modelos comparam o quanto a rede social prevê a trajetória de propagação versus uma rede hipotética”, detalha Ottoni. A rede hipotética assume que cada indivíduo pode aprender por si mesmo, sem a influência ou a observação de outros. Os testes estatísticos compararam os dois modelos para explicar qual deles explicava melhor o comportamento observado, e as evidências apontaram o sucesso do modelo de aprendizagem social para a resolução de tarefas. Nos macacos-prego da Pedra Furada, houve evidências mais fortes de aprendizagem social quando os indivíduos observaram manipulações de tarefas além de 5 m. Esse modelo foi influenciado pela neofobia, em que o indivíduo teme e evita novos objetos. Já nos macacos do grupo Jurubeba, as tarefas eram melhor desempenhadas quando o grupo observava um “solucionador” dentro de 1 m de distância. O sexo influenciou a difusão social em redes de observação dos integrantes do Jurubeba, indicando que os machos tiveram taxas de

aprendizagem mais altas do que as fêmeas. “Neste caso, é benéfico aprender com indivíduos que são bem-sucedidos ou bons na tarefa que você deseja aprender e possivelmente machos, pois os machos tendem a usar ferramentas mais do que as fêmeas nesta espécie. Portanto, podem ser considerados mais proficientes”, afirma Rachel.



Foto: Reprodução/Durham University

É benéfico aprender com indivíduos que são bem-sucedidos ou bons na tarefa que você deseja aprender

Rachel Kendal

Experimento constata inteligência e capacidade social dos primatas

Cada grupo de macacos-prego teve um indivíduo treinado com uma técnica diferente de abertura da caixa. Os do grupo Jurubeba aprenderam a levantar e os da Pedra Furada aprenderam a puxar. Os pesquisadores relataram que, no início, os indivíduos de ambos os grupos usaram a mesma técnica que haviam observado no indivíduo treinado. Nos da Pedra Furada, porém, um indivíduo descobriu a opção alternativa de levantar para conseguir a recompensa e passou a levantar e puxar, de forma intercalada. “Eles vão descobrindo as coisas por eles mesmos. Então, mesmo no grupo em que a segunda técnica foi semeada, a outra técnica também acabou se propagando”, afirma Ottoni. Mesmo assim, a opção de levantar se tornou a mais escolhida entre todos. Não se sabe se a ação era mais natural ou se a porta azul era mais visível. “Requereria um exame mais minucioso para saber se eles não aprenderam a técnica específica, ou se caíram na mais fácil. Mas as estatísticas mostraram que o caminho da propagação da nova técnica foi o caminho das interações sociais”.



Fotos: Camila Galheigo Coelho/PNAS

Duas diferentes técnicas de abertura das caixas foram analisadas

Os macacos-prego produziram as mais antigas ferramentas não humanas conhecidas fora da África, como martelos de pedra e bigornas, e vêm aumentando seu “kit” de ferramentas com o uso de varetas como sondas para buscar presas. “Você junta essa inteligência individual a essa propriedade social da tolerância, que vai variar conforme a relação social, e passa a ser algo fundamental à capacidade de transmitir comportamentos culturalmente. Assim como a

gente depende disso, se não nem estaríamos aqui”, conclui Ottoni.

■ Pesquisadores concluem que tolerância e observação é a fórmula usada pela espécie para compartilhar conhecimento

Foto: Evandro Pereira

ANTÔNIO MEIRA

Natação com um futuro promissor

Desempenho dos atletas em 2024 mostra uma grande evolução dos paraibanos

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O desempenho dos paraibanos em competições aquáticas na temporada de 2024, que inclui a conquista de diversas premiações em níveis nacional e internacional, aponta para um futuro cada vez mais promissor nesta área. Para entender perspectivas, traçar um perfil estadual atual e esboçar cenários vindouros, o Jornal **A União** entrevistou o vice-presidente da Federação de Esportes Aquáticos da Paraíba (Feap), Antônio Meira, ou Toinho, como é mais conhecido.

Antônio Meira esteve na redação do jornal e falou sobre a temporada dos atletas paraibanos nas competições

Entrevista

■ Enquanto vice-presidente da Feap e como ex-técnico e ex-atleta, como você avalia a temporada atual da natação paraibana?

Durante todo o ano, a natação participou dos campeonatos. Nós conseguimos manter-nos como a melhor equipe do Norte e Nordeste em natação, uma participação da Vila Olímpica Parahyba, que é um conjunto enorme de atletas. Nós conseguimos medalhas em todos os campeonatos nacionais que aconteceram esse ano. Nós tivemos um garoto que foi em primeiro lugar no Campeonato Brasileiro Infantil, e foi em Vitória, uma prova muito importante, de 200 m borboleta. Nós tivemos, no primeiro semestre, Tiffany Araújo, que é uma garota que também promete, foi medalha também no primeiro semestre, Luiz Vieira também, que foi medalha, Giovana Campos, que foi medalha em várias competições, Isabela Garcia, que foi medalha em várias competições, e nós temos, assim, uma boa promessa chegando. Tem um grupo de nadadores, principalmente meninas... É importante falar, frisar: tem um grupo de garotas que estão subindo e que prometem bastante, ótimas garotas, que estão nos mais variados clubes da Paraíba, um pouco maior na Vila. Então, assim, em relação à natação, tivemos os atletas lá na Copa Pacífico da Bolívia, tivemos lá várias medalhas, inclusive o melhor nadador, o melhor índice técnico, que é o melhor atleta da categoria Infantil: foi João Gabriel aqui da Paraíba; é uma premiação muito importante e é uma competição interessante, porque você vai nadar com nadadores de outros países, vê uma outra realidade, uma outra língua, outras pessoas. A gente se dá por feliz. Pode ser melhor? Claro que sim, pode ser melhor! Mas, se as equipes da Paraíba, se os técnicos da Paraíba, se os clubes da Paraíba, não fizessem nada, tudo bem. Mas eles fazem, então, se fazem, é porque a natação deve evoluir, e ela vai evoluir.

■ Os Jogos da Juventude permitiram, entre tantas outras coisas, o reconhecimento do potencial do esporte local, sobretudo da natação, uma das modalidades que mais renderam medalhas à Paraíba. A Feap tem em vista a realização de outras competições, além das locais, num futuro próximo no estado?

A gente acredita que as programações das competições nacionais, regionais e

estaduais, elas fomentam novos garotos, novos atletas com relação à natação. A Paraíba vai sediar, no próximo ano, o Troféu Regional Sérgio Silva, que é em homenagem ao Serjão, pelos relevantes serviços que ele prestou e está prestando ainda à natação da região; vai ser aqui, nos dias 24, 25 e 26 de abril.

“

A gente acredita que as programações das competições nacionais, regionais e estaduais fomentam novos garotos, novos atletas com relação à natação

Antônio Meira

■ Quais as suas pretensões em relação ao futuro como vice-presidente da Feap?

A gente termina o ano, se Deus quiser, com tudo em paz, no próximo ano nós estaremos fora da federação, porque acaba o nosso mandato; eu estou como vice na federação, eu não tenho o menor interesse de ficar mais, até porque já faz muito tempo que a gente está nessa batalha. Eu fui eleito presidente, fiquei dois mandatos. O presidente atualmente é Ricardo Barbosa, eu sou vice dele; já foram dois mandatos, então já cumpri uma missão. Muitas felicidades. Claro que tem algumas amargurinhas pelo meio do caminho, mas a quantidade de felicidade que a gente tem supera qualquer coisa. A gente, quando fecha os olhos, que vai lembrar o que aconteceu,

vê que deu uma evoluída muito boa nos esportes aquáticos. E, evidentemente, as pessoas que, por acaso, forem entrar na federação, eu tenho certeza absoluta que vão fazer muito mais; essa certeza eu tenho, não é dizendo por dizer, não. Eu tenho certeza absoluta, porque, sendo um grupo mais jovem, que não levou já muita pancada, entre com outra mentalidade, outra cabeça, outra visão, com diálogo com os atletas sendo mais jovens; eu tenho muita fé que uma nova administração da federação vai fazer os esforços para fortalecer muito mais.

■ Como você tem avaliado a relação entre esses jovens atletas e a tecnologia? Como essa relação pode ser benéfica?

Eu posso considerar que aquela geração de 90, geração de 80, e essa geração que está chegando agora, que está subindo agora, foram e são formidáveis. Mas qual a possibilidade para essa atual? Eles têm a tecnologia, estão procurando ajuda de preparador físico, de fisiologista, de psicólogo. Eles estão procurando ajuda para fortalecer o treinamento fora da piscina, porque, dentro da piscina, tem lá o técnico que vai orientar cientificamente para os treinamentos etc e tal. Mas eles estão agora se apoiando na tecnologia. Na minha época, já tinha, mas, agora, eu tenho mais ênfase. A suplementação, hoje, é uma realidade também dos atletas, que são os repositores; você gasta e você toma. Eu me lembro que, na época, quando eu nadava, o repositor era diferente, mas hoje tem vários outros repositores mais eficientes. Então, assim, eles hoje têm muito mais oportunidades, nessa área da ciência, até porque a natação tem evoluído bastante, e a Paraíba não é diferente. A tecnologia ajudou, a ciência está ajudando bastante a suplementação está ajudando bastante, e várias competições que eles participam. É muito importante participar de competição.

■ O que falta para que a Paraíba volte a ter representantes nas piscinas nos Jogos Olímpicos?

O Brasil tem muita dificuldade em preparar seus atletas aqui. Então, quando o atleta está chegando no nível, faz um índice olímpico, por exemplo, ele vai para os Estados Unidos, vai para fora. Então, na hora que ele vai para fora, ele vai para a equipe forte, porque o ame-

ricano tem uma natação forte, desde a década de 60, não é coisa de hoje, eles são incrivelmente organizados, têm uma ciência altíssima, a parte de fisiologia lá é altíssima, um país de primeiro mundo. Então você deixa de ter referência no Brasil desse tipo de nadador, porque ele vai embora. Esse competidor que chamam de Cachorrão [Guilherme Costa], que participou das Olimpíadas, treina fora. Ainda existe, por parte dos atletas, uma pouca confiança nos técnicos do Brasil. Nós temos grandes técnicos. Os atletas têm que ficar aqui, mas ele não fica aqui. Aqui na Paraíba, o trabalho que se faz é para que o nadador pegue uma Seleção Brasileira, vá para a Olimpíada; esse é o sonho, o sonho alcançável, não é impossível. Mas aí, esses fatores que eu falei para você aqui ajudam muito. O que vai importar agora aqui é saber se as pessoas topam comprometer o seu tempo de treinamento com academia, com fisiologia, com flexibilidade. Se elas têm condições de topar isso.

■ Qual a importância de investimentos governamentais para o fortalecimento do contexto esportivo aquático paraibano?

É importante a gente falar que nós somos um estado pequeno. Nas competições regionais, nós ganhamos dos grandes estados. A Paraíba sempre está em primeiro, segundo e terceiro, nas competições dos grandes estados do Nordeste, do Norte-Nordeste. Então, nessa região da natação da Paraíba, ela, de certa maneira, reina. Então isso, para a gente, é uma coisa muito importante, uma referência a mais. Isso motiva muito quem faz esportes aquáticos. E eu queria falar de outra coisa muito importante agora, que está acontecendo nesse ano. O secretário Lindolfo Pires, lá da Juventude, ele tem apoiado bastante os atletas, ele tem ajudado. Quando o Governo chega perto, além daquela Bolsa Esporte que tem, que é muito importante para os atletas, é uma ajuda significativa para os atletas, ele tem apoiado todos os eventos; quando ele é procurado, ele tem apoiado. Essa viagem para a Bolívia... ele deu a passagem nacional para todos os atletas que foram, 12 pessoas daquela delegação que foram viajar, ele deu. Então é uma coisa muito importante, os atletas têm uma certa segurança de que as coisas vão acontecer.

JUDÔ PARALÍMPICO

Duração de lutas preocupa o Comitê

Estudo mostra que maioria delas dura menos de dois minutos, e isso vai impactar na preparação para os Jogos de Los Angeles

Um estudo coordenado pelo fisioterapeuta da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), Rafael Júlio de Paula, integrante da comissão técnica da Seleção Brasileira de judô paralímpico, mostrou que as lutas duram, em média, menos de dois minutos. Vale lembrar que o tempo regulamentar de um combate é de quatro minutos. O trabalho analisou o tempo de desfecho de 13 torneios da modalidade disputados entre os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 e os de Paris 2024: o Campeonato Mundial de Baku 2022; o Parapan de Santiago 2023; os Jogos Mundiais da IBSA 2023; e 10 etapas de Grand Prix. Ao todo, foram 579 lutas catalogadas, sendo que 91% delas terminaram com menos de dois minutos do tempo total e apenas 9% acabaram decididas no chamado *golden score*, como é conhecida a prorrogação no judô.

Os dados agora servirão para auxiliar a comissão técnica na preparação para o ciclo de Los Angeles 2028. A ideia é que os treinos passem a contar com exercícios realizados em menor tempo e maior intensidade, o que vai preparar melhor os atletas para que o desempenho nos primeiros minutos de luta seja o mais adequado possível à descoberta do estudo.

"Os resultados do estudo são de extrema relevância para o planejamento dos treinos da Seleção de judô e para equipes e treinadores de clubes. Com dados desse tipo, mostra-se a importância do planejamento de treino de forma específica", diz Rafael, que trabalha como fisioterapeuta da Seleção desde 2022.

Alto rendimento

O estudo mencionado foi mostrado durante o VII Congresso Paradesportivo Internacional, evento que reuniu, na semana passada, profissionais para debates, cursos, oficinas e painéis de apresentação de pesquisas que abordam o paradesporto como tema principal. O congresso aconteceu dentro do Expo Brasil Paralímpico, evento que promoveu o paradesporto ao longo de quatro dias dentro da Reatech, uma das feiras mais importantes da América Latina dedicadas à promoção da acessibilidade e da qualidade de vida das pessoas com deficiência.

Outras duas pesquisas de judô paralímpico também tiveram destaque no congresso. Uma delas apresentou os resultados de uma nova variável, denominada Variabilidade da Frequência Cardíaca, para controlar a dose ideal de treino dos atletas. O estudo verificou que essa variabilidade indica quando os atletas estão acumulando fadiga, algo importante para evitar excesso de treino.

Outro trabalho mostrou como a monitoração fisiológica contribuiu para a preparação final dos judocas no ciclo de Paris 2024. Até

as competições anteriores, era feita sempre uma redução gradual nas cargas de treinos de sete a 21 dias antes das lutas. Porém, a redução era igual para todos os atletas. Para os Jogos na capital francesa, a comissão técnica personalizou a redução das cargas de acordo com as necessidades individuais. Como resultado, dois dias antes da competição, todos os judocas estavam plenamente restaurados fisicamente, em condições ideais para os combates. Vale lembrar que, em Paris, o Brasil obteve o melhor desempenho do judô paralímpico em toda a história: oito pódios, sendo quatro ouros, duas pratas e dois bronzes.

"A gente tem potencial para ajustar o treinamento em função da realidade das lutas. Agora temos dados para embasar as mudanças necessárias. Em vez de um atleta fazer um exercício de quatro minutos, por exemplo, em uma intensidade oito numa escala de zero a 10, agora vai fazer duas séries de dois minutos em uma intensidade nove", explica o fisiologista Alexandre Sérgio da Silva, que assumiu a Coordenação de Fisiologia e Ciência dentro da nova equipe multidisciplinar da CBDV, recentemente apresentada, durante encontro da área técnica da Confederação para o ciclo 2025–2028.

O paraibano Wilian Araújo em ação nos Jogos Paralímpicos de Paris



O fisiologista Alexandre Sérgio (E) tem convicção que os treinos podem ser ajustados para melhorar o desempenho



Pesquisa tem mostrado que 91% das lutas desta temporada terminaram com menos de dois minutos do tempo total

Foto: Marcello Zambrana/Divulgação

Foto: Renan Cacioli/ CBDV

Foto: Alexandre Schneider/CBP

“O INSTANTE DECISIVO”

Rotina de atletas em Paris vira filme

Documentário apresenta um olhar atento sobre o dia a dia dos medalhistas paralímpicos para a consagração nos Jogos

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) realizou a pré-estreia do documentário “O Instante Decisivo” na última terça-feira (3), no UCI Cinemas do Shopping Jardim Sul, em São Paulo. Produzido com apoio do CPB e dirigido por André Bushatsky, o filme apresenta um olhar atento sobre a rotina dos atletas paralímpicos que conquistaram medalhas nos Jogos de Paris 2024 e traz histórias pessoais e profissionais de esportistas de diversas Regiões do Brasil, como a lançadora santista Beth Gomes, o velocista paraibano Petrucio Ferreira, a lançadora baiana Raíssa Machado, a nadadora pernambucana Carol Santiago, o nadador mineiro Gabriel Araújo (Gabrielzinho), a mesatenista catarinense Bruna Alexandre e o jogador de futebol de cegos baiano Cássio Lopes dos Reis, destacando seus desafios e conquistas no universo do esporte de alto rendimento.

A obra será exibida na próxima quinta-feira (12), às 22h, no SporTV2 — logo após o Prêmio Paralímpicos. Depois, ficará disponível no catálogo da Globoplay.

O evento de lançamento contou com as presenças de Mizael Conrado, presidente do CPB e bicampeão paralímpico no futebol de cegos; José Antônio Freire, presidente eleito do CPB; Yohansson Nascimento, vice-presidente do CPB e campeão paralímpico no atletismo; bem como dirigentes, esportistas e demais profissionais que participaram do documentário.

“Hoje foi um dia importante para o esporte paralímpico brasileiro. O filme mostra como a campanha histórica feita nos Jogos de Paris foi construída. Agradeço a todos os nossos patrocinadores e parabênizo o André pelo excelente documentário. O Movimento Paralímpico brasileiro está cada dia maior e mais forte. A obra reforça a relevância que o esporte para pessoas com deficiência está ganhando no Brasil”, disse Mizael Conrado. O Brasil teve o seu melhor resultado em uma edição dos Jogos Paralímpicos e terminou o megaevento em Paris na quinta colocação no quadro geral de medalhas, com um total de 89 pódios.

“Nós temos muitas histórias para contar. Não só eu, mas todos os atletas que participaram do filme. Eu sei

de uma cidade pequena lá do Sul [Criciúma-SC]. Fiquei feliz de poder falar sobre a minha carreira e a minha vida para todo o Brasil, vendo tudo isso em uma tela de cinema. Só tenho a agradecer ao CPB por esta oportunidade. É um documentário lindo”, analisou a mesatenista Bruna Alexandre, dona de duas medalhas de bronze (simples e duplas femininas) nos Jogos de Paris.

Durante o documentário, além de histórias pessoais, a prática do paradesporto em nível profissional também é abordada. “Até eu vir pra cá, eu não sabia o que era treino”, disse a atleta Raíssa Machado ao comentar o impacto que o alto rendimento teve em sua vida e o caminho transformador que percorreu.

A atleta Carol Santiago, consagrada a maior medalhista dourada paralímpica da história do Brasil, revelou que “o treino exige 24 horas de preparação, foco e disciplina, porque é muito intenso”.

O velocista Petrucio Ferreira também mostrou sua rotina de treinamentos, explicando como se tornou tricampeão paralímpico e o atleta com deficiência mais rápido do mundo. Em março de 2022, ele completou os 100 m da classe T47 (deficiência nos membros superiores) em 10s29 — diferença de apenas 0,71 centésimos em relação ao recorde mundial do ex-corredor jamaicano olímpico Usain Bolt.

“É mais fácil treinar e competir do que contar a nossa história em frente às câmeras. Fiquei um pouco tenso [risos]. Nunca imaginei que participaria de um filme e que pessoas tão importantes, como meu técnico [Pedro Almeida, o Pedrinho] e a minha esposa [Marta Pereira], fariam tantas coisas bonitas sobre mim. Fiquei bastante emocionado e chorei bastante ao ver o resultado”, admitiu o velocista.

Entre as fascinantes histórias do documentário, destaca-se também a de Beth Gomes, que jogava vôlei, mas viu sua vida ser transformada após o diagnóstico de esclerose múltipla. No entanto, sua paixão pelo esporte a manteve firme e ela se reinventou, tornando-se a atual recordista mundial e campeã paralímpica no lançamento de disco da classe F53 (cadeirantes).

Outro personagem mar-

cante do documentário, Gabriel Araújo, ou Gabrielzinho, falou sobre a técnica que utiliza para nadar cada vez mais rápido. O mineiro foi sensação em Paris ao faturar três medalhas de ouro: 100 m costas, 200 m livre e 50 m costas.

André Bushatsky revelou que os maiores desafios na produção de “O Instante Decisivo” foram adequar as filmagens à rotina de treinamentos intensos dos atletas, que se preparavam para os Jogos Paralímpicos de Paris, e conquistar a confiança necessária para captar momentos mais íntimos de suas vidas, para além do esporte. E ficou certo: o diretor relatou a abertura dos atletas para recebê-lo durante o processo de filmagem: “A troca foi ótima. Queríamos capturá-los

tanto nos momentos de treino quanto nos momentos de intimidade. Eles aceitaram essa proposta de forma muito positiva”.

O documentário nasceu a partir do projeto “Da Inclusão ao Pódio”, série de quatro episódios exibida pelo SporTV e disponível na Globoplay. Segundo André, o objetivo tanto da série quanto do filme é focar nos personagens, em vez de suas deficiências, apresentando-os como realmente são: atletas de elite que superam as barreiras sociais e estruturais que enfrentam no Brasil. “A gente não queria falar da deficiência. Queríamos falar sobre a carreira de alto rendimento: dores, angústia, vida como ela é, treino, vitória. É interessante e emocionante ver o brilho nos olhos de

todos eles, a perseverança, o querer fazer. É claro que, por trás de tudo isso, tem dificuldades no Brasil, mas são personagens incríveis, superesportistas, que estão fazendo acontecer”, afirmou o diretor.

A obra foi produzida pela Bushatsky Filmes e patrocinada pela Toyota, por meio da Lei do Audiovisual. “Com ‘O Instante Decisivo’, reafirmamos o poder transformador do esporte como ferramenta de inclusão e inspiração. Ao apoiar histórias como as dos atletas paralímpicos brasileiros, mostramos que investir na visibilidade e no desenvolvimento de pessoas com deficiência é promover igualdade, valorizar a diversidade e criar um legado para futuras gerações”, explicou Otacílio do Nascimento, gerente de Comunicação

Corporativa da Toyota e diretor da Fundação Toyota.

Sinopse
“O Instante Decisivo” acompanha os principais atletas paralímpicos brasileiros em busca de uma campanha histórica nos Jogos Paralímpicos de Paris. Junto aos times de ciência do esporte, saúde, treinadores, familiares e amigos, eles são acompanhados em sua jornada de garra, suor, sonhos e lágrimas. O documentário explora o verdadeiro preço da excelência: uma mistura de sacrifício pessoal, desafios emocionais e a incessante busca por superar os próprios limites, onde cada segundo de treino conta e cada escolha pode fazer a diferença na história do paradesporto mundial.



Petrucio Ferreira, Bruna Alexandre, Cássio Reis e Gabriel Araújo participaram do lançamento do documentário



Entre as fascinantes histórias, está a de Beth Gomes, que trocou o vôlei pelo atletismo



A medalhista Carol Santiago disse que o treino exige 24 horas de preparação, foco e disciplina

Foto: Alessandra Cabral/CPB

Foto: Alexandre Schneider/CPB

Foto: Marcelo Zambana/CPB

Depois de conquistarem a América, jogadores do Botafogo querem a taça do Brasileiro

CONTRA O SÃO PAULO

Empate dá título, hoje, ao Botafogo

Palmeiras ainda segue vivo na última rodada: precisa vencer o Flu e torcer por uma derrota do Alvinegro

Geraldo Varela
gvarellajpp@gmail.com

As torcidas de Botafogo e Palmeiras vão viver um domingo especial na última rodada do Campeonato Brasileiro de 2024. O time carioca precisa apenas de um empate diante do São Paulo, no Estádio Nilton Santos, para ser campeão — a última vez foi em 1995 — e o paulista necessita derrotar o Fluminense e contar com uma vitória do Tricolor do Morumbi para ser tricampeão de forma consecutiva. Afinal, quem será o campeão? A resposta só ao fim dos 90 minutos e acréscimos da arbitragem. A rodada ainda tem definição do último rebaixado entre Fluminense, Bragantino, Athletico-PR e Atlético-MG, já que Criciúma, Atlético-GO e Cuiabá estão confirmados na Série B de 2025, além da disputa por vaga na Pré-Libertadores, entre Cruzeiro e Bahia. O dia também reserva a despedida do atacante Gabriel Barbosa, do Flamengo, onde uma grande festa está sendo preparada para homenagear o ídolo, que fez 160 gols desde a sua chegada ao clube, em 2019. Todos os jogos vão começar às 16h e a Confederação Brasileira de Futebol está montando um esquema para que não haja atraso em nenhum deles, com o intuito de tudo ser decidido obedecendo os mesmos horários.

Botafogo x São Paulo

A última conquista de um Campeonato Brasileiro pelo Botafogo data do ano de 1995, daí a torcida está ansiosa para fazer uma

grande festa neste domingo, no Estádio Nilton Santos, a partir das 16h. O time pode repetir o feito do Flamengo de 2019, quando levou a Libertadores e o Brasileiro. O zagueiro Barboza será o grande desfalque da equipe comandada por Artur Jorge, que não espera um jogo fácil e pede muita concentração dos jogadores e determinação para levantar a taça. Um empate garante o título, porém uma derrota inesperada frustrará a torcida, caso o Palmeiras ganhe do Fluminense. Já classificado para a Libertadores de 2025, o São Paulo não tem nenhuma aspiração na partida, tanto que o técnico Luis Zubeldía avalia poupar vários titulares. Globo, SporTV e Premiere vão mostrar a partida.

Palmeiras x Fluminense

O jogo ganhou contorno de mais dificuldades para o Palmeiras porque o Fluminense ainda briga para não cair e precisa vencer a todo custo para não depender dos resultados de Bragantino, Athletico-PR e Atlético-MG. O time dirigido por Abel Ferreira quer encerrar a participação no Brasileiro de 2024 com mais uma vitória, independentemente do resultado do jogo do Botafogo. Na última entrevista coletiva, Abel se mostrou desanimado com a possibilidade de um triunfo do São Paulo, dando a entender que o adversário do Botafogo não vai fazer muita força por conta da rivalidade. Porém, o Fluminense vai entrar em campo determinado a dificultar o máximo e com uma

PREMIAÇÃO POR POSIÇÃO

- 1º R\$ 48,1 mi
- 2º R\$ 45,7 mi
- 3º R\$ 43,3 mi
- 4º R\$ 40,8 mi
- 5º R\$ 38,5 mi
- 6º R\$ 36,1 mi
- 7º R\$ 33,7 mi
- 8º R\$ 31,3 mi
- 9º R\$ 28,8 mi
- 10º R\$ 26,4 mi
- 11º R\$ 20,7 mi
- 12º R\$ 19,2 mi
- 13º R\$ 17,8 mi
- 14º R\$ 17,3 mi
- 15º R\$ 16,8 mi
- 16º R\$ 16,3 mi

única preocupação: manter-se na Série A. O SporTV e o Premiere transmitem a partida no Allianz Parque a partir das 16h.

Bragantino x Criciúma

Abrindo a zona de rebaixamento, o Bragantino ainda sonha terminar o Brasileiro na Série A; para isso precisa derrotar o Criciúma, às 16h, com transmissão do Premiere. A vitória sobre o Athletico-PR, fora de casa, deu novo ânimo ao elenco, que não depende apenas de si na rodada. Além de vencer, depende da combinação de resultados dos jogos que envolvem Fluminense, Athletico-PR e Atlético-MG.

Atlético-MG x Athletico-PR

O jogo dos Atlético promete emoção redobrada, principalmente depois da queda do técnico Gabriel Milito, após a derrota de 2 a 0



Jogadores do Palmeiras em treino visando o Fluminense

para o Vasco, no meio da semana. Um empate garante o time mineiro na Primeira Divisão, mas uma derrota pode significar uma queda, dependendo da combinação de resultados na rodada. O jogo na Arena MRV começa às 16h e terá transmissão do Premiere.

Juventude x Cruzeiro

O time gaúcho não corre mais risco de queda para a Segunda Divisão e apenas cumpre tabela no Alfredo Jaconi, enquanto o seu adversário, o Cruzeiro, ainda está na briga por uma vaga na Pré-Libertadores. Disputa com o Bahia a última vaga, já que o Corinthians se garantiu na sétima colocação e não pode ser mais alcançado. O Juventude vem de uma grande vitória sobre o São Paulo, no Morumbi, por 2 a 1, e seu adversário deste domingo perdeu em casa para o Palmeiras, por 2 a 1.

Cuiabá x Vasco

Confronto de um time rebaixado contra outro que se garantiu nas disputas da Copa Sul-Americana e será disputado na Arena Pantanal, a partir das 16h, com transmissão dos canais Premiere. A vitória por 2 a 0 sobre o Atlético Mineiro, em São Januário, deu mais tranquilidade ao Vasco depois de vários resultados negativos. No ano passado, nas últimas rodadas, o time brigava contra o rebaixamento, diferente de agora, onde aparece entre os 10 melhores após a 37ª rodada. O Cuiabá apenas se despede da Série A.

Fortaleza x Internacional

No Castelão, a partir das 16h, o Fortaleza quer encerrar a sua participação no Brasileiro com uma grande vitória e numa posição melhor. Está em quinto, mas

terminará em quarto caso derrote o Internacional e assim levará uma premiação melhor da CBF. O quarto leva R\$ 40,8 milhões e o quinto fica com R\$ 38,5 milhões. O jogo será mostrado pelo Premiere.

Grêmio x Corinthians

Em jogo, somente uma premiação melhor. As duas equipes não almejam mais nada no campeonato. O Grêmio escapou da queda para a Série B e o Corinthians, depois de uma grande arrancada, saindo da zona de rebaixamento, atingiu uma vaga na Pré-Libertadores. O confronto acontece na Arena do Grêmio, a partir das 16h, com transmissão do Premiere.

Flamengo x Vitória

A despedida de Gabigol é o ponto alto da partida. Depois de seis anos se destacando, com 160 gols e ganhando vários títulos, o atacante encerra o seu ciclo no Flamengo em jogo diante do Vitória, a partir das 16h, no Maracanã. A diretoria e a torcida prometem uma grande festa, mas o técnico Filipe Luís já deixou bem claro para os jogadores que uma vitória será ainda importante. O time baiano se consolidou no meio da tabela e se garantiu na Série A de 2025.

Bahia x Atlético-GO

O Bahia briga com o Cruzeiro por uma vaga na Pré-Libertadores e precisa vencer depois de muitas derrotas; a última para o Corinthians por 3 a 0. Não vence um jogo no Brasileiro há seis rodadas e tem a obrigação de quebrar o jejum diante do já rebaixado Atlético-GO. A partida na Arena da Fonte Nova começará às 16h, com transmissão do Premiere.

Classificação

Clubes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Botafogo-RJ	76	37	22	10	5	57	28	29
2º Palmeiras-SP	73	37	22	7	8	60	32	28
3º Flamengo-RJ	69	37	20	9	8	59	40	19
4º Inter-RS	65	37	18	11	8	53	33	20
5º Fortaleza-CE	65	37	18	11	8	50	39	11
6º São Paulo-SP	59	37	17	8	12	52	41	11
7º Corinthians-SP	53	37	14	11	12	51	45	6
8º Bahia-BA	50	37	14	8	15	47	49	-2
9º Cruzeiro-MG	49	37	13	10	14	42	41	1
10º Vasco-RJ	47	37	13	8	16	41	55	-14
11º Vitória-BA	46	37	13	7	17	43	50	-7
12º Grêmio-RS	45	37	12	9	16	44	47	-3
13º Juventude-RS	45	37	11	12	14	48	58	-10
14º Atlético-MG	44	37	10	14	13	46	54	-8
15º Fluminense-RJ	43	37	11	10	16	32	39	-7
16º Athletico-PR	42	37	11	9	17	40	45	-5
17º Bragantino-SP	41	37	9	14	14	39	47	-8
18º Criciúma-SC	38	37	9	11	17	41	56	-15
19º Atlético-GO	30	37	7	9	21	29	56	-27
20º Cuiabá-MT	30	37	6	12	19	28	47	-19

Última rodada

16h

- Grêmio x Corinthians
- Atlético-MG x Athletico-PR
- Bahia x Atlético-GO
- Flamengo x Vitória
- Botafogo x São Paulo
- Palmeiras x Fluminense
- Bragantino x Criciúma
- Fortaleza x Internacional
- Cuiabá x Vasco
- Juventude x Cruzeiro



Objetivo é redefinir
padrões de beleza
e dar visibilidade
à diversidade
indígena, muitas
vezes ignorada pela
indústria da moda

Entre a tradição e a contemporaneidade

Movimento de mulheres tabajaras lança coleção de moda que carrega a cultura e a ancestralidade indígena

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

“**M**oda além dos padrões da sociedade, sem a imposição e a influência dos não indígenas, moda feita por nós e para nós”. É assim que Natália Lima, liderança indígena tabajara e idealizadora da marca Use Niaras, define a proposta da primeira coleção de moda indígena da Paraíba, lançada, em setembro deste ano, pelas mulheres da Aldeia Vitória, localizada na Mata da Chica, em Conde, Litoral Sul da Paraíba. A iniciativa integra as ações do coletivo Niaras, grupo de mulheres indígenas tabajaras que tem como objetivo o fortalecimento do protagonismo feminino pela cultura.

Natália Lima, que também é nutricionista e atua na saúde indígena com os povos potiguara e tabajara, conta que a proposta da coleção é unir tradição e contemporaneidade. “A ideia surgiu a partir do entendimento de que o modelo de estereótipo colonial e seus padrões não nos representam. A partir desse ponto principal, eu idealizei uma marca que carrega a nossa cultura e a ancestralidade a partir das energias e representações do grafismo e de elementos representativos da natureza”.

A coleção inaugural da marca Use Niaras apresenta, ao todo, 14 peças femininas, entre vestidos e conjunto de saias e blusas, tanto infantis quanto adultos. As roupas confeccionadas em algodão representam uma fusão entre o *design* moderno e as referências culturais indígenas, como os traços das pinturas corporais e as cores que exaltam a natureza.

O lançamento da marca e o primeiro desfile ocorreram durante a Mostra Cultural das Niaras, realizada em se-

tembro deste ano, na própria aldeia do grupo. De lá para cá, a coleção também já se apresentou durante a Expo Favela Paraíba e em evento promovido pelo Centro Universitário Uniesp, ambos em João Pessoa. As modelos são mulheres e meninas que fazem parte do coletivo Niaras, e os acessórios foram confeccionados pela artesã tradicional tabajara, Sônia Rodrigues.

O coletivo Niaras reforça que a proposta não se trata apenas de uma marca de roupa, mas de um movimento de mulheres e de empoderamento feminino que busca redefinir padrões de beleza e dar visibilidade à diversidade indígena, muitas vezes ignorada pela indústria da moda. “É uma forma de reafirmação da identidade indígena, pois a moda também é uma ferramenta de comunicação, a partir do vestir”, afirma a criadora da coleção.

A liderança indígena tabajara também revela preocupação com o modo folclórico como trajés indígenas são vistos costumeiramente e defende, para além da moda, outras ações que superem tal visão: “Esse estereótipo precisa ser desconstruído em espaços como as escolas, pois a educação é uma forma de trazer a informação e evitar o preconceito, com isso os paribanos e brasileiros conheçam sua própria história e respeitem a cultura dos povos indígenas”.

Os desafios, como em outras iniciativas de empreendedorismo, são muitos. O grupo está em busca de recur-

sos para realizar investimentos capazes de potencializar a marca e a iniciativa está sendo formalizada com a criação de um CNPJ. Por enquanto, a divulgação e as vendas das peças ocorrem somente pelo contato via o perfil no Instagram (@niaras_tabajara) ou nas feiras de economia criativa das quais o grupo participa e onde exibe a coleção.

O coletivo se comprometeu ainda a reinvestir parte dos lucros obtidos em projetos que apoiam as comunidades indígenas, de modo que cada compra é também uma contribuição à preservação cultural e ao desenvolvimento sustentável dessas comunidades. “A marca convida a todos a explorar essa nova coleção, que não apenas veste o corpo, mas também toca a alma”, convoca o perfil do coletivo na rede social.

Coletivo Niaras

Mulheres em busca de grandes objetivos. Esse é o lema do coletivo Niaras, fundado em 2019, com o objetivo de fortalecer o protagonismo das mulheres indígenas tabajaras. O grupo, que atualmente conta com aproximadamente 70 integrantes, desenvolve ações para dar visibilidade à sua cultura, a exemplo da organização de uma horta coletiva orgânica, de estímulo à produção de artesanato e da medicina tradicional, apoiando práticas de reflorestamento de áreas degradadas da comunidade.

Para fortalecer essas iniciativas e estimular parcerias com Poder Pú-

Foto: Arquivo pessoal



Idealizadora da coleção, Natália Lima: “O modelo de estereótipo colonial e seus padrões não nos representam”

blico, universidades e movimentos e organizações sociais, a cada ano as mulheres do Niaras promovem um encontro na aldeia. O evento celebrativo envolve rodas de conversas para discussão de questões ligadas ao contexto da mulher indígena e de outros temas de interesse, além de feira de economia criativa, apresentações culturais e oficinas como grafismo, cerâmica e artesanato. A edição deste ano, que procurou exaltar a beleza das originárias e celebrar a força da mulher indígena tabajara, contou, além do primeiro desfile da coleção de moda, com uma exposição fotográfica, a exibição de documentário e a prática do ritual do Toré das Niaras, conduzido por mulheres.

Os povos indígenas tabajaras se concentram no Litoral Sul paraibano, em bairros periféricos de João Pessoa e nos municípios de Pitimbu, Alhandra e Conde, onde se estabelecem em quatro aldeias: Barra de Gramame, Nova Conquista Taquara, Severo Bernardo e Vitória. As áreas desses municípios ainda aguardam demarcação como território indígena.

Acervo inaugural da Use Niaras apresenta roupas confeccionadas em algodão que representam uma fusão entre o *design* moderno e as referências culturais indígenas



Foto: João Pedrosa



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O nome do maestro Severino Araújo ficou indissociavelmente associado à Orquestra Tabajara e, por consequência, à Paraíba, apesar de ser pernambucano e ter vivido a maior parte da vida no Rio de Janeiro, de onde partiu para se apresentar em di-

versas partes do mundo. Numa entrevista ao jornalista Josélio Carneiro, publicada na **A União**, o músico fez questão de afirmar: “Em todos os lugares, antes que me esqueça desse detalhe importante, o nome de João Pessoa, da Paraíba, está sempre à frente. Sabe por quê? Porque eu dizia, disse e direi sempre que a Orquestra Tabajara foi organizada em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, que fica no Nordeste do Brasil”.

A trajetória do menino nascido em 23 de abril de 1917, na cidade de Limoeiro, em Pernambuco, tomaria o rumo das terras paraibanas quando ainda tinha nove anos. O pai e músico autodidata, José Se-

verino de Araújo (Mestre Cazuzinha), se estabelecerá em Aroeiras, na Paraíba, com a esposa, Amélia Araújo de Oliveira, e os cinco filhos, incluindo Severino, para assumir a regência de uma banda musical. Quatro anos depois, em 1930, a família transferiu-se para o município paraibano de Ingá, onde o talento musical do adolescente, já cultivado de berço, aflorou com mais intensidade em razão de sua participação na banda de música da cidade, tocando clarinete, seu instrumento predileto.

“O seu passatempo preferido era ficar ao pé de um rádio horas a fio, ouvindo as orquestras de Tommy Dorsey, Glenn Miller, Duke Ellington, Benny Goodman e outros considerados monstros sagrados do *jazz band*”, escreveu o violinista pernambucano Sevy Falcão, para o projeto *Paraíba, Nomes do Século*. Em poucos anos, o próprio Severino estaria conduzindo uma orquestra transmitida também pelas ondas hertzianas.

Para chegar até lá, o jovem não descansava, dedicando-se tanto ao estudo de teoria musical quanto à prática, inclusive de outros instrumentos, como, exemplo de trompa, trombone e saxofone. Aos 19 anos, transferiu-se para João Pessoa, onde ingressou na Polícia Militar. Um ano depois, ele passou a integrar o quadro de músicos da Jazz Tabajara, banda contratada para tocar nos programas da emissora de rádio de mesmo nome.

Severino Araújo sentia orgulho de ter participado da inauguração da Rádio Tabajara. No começo, a nova emissora ficava “no ar” apenas no período noturno, por cerca de três horas. Boa parte da enxuta programação era ocupada por atrações musicais, o que exigia a contratação de um grupo instrumental para dar suporte às apresentações realizadas ao vivo. A Orquestra Jazz Tabajara, que já tocava em

bailes da cidade, foi contratada pela “PRI-4”, prefixo da emissora governamental, e passou a aparecer na divulgação da programação como Jazz da PRI-4. O escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), Flávio Ramalho de Brito, explica que a denominação “jazz” era muito usada na época por grupos, em razão da influência e popularidade das *big bands* norte-americanas.

“Ao iniciar as suas atividades na emissora, a Jazz Tabajara foi reforçada com a entrada de músicos que, na época, eram ainda desconhecidos, mas que, posteriormente, estariam entre os principais instrumentistas do país: o trombonista José Leocádio (autor do célebre choro “Paraquedista”), o admirável saxofonista Sebastião Barros, mais conhecido como K-Ximbinho, compositor dos clássicos “Eu quero é sossego”, “Sonoroso”, “Ter-nura”, “Sempre” e tantos outros, e, também, um jovem clarinetista pernambucano vindo da Banda da Polícia Militar da Paraíba chamado Severino Araújo de Oliveira”, relata Ramalho.

A Jazz Tabajara apresentava-se de segunda à sexta-feira, das 20h às 22h30, ou acompanhando grandes atrações de renome nacional que desembarcaram na capital para se apresentar no palco da emissora. Severino Araújo assumiu a direção da banda no ano seguinte à sua entrada, com o falecimento do fundador e regente, Olegário de Luna Freire. Em trecho de uma entrevista concedida ao jornal carioca *O Globo*, transcrito por Flávio Ramalho, o músico contou como foi esse processo:

“Ninguém queria ser regente da orquestra quando Olegário morreu. Foram procurar músicos renomados pelo Brasil agora, mas ninguém parecia disposto a tamanho compromisso. Até que vieram me chamar. Chegaram até a insistir para eu aceitar a função. Topei a parada, mas com

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

O que fazer para fugir da epidemia de “cérebros podres”?

O termo *brain rot* dominou as buscas na internet em 2024, sendo eleita a “palavra” do ano, segundo o Dicionário Oxford. A tradução literal? Nada mais nada menos que “cérebro podre”.

Sim, você leu certo: cé-re-bro po-dre. A deterioração cognitiva causada pelo excesso de informações superficiais e pouco estimulantes nas redes sociais virou um fenômeno global. Mais de 130 mil pessoas procuraram por esse termo ao longo deste ano, mostrando que a nossa saúde mental está em risco.

Apesar de ter “bombado” nas buscas deste ano, porém, a expressão *brain rot* não é nova. O escritor estadunidense Henry David Thoreau, autor da autobiografia *Walden*, já usava o termo em 1854.

Na obra, Thoreau critica a falta de valorização de ideias complexas e compara o cérebro podre (*brain rot*) ao apodrecimento das batatas na Inglaterra. “Enquanto a Inglaterra se esforça para curar a praga da batata, não haverá nenhum esforço para curar a praga do cérebro — que prevalece muito mais ampla e fortemente?”, cita o autor.

Em contexto digital, segundo aponta o portal Terra, as raízes do termo *brain rot* remontam a 2007, a partir de uma brincadeira on-line. Com o tempo, a expressão ganhou força e passou a refletir uma preocupação crescente com o impacto do consumo excessivo de conteúdo de baixa qualidade na nossa mente.

Mas por que todo mundo está falando sobre isso agora, 170 anos depois de seu primeiro uso na obra *Walden*? A respos-



Henry D. Thoreau (1817-1862), autor da autobiografia “Walden”, já usava o termo em 1854

ta é simples: o burburinho na internet. A procura pelo termo *brain rot* cresceu 230% entre 2023 e 2024, conforme pesquisadores do Dicionário Oxford.

Aliás, a popularização do termo foi tão grande que até motivou pesquisadores do Boston Children’s Hospital (principal hospital pediátrico de treinamento

Imagem: Reprodução/Thunderperige

e pesquisa da Harvard Medical School, Universidade de Harvard) a identificar um novo distúrbio: o Uso Problemático de Mídia Interativa. Já existem clínicas nos Estados Unidos, inclusive, oferecendo tratamento para *brain rot*, cujos sintomas são apontados como “neblina mental, letargia, redução da capacidade de atenção e declínio cognitivo”.

Detalhe: a maior parte desse conteúdo-lixo está sendo consumida por nós nas redes sociais. Nós? Sim, eu também me incluo na lista de quem vê ou lê bobagens na internet — e bem mais do que eu gostaria. Até tento me controlar, mas quando olho para o relógio, percebo que já perdi um tempo imenso com idiotices no Instagram que, praticamente, não acrescentam nada à minha vida.

Para fugir desse hábito que não faz bem a ninguém, tenho adotado algumas estratégias: ignorar o celular logo que acordo, para evitar o acesso tão cedo às redes sociais; deixar o aparelho para carregar longe de onde estou (às vezes, um metro de distância é suficiente para esquecê-lo); reservar o horário a partir das 20h30, 21h para leitura de livros.

Claro que nem sempre dá certo, mas tenho conseguido avançar bem no tempo dedicado aos livros.

Caso você goste de algumas das dicas que sugeri, fique à vontade para adotá-las ou compartilhe comigo o que você tem feito para não ser contaminado pela epidemia de “cérebros podres” que nos assola.

Severino Araújo

Das ondas radiofônicas à vanguarda orquestral

uma condição: a orquestra que já tinha até programa diário no rádio, teria que ser tal como as norte-americanas: quatro saxofones, três pistons, dois trombones e ritmo. Naquele tempo, tínhamos um instrumento a menos de cada tipo. Aceitaram minha exigência, contrataram mais três elementos e fomos em frente”.

O propósito de Severino era transformar a Jazz Tabajara numa orquestra moderna. Por isso, reunia todos na sua casa para escutar as músicas dos reis do *fox*, colocando arranjos típicos das *big bands* em canções brasileiras de choro e frevo. Em pouco tempo, o grupo estava tão afinado que facilmente se passava por uma banda norte-americana. “Surgia dessa fusão o inconfundível som da futura Orquestra Tabajara. Foi, também, na Paraíba, no seu tempo de regente da Jazz Tabajara, que Severino compôs as suas músicas mais conhecidas, como “Espinha de Bacalhau” e “Um chorinho em Aldeia”, escreve Ramalho.

“Espinha de Bacalhau”, como um desafio do maestro ao fôlego de seu parceiro, o clarinetista K-Ximbinho, até hoje é considerado um dos choros de maior dificuldade, pois a melodia é muito extensa e quase não deixa o solista respirar, uma verdadeira espinha atravessada. Gravado pela primeira vez em 1945, pela nova Orquestra Tabajara, no Rio de Janeiro, o choro demonstra a técnica ao saxofone e a capacidade de seu compositor de mesclar o ritmo brasileiro com elementos do *jazz* norte-americano. Em 1981, a composição ganhou versão cantada por Ney Matogrosso e Gal Costa, com letra de Fausto Nilo, que expressou o clima de sufoco da música, em uma cena típica dos bailes da Orquestra Tabajara.

Já “Um chorinho em Aldeia”, primeiro sucesso popular de Severino Araújo, foi

composto quando ele servia ao Exército no 15º R.L., em Aldeia, localidade que atualmente pertence à Região Metropolitana de Recife, em Pernambuco. Numa apresentação na Rádio Tupi, transmitida em um domingo de fins de 1944, a magistral interpretação de Severino em clarinete provocou, no dia seguinte, uma enxurrada de telefonemas para a emissora, pedindo para que reprisasse a gravação.

além de se apresentar em saraus no Cassino da Lagoa e no Pavilhão do Chá.

A notícia da excelência da orquestra paraibana chegou até a capital do país e, por meio do ex-colega Porfírio Costa, Severino Araújo recebeu convites para trabalhar profissionalmente no Cassino Copacabana e na Rádio Tupi, pertencente ao grupo Diários Associados, do paraibano Assis Chateaubriand.



Araújo regendo a Orquestra Tabajara, que participava de programas da rádio, eventos e bailes, além de várias apresentações fora do país

Severino Araújo esteve à frente da Jazz Tabajara por seis anos, de 1938 a 1944, período em que artistas consagrados nacionalmente, que vinham se apresentar em programas de auditórios da Rádio Tabajara e do Teatro Santa Roza, atestaram a qualidade do grande instrumentista e do conjunto musical. O grupo também mantinha agenda nos bailes de clubes como Astrêa, em Tambiá, e Cabo Branco, em Jaguaribe,

“Na noite do dia 24 de julho de 1944, em apresentação realizada no Cine Plaza, no Centro da capital paraibana, Severino Araújo regeu pela última vez a Jazz Tabajara. Ele e o trompetista Geraldo Medeiros haviam sido contratados para trabalhar no Rio de Janeiro. Em dezembro do mesmo ano, a convite de Severino, os irmãos Araújo e alguns integrantes da Jazz Tabajara deixavam a Paraíba para formar, no Rio de Ja-

Tocando em Frente

Os instrumentistas da MPB — XIV

Quando se trata de instrumentistas, pouco tem sido valorizada a execução do acordeão na MPB, pelo menos no que diz respeito à simples audição, mesmo porque se trata de um instrumento que, na indústria fonográfica, serve mais como componente de conjuntos que acompanham os intérpretes vocais. Mesmo assim, não há como não destacarmos aqueles que só engrandeceram o uso da sanfona.

Dentre os que já citamos em coluna anterior, Mário Giovanni Zandomenighi (Ronca-de-Treviso, Itália, 1920—São Paulo, 2006), portanto, italiano de nascimento, veio para o Brasil, ainda na primeira infância (com quatro anos de idade), na década de 1920, com a família, estabelecendo-se no interior paulista (Adélia e Olímpia), fugitivos das agruras de duas guerras mundiais que abalaram a Europa.

Por volta de 1932 é que o menino começou a se interessar por música, especificamente pela sanfona, que ele, acompanhando a família, costumava ouvir nas festas juninas, no interior paulista e em outras regiões do Centro-Sul do país. O primeiro acordeão lhe foi passado pelo irmão mais velho, que o havia ganhado do pai e pelo qual não havia se interessado. Então, com 13 anos de idade, Mário Zan começou a se apresentar em festas domésticas, já ficando conhecido nos ambientes que frequentava como o “moleque na sanfona”. Curiosidade: de tão pequeno, ainda como autodidata, costumava se apresentar em cima de mesas.

Evidentemente que a música típica dos festejos interioranos, com derivação para a música caipira (sertaneja autêntica), serviu de primeira inspiração. Posteriormente, é que

buscou novos caminhos nos sons dos dobrados marciais, que tanto o empolgavam.

Com a família passando a morar na capital paulista, especificamente no Bairro Ipiranga, é que o garoto começou a receber aulas, como ele próprio dizia, “para saber o que estava fazendo...”. Daí, vieram as participações em programas radiofônicos para calouros. Assim, suas primeiras apresentações para um público mais influente começaram pela emissora Rádio Educadora Paulista, que depois se transformou na Rádio Gazeta de São Paulo. O primeiro emprego, no ramo artístico, aconteceu nos microfones da Rádio Bandeirante, de onde passou para a incipiente TV Band, levado pelo galã televisivo Walter Foster que lhe atribuiu o sobrenome artístico Zan.

Nos anos 1940, época de ouro dos cassinos, vamos encontrá-lo atuando nas noites paulistas, já como profissional consagrado. Foi outro astro televisivo, o polonês Zieminski, que o levou para o Rio, época em que o influenciou no *mise-en-scène*, fazendo-o apresentar-se, no palco, em pé, não mais sentado como o fazia antes, pois isso o elevava à condição de protagonista de uma apresentação, com a execução de um instrumento que sempre era relegado a segundo plano, como simples acompanhante.

Em 1944, veio a gravação do seu primeiro fonograma, um 78 rpm, com os lados A — “El Choclo” (uma milonga argentina tradicional de Ángel Villoldo) e B — “Namorados” (uma valsa de sua autoria).

Com o fechamento dos cassinos (1946) pelo presidente Dutra, Mário Zan, com uma equipe de amigos acompanhantes, passou a apresentar-se em cinemas e circos, excursionando por várias praças interioranas de São Paulo,



Acordeonista Mario Zan com a filha, Mariangela

Minas, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande Sul. Foi numa dessas viagens que, às margens do rio Paraguai, em Corumbá, compôs, em parceria com Arlindo Pinto, a dolente canção “Chalana”, que ainda hoje é ouvida e celebrada e que mereceu inúmeras gravações, inclusive de intérpretes consagrados, como Sérgio Reis, em 1970, e Almir Sater, em 1990, além de servir de tema musical para a novela *Pantanal*.

Foi Luiz Gonzaga, o “rei do baião”, que, quando trocou a condição de sanfoneiro para a de cantor, o cognominou de “o rei da sanfona” e o indicou para a poderosa gravadora RCA, onde Mário gravou cerca de 300 78 rpm e 40 LPs.

A consagração — pode-se dizer — definitiva veio quando Mário Zan (com parceria de José Manoel Alves) compôs o “Hino Oficial do IV Centenário de São Paulo” (09/7/1954), cujo 78 rpm vendeu mais de um milhão de cópias e, ao lado de outras execuções, serviu de pmo de fundo para a inauguração do estádio do Pacembu, sendo, na ocasião, acompanhado pelo Miami Jackson Band, grupo de jazz dos EUA. A música nos cativa também pelo destaque, como contraponto, de um acompanhamento de baixo-tuba, que embeleza ainda mais o ritmo marcial da melodia.

Com mais de mil composições (solo e/ou em parceria), a grande maioria delas aparece vinculada ao que se consagrou como “música caipira”, como “Quadrilha Completa”, “Balão Bonito”, “Noites de Junho”, “Pula Fogueira” e “Festa na Roça” (de 1951, parceria com Palmeira), esta última ainda servindo hoje como a música básica de marcação das “quadrilhas” nas festejadas noites juninas pelo interior do Brasil. Saindo desse gênero, o seu maior sucesso foi, e continua sendo, a guarânia “Nova Flor” (também parceria com Palmeira) e que, em ritmo de bolero, passou a se chamar “Os homens não devem chorar” e mereceu gravações em inglês (“Love me like a Stranger”), em espanhol (“Los hombres no deben llorar”) e em alemão (“Freunde oder Feinde”), com fonogramas executados em vários países, como EUA, Portugal, França, China, Japão, Alemanha, Áustria e o *hit*, gravado no México por Julio Iglesias.

Enfim, Mário Zan, que hoje é nome de praça no bairro onde viveu, o Ipiranga, inaugurada em 2008, é considerado por especialistas e audiófilos como um dos melhores acordeonistas da MPB.

TECNOLOGIA

OpenAI estuda modelo de propaganda para chatbot

Plano faz parte de reestruturação da empresa, que passou a ter fins lucrativos

Mariana Cury
Agência Estado

A OpenAI, empresa dona do ChatGPT, está estudando a possibilidade de incluir propagandas em seus serviços de inteligência artificial (IA). Os planos fazem parte de uma reestruturação desde que a OpenAI passou a ser uma empresa com fins lucrativos. As informações foram divulgadas pelo jornal *Financial Times*.

A diretora financeira da Open AI, Sarah Friar, afirmou à publicação inglesa que a empresa está avaliando uma possibilidade de anúncios e que planeja ser “cuidadosa sobre quando e onde os anúncios aparecerão”.

Segundo uma análise do *Financial Times* de anúncios divulgados no LinkedIn, a OpenAI está contratando profissionais da publicidade de usar esse recurso que já trabalharam em rivais da companhia, como o Google e a Meta.

Uma das principais concorrentes da OpenAI, a Perplexity AI, que conta com um buscador de internet turbinado por inteligência artificial, também já está testando a publicidade em seus produtos. No mesmo sentido, a OpenAI está estudando a possibilidade para aproveitar a sua liderança no setor.

A estratégia do uso da publicidade vem sendo uma alternativa para que as empresas de tecnologia consigam monetizar seu público e, também, financiar os treinamentos dos



Foto: Reprodução/Bloomberg

Diretora financeira Sarah Friar acredita que existem outras possibilidades de receita para a Open AI

grandes modelos de inteligência artificial.

Atualmente, a OpenAI é uma das empresas de capital fechado mais valiosas do Vale do Silício, com uma avaliação em cerca de US\$ 150 bilhões. Entretanto, os custos de desenvolvimento dos modelos de IA apontam que, em curto prazo, a empresa poderá precisar gastar mais do que fatura.

Para o *Financial Times*, Sarah Friar disse que acredita que os modelos de anúncios têm desvantagens por serem sensíveis a oscilações no setor econômico e, muitas vezes, mudarem o foco da empresa

para, em vez de agradar os usuários, agradar os anunciantes. Ela acredita tam-

bém que existem outras possibilidades de receita para a empresa.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: nota musical (1) = fá + uma segunda nota (1) = lá + sofrimento (1) = dor. **Solução:** pessoa tagarela (3) = falador. **Charada de hoje:** o vento (1) cai na criminosa (1), sujando-lhe o avental (2) e o queixo (2), sem nenhum enleio (6).

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Desastres causados por erros matemáticos
Exploradores que foram ao Polo Sul, mas erraram nas calorias; um navio de guerra e uma nave espacial que se perderam porque os construtores misturaram os pés; um míssil que falhou o alvo por uns *bits*... no que diz respeito à matemática, é preciso ter muito cuidado. A seguir, listamos alguns desses desastres causados pela ciência que estuda os números e variações.

Expedição sem calorias
Durante uma das primeiras expedições ao Polo Sul, entre 1910 e 1912, o líder do grupo, Robert Falcon Scott, calculou errado a quantidade de calorias nas rações dos exploradores. Eles estavam ingerindo cerca de 4.400 kcal por dia. No entanto, por conta do frio e dos esforços, gastavam cerca de 7.000 kcal diariamente. Por conta desse déficit calórico, eles chegaram ao destino com cerca de 25 kg de peso a menos. Na viagem de volta, emagreceram tanto que acabaram morrendo de fome.

Trocando os pés pelos metros
Em 1628, o novo navio de guerra sueco, *Vasa*, afundou a menos de uma milha da costa. O motivo? A embarcação estava assimétrica, era mais “encorpado” a bombordo do que a estibordo, já que os construtores trabalharam com diferentes sistemas de medida: quatro régua tinham sido utilizadas: duas calibradas em pés suecos, que correspondiam a cerca de 30 cm. E as outras duas, em pés holandeses — cerca de 28 cm.

Um erro semelhante ocorreu alguns séculos mais tarde, com a sonda espacial Mars Climate Orbiter, da Nasa, que ia orbitar Marte. A equipe de engenharia fez os cálculos com o sistema imperial britânico; já o grupo do Jet Propulsion Lab usou o sistema métrico.

Por 0.010111000011 segundos
Em 1991, durante a Guerra do Golfo, um míssil norte-americano não foi capaz de interceptar um míssil iraquiano, o que resultou na morte de 28 soldados. A causa foi um cálculo impreciso do tempo, desde a inicialização do míssil, devido a erros aritméticos por parte do computador. Mais especificamente, o relógio interno do míssil media o tempo em décimos de segundo e os cálculos eram efetuados utilizando números com 24 *bits*. O problema é que, no sistema binário, o número 1/10 (ou seja, 0,1), não admite uma representação finita e a sua expansão binária foi cortada após 24 *bits*. Ao longo de 100 horas, esse erro foi se acumulando, chegando a ser de 0,34 segundos. Nesse espaço de tempo a mais, o míssil iraquiano percorreu mais de meio quilômetro de vantagem no ataque.

Balanço da ponte
Em Washington, EUA, no dia 7 de novembro de 1940, devido a ventos de cerca de 65 km/h, a ponte pênsil de Tacoma Narrows caiu (foto acima). A estrutura era feita de aço e, por mais estranho que pareça, esse material tem uma elevada elasticidade e, portanto, oscila com uma certa frequência natural. A força externa periódica que atuava sobre a ponte tinha uma frequência que coincidia com a frequência natural dela, promovendo um fenômeno chamado ressonância mecânica.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução
1 – flível; 2 – espada; 3 – bandeira; 4 – atrevo; 5 – orelha do gato; 6 – frente do gato; 7 – janela; 8 – dente do rato; 9 – punhal.